



A Vida de Vivekananda

Romain rolland

A vida de Vivekananda

Romain Rolland

*“Não esqueça jamais a glória da
natureza humana. Somos o maior
dos Deuses. Os Cristos e Budas
são tão somente ondas do imenso
oceano do Ser”*

Vivekananda

PRELUDIO

O dileto discípulo que herdara o acervo espiritual de Ramakrishna e semeara pelo mundo a semente de seu pensamento era, tanto no físico como na moral, sua antítese perfeita.

O Mestre Seráfico passou a vida aos pés ou nos braços da Amada Divina, a Mãe, o Deus vivo. Desposou-se com ela em sua infância, à semelhança dos matrimônios da Índia. Antes de ter consciência de si mesmo a tinha já de sua amada. Se mais tarde teve que sofrer vários anos de mortificações para reunir-se com ela, foi, como nas epopéias dos cavaleiros andantes, para merecê-la e conquista-la. Ao final de todos os caminhos que no bosque se entrelaçam, só estava ela, ela só: Deus múltiplo com infinitos rostos. Quando a alcançou, havia aprendido a conhecer, um por um, aqueles rostos, a possui-la em sua totalidade. Deste modo incluiu nela ao mundo inteiro, transcorrendo o resto de sua vida na serena plenitude daquela viva satisfação cósmica cantada no Ocidente pelos grandes reveladores Beethoven e Schiller.

Porém fez mais: a realizou melhor que nossos trágicos heróis. A alegria se objetiva para Beethoven como uma mirada azul em meio ao caos de nuvens que se entrechocam. O Paramahansa – o cisne da Índia – planou sobre o lago de safira da eternidade, além da cortina dos dias tempestuosos. Seus mais audazes discípulos nem sempre podiam segui-lo. O maior deles, o espírito de maior envergadura – Vivekananda – não o conseguiu senão depois de vôos violentos e de tempestades que, por mais de uma vez, tem me recordado as de Beethoven. Até quando se detinha, as velas de seu barco inchavam-se com todos os ventos. Os gritos da terra, os padecimentos da época, o rodeavam com seu faminto coro de gaivotas. Disputavam aquele coração de leão de todas as paixões da força (não as da debilidade). Era a energia feita homem e aconselhada aos homens. Para ele, como para Beethoven, constituía a base de todas as virtudes. Até chegou a dizer em sua repulsa à passividade, cujo jugo secular pesa sobre a bovina frente do Oriente.

“- Antes de tudo, sejam varonis e fortes! Jovens, eu respeito até aos malvados, sempre que sejam fortes e varonis, porque sua força os fará um dia renunciar à sua maldade e até a todo egoísmo. Ela os conduzirá à verdade” (Vivekananda, 1891).

Seu aspecto atlético contrasta com o terno corpo, tão delicado e não obstante tão resistente de Ramakrishna. Era alto (um metro e setenta e três), largo de costas e de peito, corpulento e pesado (pesava 110 quilos). Tinha braços musculosos, exercitados em todos os esportes; de tez azeitonada, cara redonda, frente larga, mandíbula poderosa, olhos magníficos, grandes, obscuros, algo convexos, com pálpebras grossas, cujo desenho recorda a clássica folha de lótus.

Nada escapava à magia do seu olhar, que ao mesmo tempo acariciava com sua irresistível sedução, que brilhava de talento, de ironia, de engenho, ou se extraviava no êxtase ou aprofundava imperativamente no íntimo das consciências, fulminando com sua fúria. Porém, sobretudo, não se lhe aproximou ninguém, nem na Índia nem na América, que não ficasse impressionado pela sua majestade.

Havia nascido rei. Quando aquele garoto de vinte anos se apresentou pela primeira vez em Chicago, na sessão inaugural do Parlamento das Religiões (que foi inaugurado em Setembro de 1893 pelo cardeal Gibbons), eclipsou a todos que o rodeavam. Sua força e formosura, a graça e dignidade em sua maneira de sustentar a cabeça, o sombrio fulgor de seus olhos, seu imponente modo de andar; e tão logo falou, a esplêndida música de sua voz cálida e profunda sugestionou de imediato àquela multidão de anglo-saxões da América, prevenidos contra ele por seus preconceitos de raça, e o pensamento do guerreiro profeta da Índia imprimiu seu selo nas mentes dos norte-americanos.

Ninguém poderia imaginá-lo ocupando um lugar que não fosse o primeiro. Até seu mestre, Ramakrishna, numa visão que já relatei, representava a si mesmo junto ao amado discípulo como um menino junto ao grande Rishi. Apesar de evitar as homenagens, se auto julgando com severidade e até se humilhando, todos, a primeira vista, reconheciam nele o eleito do Senhor, o chefe, o homem marcado com o selo do poder que comanda os homens. Alguém que cruzou com ele, sem conhecê-lo, no Himalaia, se deteve surpreso e exclamou: “- Shiva!”...

Foi como se seu deus preferido houvesse escrito seu nome na testa.

Mas aquele rosto de mestre se achava açoitado pelos quatro ventos do espírito. Muito poucas vezes desfrutou da serenidade do ar, os espaços límpidos do pensamento onde penetrava o sorriso de Ramakrishna. Aquele corpo, demasiado poderoso, aquele cérebro tão vasto, eram o campo de batalha propício para as violências da alma. O presente e o passado, Oriente e Ocidente, a ação e o sonho, se sintetizavam nele. Sabia demasiado, podia demasiado para consentir numa harmonia formada pela renúncia de uma parte de sua natureza, de sua verdade. A síntese das grandes forças opostas exigia anos de luta, nos quais se consumiu seu heroísmo ao par de sua vida. Combate e existência eram para ele sinônimo... Muito curto foi o lote de dias que se lhe atribuiu. Só 16 anos desde a morte de Ramakrishna... Uma labareda!... Quando estenderam o atleta sobre sua pira tinha menos de 40 anos.

Porém a chama daquela pira arde até hoje. E, como o clássico Fenix, tem renascido de suas cinzas a consciência da Índia – ave mágica – a fé em sua unidade e na grande mensagem que, desde a época dos Vedas prepara o espírito sonhador de um povo milenar, do qual tem que dar conta o resto da humanidade.

A “PARIVRAJAKA”

INVOCAÇÃO DA TERRA A ALMA ERRANTE

Desde a noite de Natal de 1886, que relatei no livro anterior – aquela velada mística de Baranagor, na qual ficou instituída, entre lágrimas de amor em recordação do mestre falecido, a nova comunhão de seus apóstolos – transcorreram muitos meses, e ainda anos, antes de que se organizasse a obra que converteu em ação viva o pensamento de Ramakrishna.

Era preciso estender uma ponte, mas ninguém se atrevia. O único que teve energia e talento para estende-la – Naren* – titubeava então. Se achava igual a todos eles, inseguro, aniquilado pelo sonho e a ação. E antes de assentar o arco que haveria de unir as duas margens, necessitava conhecer e explorar o outro lado: a Índia real e o mundo de hoje. Porém nada estava claro ainda. A futura missão ardia obscuramente na alma febril daquele jovem predestinado de 23 anos. Era tão vasta, tão pesada, tão complexa a tarefa!... Como poderia abarca-la, ainda que só fosse em espírito? Quando e por onde haveria de começar? Adiaava, angustiado, o momento da decisão. Mas, o que podia impedir a discussão apaixonada no silêncio de sua consciência? A batalha continuava todas as noites desde os dias de sua adolescência, não entre idéias, senão entre os instintos fogosos e contraditórios de sua natureza, entre os desejos insatisfeitos. Desejo de possuir, de vencer, de dominar a terra. Desejo de renunciar a tudo na terra para alcançar a Deus.

*nota – Devo recordar que seu verdadeiro nome era Narendranath Dutt. Não adotou o de Vivekananda até o momento de sair para a América. Sobre isso, fui informado na Ramakrishna Mission, que Ramakrishna lhe chamava sempre por seu nome: Narendra, ou, para abreviar, Naren. Durante suas primeiras viagens pela Índia se apresentava com nomes diferentes, para dissimular sua personalidade. Na véspera de sua saída para a América, quando foi ver o Coronel Olcott, que então presidia a Sociedade Teosófica, para pedir-lhe cartas de apresentação, o fez com o nome de Satchidananda, com o qual lhe conhecia aquele. E, em vez de recomendar-lo, pôs em guarda contra ele a seus correspondentes americanos. Sudhananda, futuro secretário da Ramakrishna Mission, leu a carta de Olcott para Dharmapala, nos EUA. O Marajá de Kheti, grande amigo seu, foi quem lhe sugeriu o nome de Vivekananda quando ia embarcar no vapor. Naren o aceitou provisoriamente, mas não lhe seria possível troca-lo, mesmo que quisesse, pois em poucos meses adquiriu este nome uma celebridade mundial.

A luta se renovou durante toda sua vida. Aquele guerreiro da alma, aquele conquistador, tudo necessitava: Deus e o mundo. Dominar tudo, renunciar a tudo. O excesso de forças que inflamava seu corpo de atleta romano e seu cérebro de imperador, exigia o mando. Mas tal excesso de forças, semelhantes águas torrenciais, que leito poderia conte-las senão o rio de Deus, a entrega completa à Unidade? Quem evitaria a discussão de orgulho e amor imperioso, dos Desejos, irmãos rivais e soberanos?

Isto foi realizado por um terceiro elemento, que Naren não tinha previsto, que só foi percebido, desde a tempos, pela profética visão de Ramakrishna. Na ocasião que os demais manifestavam sua inquietude ou sua desconfiança a respeito daquele jovem no qual batalhavam forças tumultuosas, o mestre anunciou:

“- Algum dia, quando Naren se puser em contato com os que padecem, com os miseráveis, seu caráter orgulhoso se dividirá numa espécie de compaixão infinita. A confiança que tem em si mesmo será o instrumento que reestabelecerá a fé perdida nos corações desalentados. Sua conduta livre, baseada num poderoso domínio sobre si mesmo, resplandecerá aos olhos dos demais como a manifestação da verdadeira liberdade do Eu.”

O encontro com a dor e a miséria humana, esta miséria real determinada, imediata, a miséria de seu povo, da Índia, haveria de ser a chispa que inflamaria sua alma. E o orgulho, a ambição, o amor, a fé, a ciência e a ação, todas as energias e desejos foram atirados a o fogo, e associados naquela missão de serviço humano, confundindo suas chamas numa só: *“uma religião que nos proporcione fé em nós mesmos e o respeito aos demais, a força para alimentar aos famintos, vencer a miséria e reivindicar as massas. Se queres achar a Deus, sirva aos homens.”*

Os primeiros meses, primeiro ano de Baranagor, estiveram consagrados à instrução dos discípulos. Nenhum deles estava preparado para pregar aos homens. Necessitavam concentrar-se nas práticas místicas e as delícias da vida interior deviam apartar seus olhos do externo. Naren, que partilhava sua nostalgia do infinito, mas que percebia os perigos que para a alma passiva oferecia aquela atração elemental que atua por gravitação, como pedra que cai, Naren, repetimos, em quem tudo era ação, até o sonho, não tolerou o ancilamento da meditação. Fez daquele período de recolhimento de convento, uma escola superior para o espírito. A supremacia de seu talento e instrução imprimiu, de imediato sobre seus companheiros, sua implícita mas vigorosa direção, apesar de que muitos deles lhe avantajavam em idade. A última frase do mestre, ao despedir-se, foi dirigida a Naren:

“- Cuida destes garotos!”

Naren se encarregou resolutamente da direção do novo seminário, não permitindo que se pensasse somente em Deus. Manteve ocupados a quantos o rodeavam e esporeou sem descanso seus espíritos; lhes lia as mais importantes obras do pensamento humano, lhes explicava a evolução do espírito universal, lhes obrigava a intensas e ardentes discussões com respeito aos grandes problemas políticos ou religiosos, lhes orientava infatigavelmente até os amplos horizontes da verdade sem limites que transcende os horizontes das escolas e das raças e abarca todas as verdades particulares. Esta síntese do espírito completava as promessas da mensagem de amor de Ramakrishna. O mestre, sempre invisível, presidia suas conversas.

No panorama dos pensamentos heróicos e divinos da humanidade devemos destacar a importância conferida a Cristo e ao Evangelho.

Aqueles monges hindus celebravam a Sexta-Feira Santa e cantavam os cânticos de São Francisco. Naren, que chorava ao ler o imortal relato da crucificação, lhes falava dos santos cristãos, dos fundadores das ordens do Ocidente. **A Imitação do Cristo** era sua obra de cabeceira, ao mesmo tempo que o **Bhagavad Gita**, o qual não nos obriga a incluí-los no séquito da Igreja Cristã. Eram e continuam sendo hinduístas vedantistas por inteiro, sem discussão; porém abarcam em sua crença a todas as crenças do mundo. As águas do Jordão se mesclavam com as do Ganges.

Porém, o caráter dos religiosos hindus não lhes permite permanecer (apesar do que na Europa se pensa da imobilidade asiática), como os burgueses da França, confinados num mesmo local. Até os contemplativos levam no sangue o secular instinto de vagar pelo mundo, sem meta fixa, sem obrigações, independentes e estranhos em todas as partes. Esta tendência do monge errante, que na vida religiosa hindu tem um nome especial, Parivrajaka, não tardou em impor-se aos irmãos de Baranagor. Desde o princípio de sua constituição o grupo não logrou reunir-se plenamente. Quando da consagração do Natal de 1886 faltavam dois dos principais: Yogananda e Latu. Alguns se foram a Vrindavan com a viúva de Ramakrishna. Outros, como o jovem Saradananda, desapareceram sem dizer palavra... Naren, que cuidava de manter os vínculos da confraria, se via com o mesmo desejo premente de escapar... Aquela necessidade migratória da alma que aspira perder-se no oceano do ar, aquela pomba torcaz, que se asfixia sob o telhado do pombal!... Como coloca-la de acordo com a estabilidade que a Ordem requeria?... Combinou-se, por fim, que parte do grupo permaneceria em Baranagor, enquanto os demais irmãos responderiam ao “chamado do bosque”. Um deles, Sasi (Soshi) foi o único que permaneceu no lar. Fiel guardião do Math, eixo imóvel, telhado do pombal, em cujo redor se faziam os vôos vagabundos...

Ramakrishna, diferentemente dos demais gurus, não realizou com seus discípulos a cerimônia de iniciação monástica da forma costumeira. Naren e seus companheiros a cumpriram em 1888 ou 1889, procedendo a Viraja Homa, cerimônia tradicional do Sannyasa, no monastério de Baranagor. Swami Ashokananda escreveu que na Índia se conhece outra classe de Sannyasa superior ao formal e consagrado. Só pode adotar ao Sannyasa sem iniciação formal quem sente um profundo desapego ao mundo e uma profunda vocação pela divindade. Este foi, sem dúvida, o caso dos monges livres de Baranagor.

Naren resistiu dois anos a seus impulsos de fugir. Excetuando umas breves visitas, permaneceu em Baranagor até 1888. Partiu de repente, em companhia de um camarada e, ainda que fosse muito intenso seu desejo de retirar-se, regressou sempre que um irmão ou acontecimento imprevisto o exigia. Depois exaltou-se na sagrada loucura da evasão; e o desejo, reprimido durante cinco anos, rompeu as comportas da represa. Em 1891, só, sem companheiro, sem nome, com o cajado e a tigela na mão, como um mendigo desconhecido, sumiu durante alguns anos na imensidão da Índia.

Uma razão oculta presidia aquela carreira desorbitada. Nunca fora tão certa a frase imortal: “não me buscarias se já não houvesse me achado” como para essas almas possuídas por um Deus invisível que lhes acompanha na luta para arrancar-lhe o segredo de sua missão.

Não duvidava Naren de que tivesse uma missão para cumprir; sua força, seu gênio, respondiam, por isso, e também a febre do momento, a miséria da época e o mudo chamado que surgia de sua pátria oprimida; o trágico contraste da grandeza de seu povo milenar, de seus destinos não cumpridos, daquela terra envilecida, traída por seus filhos, das angústias da morte e ressurreição, de amor e desesperança que devoravam seu coração. Porém, que missão seria? Quem haveria de encomenda-la?

O Santo Mestre havia morrido sem anuncia-la. E de seus semelhantes, quem era capaz de iluminar seu caminho*? Só Deus. Que fale! Por que se cala? Por que se nega a responder? Naren foi ao seu encontro.

*Havia somente uma exceção, um santo venerado pelos homens mais sábios da Índia: Pauhari Baba, de Gazipur. Aquele admirável ermitão, extraordinariamente culto, que conhecia todas as religiões e filosofias da Índia, as línguas dravidianas e o antigo bengali; que viajou por todo o país, havia se retirado em solidão e praticava o mais estreito ascetismo. Seu valor, sua humildade heróica, que lhe ensinava a olhar cara a cara, com um sorriso tranqüilo, as realidades mais espantosas e que, em meios aos cruéis sofrimentos originados pela mordida de uma cobra dizia que “o réptil era um mensageiro de seu Bem-Amado”, influenciaram aos mais elevados espíritos da Índia. Foi visitado por Keshab Chunder Sem e , quando Ramakrishna (cuja santidade era conhecida de Pauhari) ainda era vivo, foi vê-lo Naren, que repetiu a visita na época de incerteza que se seguiu à morte do mestre. Ia então vê-lo todos os dias e esteve a ponto de ficar com ele e pedir-lhe a iniciação. Aquela foi uma tormenta de sua alma que durou várias semanas; achava-se solicitado pelo chamado místico de Ramakrishna e Pauhari Baba. Este satisfazia melhor sua paixão por quanto supunha uma renúncia da alma individual a si mesma, absorvendo-se totalmente, sem propósito de reação. Ademais, acalmava o remorso cravado sem cessar na alma de Naren por seu afastamento do mundo e do serviço social, pois professava a crença de que o espírito pode auxiliar aos demais até sem ajuda do corpo e de que a atuação mais intensa é a da mais intensa contemplação. Que espírito religioso não há conhecido o mortal atrativo da sua voz?

Durante 21 dias esteve Naren quase resolvido a submeter-se a ele e durante 21 noites o espírito de Ramakrishna acudiu para salva-lo. Por fim, depois de uma prolongada luta, cujas peripécias se negou a revelar, elegeu para sempre o serviço de Deus nos homens.

Partiu repentinamente de Calcuta no ano de 1888, passou por Benares, Ayodhia, Lucknow, Agra, Vrindavan, pelo norte da Índia, os Himalaias. Nada se saberia desta viagem nem das sucessivas – pois Naren guardava o segredo de suas experiências religiosas – se não fosse pelos irmãos que cruzavam com ele ou lhe acompanhavam. Já na primeira destas peregrinações, em 1888, perto de Vrindavan, numa modesta estação ferroviária chamada Hatras, achou seu primeiro discípulo: um homem que nunca lhe havia visto, o qual, fascinado pelo seu olhar, abandonou tudo no ato para segui-lo até a morte. Se chamava Sarat Chendra Gupta e tomou o nome de Sadananda.

Sadananda era um jovem, encarregado da estação de Hatras. Viu Naren chegar à estação, morrendo de fome, e caiu subjugado por seu olhar – *“segui à dois olhos diabólicos”* – dizia, tempos depois. Levou-o à sua casa e, quando o hóspede partiu, se foi com ele para sempre.

Ambos eram jovens, artistas e poetas; mas, diferente de seu mestre, a inteligência representava em Sadananda um papel secundário, ainda que fosse muito instruído (havia estudado Persa e experimentado a influência do sufismo). Tinha, como ele, um sentido muito acentuado pela beleza e desfrutava até o indizível, da natureza e das paisagens. Ninguém foi tão dedicado à Vivekananda. Estava impregnado da essência do mestre: bastava-lhe fechar os olhos, meditar sobre sua feição e suas atitudes para infiltrar-se instantaneamente no profundo de seu pensamento. – *“És filho de meu espírito”* – dizia dele Vivekananda. Sem haver conhecido à Ramakrishna, se achou mais perto dele que nenhum outro. Há em sua vida episódios que recordam a do Paramahansa, tanto como alguns traços dos nossos santos da Lenda Dourada. Via fustigar a um búfalo e, imediatamente apareciam em seu corpo as marcas do chicote; cuidava dos leprosos, adotando-os como a Deus; era capaz de manter junto à si durante uma noite a um homem enfermo de varíola só para acalmar sua febre. Amava aos intocáveis e gostava de compartilhar sua existência. Os jovens o adoravam. Durante sua última enfermidade foi cuidado com paixão por um grupo de abnegados que se chamavam a si mesmos os *“cachorros de Sadananda”*. Por ele abandonaram tudo, da mesma forma que ele abandonara tudo por Vivekananda. Não tolerava que houvesse entre ele e eles o tratamento normal entre discípulos e gurus; era seu companheiro – *“só posso fazer uma coisa para vocês – dizia – leva-los a ver Swamiji Vivekananda.”*

Naren e Sadananda caminhavam mendigando, afugentados com frequência, morrendo às vezes de fome e de sede, sem preocupar-se com castas e até fumando no cachimbo dos párias. Sadananda caiu enfermo e Naren o levou nas costas através dos perigos da selva. Logo foi ele quem caiu doente e teve que voltar a Calcuta.

Esta primeira viagem fez ressurgir ante seus olhos de vidente apaixonado, a Índia antiga, a Índia eterna, a terra viva dos Vedas, com sua população de heróis e de deuses, coberta de glória, de lendas e de história. Árias, mongóis e dravidianos constituíam uma unidade. De primeira intenção havia realizado a unidade espiritual da Índia, a unidade da Ásia, e comunicou a seus irmãos de Baranagor este êxito.

De sua segunda viagem, em 1889, a Ghazipur, trouxe, ao que parece, uma intuição sobre o Evangelho da humanidade, que sem ele saber, escreviam com os olhos fechados, as novas democracias do Ocidente. Comunicou a seus irmãos que *“no Ocidente, o antigo ideal de direito divino, que fora outrora patrimônio de um só, havia chegado pouco a pouco a ser reconhecido como propriedade de todos, sem distinção de classes, e desta maneira o espírito humano percebia a divindade da natureza e de sua Unidade.”* Viu e proclamou então a necessidade de introduzir na Índia semelhantes ideais, vulgarizados na América e Europa.

É assim que se manifestou a liberdade e a amplitude daquele espírito, que perseguia e desejava o bem comum, o progresso espiritual da humanidade, mediante o esforço coletivo.

As breves viagens seguintes, de 1889 a 1890, a Allahabad e Ghazipur, aclaram ainda mais sua concepção universal. Em suas conversas em Ghazipur é visto orientando-se até uma síntese entre a fé hinduista e a ciência moderna, entre os ideais do Vedanta e as realizações sociais de nossa época, do Espírito puro e dos deuses inumeráveis, que são 'sub-idéias' necessárias à debilidade humana; de todas as religiões, todas verdadeiras enquanto fenômenos da consciência, de métodos variados e de etapas distintas de desenvolvimento do espírito humano, que ascende paulatinamente até os cumes de seu ser.

Todavia não se trata mais do que relâmpagos, de esboços breves de seu futuro pensamento; porém tudo se junta, fermenta em sua imaginação, e uma energia poderosa estimula este homem, para quem são estreitos o convento de Baranagor, o cumprimento da missão que lhe encomendaram e até a comunidade de seus amigos. Já não pode mais! Necessita desligar-se de tudo que o aprisiona, romper suas cadeias, sua missão, seu nome, seu corpo – todo aquele Naren – e confeccionar-se outro eu, no qual consiga respirar o ser gigantesco que cresceu; criar-se de novo - e assim o fez Vivekananda! Diria-se que era um Gargantua retirando-se as mantas que o sufocavam... Não falemos do chamado religioso ao peregrino que se despede de seus irmãos, os homens, para ir-se com Deus! Naquele jovem atleta, que morria por causa da ociosidade de suas forças, é o instinto vital o que manda; isto descobrimos em alguma frase violenta que seus discípulos velam piedosamente. Em Benares disse:

–“Me vou; eu não voltarei enquanto não arrebente entre a sociedade como uma bomba, para que me siga como um cachorro.”

Sabemos com certeza que ele mesmo pulverizou aqueles temíveis demônios e os submeteu ao serviço dos humildes. Mas nos agrada pensar que existiam nele tais demônios, que ele sufocava aqueles selvagens impulsos de orgulho e de ambição, que aspiravam a dominar porque nele havia um Napoleão.

Separou-se, pois, a princípios de Julho de 1890, do amado lar de Baranagor, fundado por ele, do ninho da alma onde lhe acolheu Ramakrishna. Suas asas o levaram. Se foi, primeiro, para pedir a benção da Santa Mãe (a viúva de Ramakrishna). Queria renunciar a toda classe de sujeição e retirar-se ao Himalaia. Mas o bem mais difícil de conquistar, entre todos, é o da solidão; o tesouro duvidoso das almas gregárias! O disputam amigos e parentes. A vida social evita muitos desvelos ao que foge dela, sobretudo quando o evadido é um sujeito novo!... Naren o aprendeu as próprias custas. Mas também as custas dos que o amavam! Seus irmãos, os monges, se empenhavam em acompanhá-lo. Teve que cortar aquela hera quase brutalmente. Mas o trágico mundo não lhe permitia esquece-la. A notícia da morte de sua irmã chegou até seu retiro. Vítima lamentável de uma sociedade cruel, sua irmã o lembrou o sacrifício das mulheres hindus e os dolorosos problemas da vida do seu povo, do qual não podia desinteressar-se sem pecado.

Por um conjunto de circunstancias aparentemente fatais, se via constantemente arrebatado de sua '*beata solitudo, sola beatitudo*', no momento em que acreditava consegui-la; e expulso daqueles Himalaias de silencio, chegava até aquela planície onde os homens levantam pó e fazem ruído. Por causa daquelas agitações do pensamento, de suas fadigas, de suas privações, teve que enfrentar enfermidades graves: em Srinagar e em Meerut, aos pés do Himalaia, às margens do Ganges, esteve a ponto de morrer de difteria. Sua extrema debilidade dificultou ainda mais a magna viagem solitária.

Sem dúvida a realizou. Se haveria de morrer, que fosse no caminho e em seu caminho: o que Deus havia assinalado! Em Fevereiro de 1891, a despeito de seus amigos, foi a Delhi sozinho. Aquela vez ia de verdade. Como um mergulhador, submergiu-se no oceano da India e acabou coberto por ele. Entre suas ondas e restos de naufrágio, não era mais que um Sannyasin anônimo, vestido de andrajos amarelos. Mas nos seus olhos brilhava a luz do gênio. Era um príncipe disfarçado, fácil de reconhecer.

O PEREGRINO DA INDIA

O grande périplo de dois anos ao redor da Índia, e depois três ao redor do mundo (teve dele, desde o início, a intuição clara?) foi a resposta adequada de seu instinto à dupla exigência de seu caráter: a independência e o serviço. Caminhava livre de toda classe de ordens, de toda classe de castas e de cor, só com Deus, viajante sem ninho. Não houve uma hora em sua vida que não estivesse cheio das penas, aspirações, abusos, da miséria e da febre dos humanos, ricos e pobres, das cidades e do campo; compartia sua existência, e o grande livro da vida lhe revelava o que não pode achar-se nos livros das bibliotecas e até o que o ardente amor de Ramakrishna só pode entrever em sonhos: o trágico rosto do dia atual, o Deus que forceja na humanidade, o grito de chamada dos povos da Índia, dos povos do mundo e o heróico dever do novo Édipo, que teria que libertar Tebas das garras da esfinge ou perecer com Tebas.

Wandarjahre, Lehejahre. Educação única... Não era tão só o humilde irmãozinho que dorme nos estábulos ou no leito dos mendicantes. Havia se nivelado com os demais. Hoje mendigo insultado, recolhido pelos párias; amanhã hóspede de príncipes, conversava de igual para igual com os presidentes e marajás; irmão dos oprimidos, inclinava-se sobre suas misérias, sondava o luxo dos grandes e despertava em suas almas sonolentas a preocupação pelo bem público; contrastando de perto tanto a ciência dos pandits quanto os problemas da economia industrial e rural que regem a vida dos povos; ensinava, instruindo-se ao mesmo tempo que ajustava seu juízo sobre a Índia, sua unidade e seus destinos. Estes encarnavam nele. O mundo os viu em Vivekananda.

Seu itinerário passou por Rajputana, Alwar (Fevereiro, Março de 1891), Jaipur, Ajmer, Khetri, Ahmedabad e Kathiavar (fins de Setembro), Junagad e o Gujarat, Porbandar (estância de 8 a 9 meses), Dwarka, Palitana, a cidade dos templos, junto ao golfo de Kambale; o estado de Baroda, Khandwa, Poona, Belgajni (Outubro de 1892), Balangor, no estado de Mysore, Cochim, Malabar, o estado de Travancor, Trivandrun, Madurai... Dirigia-se à ponta extrema da imensa pirâmide, o cabo Comorin, de onde se alça o Benares da Índia do sul, Rameswaran, a Roma do Ramayana, e mais além, até Kanyakumari, santuário da Grande Deusa (fins de 1892).

De norte a sul achava-se a antiga Índia, povoada de devotos; a ininterrupta cadeia de seus inumeráveis braços não formava mais que um só deus, cuja unidade de carne e espírito se sintetizava nele, quem a realizava na comunhão dos viventes de todas as castas e dos sem castas. Ele lhes ensinava a realiza-la. Levava a todos a mútua compreensão: aos intelectuais enamorados do abstrato, o respeito pelas imagens, deuses e ídolos; aos jovens, a obrigação de estudar os velhos livros, especialmente os Vedas e os Puranas, os antigos anais, como também ao povo de hoje; a todos, o religioso amor pela Mãe Índia e a paixão de consagrar-se a sua redenção.

Porém o que dava era amplamente recompensado pelo que recebia. Sua poderosa inteligência, que nem um só dia deixava de melhorar seus conhecimentos, suas experiências, recolhia todas as correntes de idéias que se perdiam na Índia e cujo manancial lhe parecia sempre o mesmo. Em Khetri foi discípulo do primeiro sanscritista de então. Em Ahmedabad completou sua cultura maometana e jainista. Em Porbandar deteve-se por 9 meses, apesar de seus votos de monge errante, para aperfeiçoar com os pandits seus estudos filosóficos e sânscritos, trabalhando com Trigunakita, tradutor dos Vedas. Desta maneira, tão afastado da cega devoção dos ortodoxos, que se ancilosavam em sua ortodoxia, como do racionalismo suspeito dos reformadores do Brahmosamaj (que, com as melhores intenções, se obstinavam em secar as fontes místicas das energias ocultas), houvera querido conserva-las todas, canalizando-as numa finalidade comum.

Queria mais, porém. Levava a todas as partes a Imitação de Cristo e com o Bhagavad Gita difundia o pensamento do Mestre. Recomendava aos jovens que estudassem a ciência do Ocidente.

Mas a expansão do seu pensamento não se verificava tão só no terreno das idéias. Na sua visão moral dos demais homens e em suas relações com eles, efetuava-se uma revolução. Se existiu alguma vez orgulho juvenil, intolerância de intelectual ou desprezo de aristocrata que se aparta de seu altivo ideal de pureza, os teve, Narendra, em sua juventude:

“- Aos vinte anos eu era um fanático desprovido de simpatia, incapaz da menor concessão. Nem sequer queria andar pelo passeio do teatro, pelas ruas de Calcuta”

Nos primeiros meses de peregrinação, achando-se na residência do Marajá de Khetri, perto de Jaipur (Abril de 1891), uma modesta bailarina deu-lhe uma lição de humildade. Ao aparecer na sala, o desdenhoso monge se pôs de pé para sair. O príncipe pediu-lhe que ficasse. A bailarina então cantou:

“- Oh Senhor! Não te fixes em minhas más qualidades! Tu dizes, Senhor: ‘Para meus olhos tudo é igual’ Faz de nós dois o próprio Brahma! Este pedaço de ferro é da estátua do templo, este outro é o cutelo do açougueiro. Ao contato da pedra filosofal, ambos se convertem em ouro. Não te fixes, pois, Senhor, em minhas más qualidades. Tu dizes: para meus olhos tudo é igual... Esta gota de água está no sagrado Jumma. Esta outra no fosso sujo. Quando caem no Ganges, as duas se tornam sagradas. Assim, pois, Senhor, não te fixes em minhas más qualidades! Tu dizes: aos meus olhos tudo é igual...”

Naren se comoveu. O humilde canto gravou-se em sua memória. Muitos anos depois o recordava comovido.

Seus preconceitos desapareceram um depois do outro, até aqueles que lhe pareciam inalteráveis. No Himalaia viveu entre raças de tibetanos que praticavam a poliandria. Era hóspede de uma família de seis irmãos que compartilhavam a mesma mulher, e em seu zelo de neófito quis demonstrar-lhes sua imoralidade. Então foram eles os que se scandalizaram: *“Que egoísmo – disseram – querer guardar para si sua mulher!”*

A verdade ao pé da montanha era mentira em cima... Percebeu então a relatividade da virtude – ou, pelo menos, das virtudes as quais se acha mais fortemente apegada a moral tradicional. E uma ironia, a lá Pascal, lhe ensinou a ampliar seu código moral, julgando o bom e o mal de uma raça ou época.

Freqüentou então a marginalidade e pode descobrir entre alguns salteadores de caminhos certos pecadores que eram santos em potência (viu um ladrão que havia roubado a seu santo guru, Pauhari Baba e que, tocado de arrependimento, se tornou monge). Compartilhou em todas as partes as privações e a desonra das classes oprimidas. Na Índia Central viveu com uma família de párias varredores. Descobriu a alma do povo da classe inferior, pisoteado pela sociedade e sua miséria o envergonhou. Já não podia separar dela seu olhar e costumava soluçar ao dizer:

“-Oh meu povo, meu povo!...”

Ao saber pelos jornais que em Calcuta haviam morrido de fome algumas pessoas, exclamou, golpeando o peito:

“-O que fazemos pelas massas, nós, os sannyasins, que nos chamamos homens de Deus, o que temos feito?”

E recordava então a frase crua de Ramakrishna:

“A religião não foi feita para estômagos vazios.”

Logo, irritando-se contra as especulações intelectuais da fé egoísta, definia o dever primordial da religião como o de alimentar aos pobres e acabar com sua miséria. Impunha isso aos ricos, aos ministros e aos príncipes.

“- Não podem, nenhum de vocês, dar sua vida pelo amor ao próximo?... Suspendam a leitura dos Vedas e a prática da meditação, deixem-nas para outra vida... Consagre seu corpo de hoje ao serviço dos demais! Dessa maneira saberei que não vieram até mim em vão!”

Poucos dias depois, sua dramática voz ressoou com acentos sublimes:

“- Oxalá possa eu nascer e voltar a nascer, e sofrer mil misérias, contanto que me seja dado adorar e servir ao único Deus existente, síntese de todas as almas, e sobretudo a meu Deus dos miseráveis, a meu Deus dos pobres de todas as raças!”

Naquela época, 1892, era a miséria da Índia que lhe ocupava a imaginação e eclipsava todas as demais idéias. Perseguiu-o como um tigre de caça, de norte a sul, em sua fuga através da Índia. Consumiu suas noites na insônia. No cabo Comorin foi acossado, triturado entre suas mandíbulas. Desde então se entregou ao serviço das massas desvalidas.

Porém, como ajuda-los? Faltava dinheiro e o tempo urgia. Não era com os suntuosos regalos de alguns marajás, nem com as oferendas de alguns grupos de boa vontade que se poderia atender a milésima parte das mais urgentes necessidades. Antes de que a Índia despertasse de sua ataraxia e

pudesse organizar-se em benefício comum, haveria se consumado sua ruína. Dirigia então seu pensamento até a outra margem do oceano. É preciso recorrer ao mundo inteiro, pois todo o mundo precisa da Índia e sua salvação ou sua ruína interessam a todas as nações. Haveria de se permitir que fossem destruídas aquelas preciosas reservas, tais como as do Egito e da Caldéia, que ao cabo de muitíssimo tempo se esforçariam por desenterrar, quando não sobrasse delas mais que os despojos, cuja alma estaria morta para sempre?... Na imaginação do solitário surge então a idéia de apelar à Europa e a América. Em Porbandar, começa a estudar francês; é ali onde um pandit o aconselha a ir ao Ocidente, onde seu pensamento será melhor compreendido que em seu próprio país.

“- Tome-os de assalto e regresse!”

Em Khandwa, a princípios do outono de 1892, ouviu falar de um Parlamento das Religiões, que haveria de celebrar-se no ano seguinte, em Chicago, e lhe ocorreu a idéia de fazer parte dele. Todavia, absteve-se de tentar qualquer coisa para a realização de seu projeto e recusou subscrições em sua ajuda antes de que houvesse cumprido o voto de sua magna peregrinação ao redor da Índia. Em Balangor, em fins de Outubro, comunicou ao marajá seu propósito de ir ao Ocidente pedir os meios de melhorar a situação material da Índia, levando-lhes, em troca, o Evangelho do Vedanta. Em fins de 1892 estava plenamente resolvido.

Achava-se então nos limites extremos do país, na ponta extrema meridional, desde onde Hanuman, o deus-macaco, deu seu fabuloso salto. Tão longa viagem havia sido feita a pé. Seu corpo esteve durante dois anos em contato com aquele corpo imenso; padeceu fome e sede, sofreu com aquela mortífera natureza e com os homens que o insultavam: no cabo Comorin não tinha nem uma moeda para pagar a passagem de barco que haveria de leva-lo ao término de sua peregrinação, ao Santo dos Santos, a Kanyakumari: lançou-se ao mar e nadou em meio aos tubarões... Chegou, enfim, e foi então quando pode abarcar, como desde o alto de uma montanha, a Índia toda que acabara de percorrer e o mundo de idéias que lhe assediavam desde dois anos atrás. Durante este tempo viveu numa efervescência constante. Consumia-lhe a febre, era uma alma apaixonada, um furacão. Como os supliciados que antigamente sofriam o tormento da água, sentia-se afogado pelas torrentes de energia que acumulava, a envoltura de seu ser ia romper-se... *“- Sinto em mim um poder formidável! Parece-me que vou explodir... Há tantas forças em mim! Creio que poderia revolucionar o mundo!”* E naquele topo da torre que acabara de escalar, nos confins da terra, desde onde se estende o panorama do mundo, no momento em que se detia, zumbia em suas têmporas o sangue como o mar a seus pés; está a ponto de cair... É o assalto supremo dos deuses que se chocam contra ele... terminado o assalto a batalha está ganha. Fez-se a luz. Vê claramente o caminho que o espera. Elegeu sua missão.

Volta a nado ao continente indiano. Pelo lado oposto, sobe até o norte. A pé, por Ramnad e Pondicherry, dirige-se a Madras e ali, nas primeiras semanas de 1893, proclama publicamente sua vontade de ir em missão ao Ocidente.

Seu nome já se havia feito popular na cidade de Madras, inteligente, vibrante, onde esteve duas vezes e onde se vê assediado pelos visitantes e encontra seu primeiro grupo de discípulos, que, tendo-se consagrado a ele, não haveriam de abandoná-lo jamais. Ausente o missionário, seguiriam apoiando-o com seu entusiasmo e ele, desde terras distantes, continuaria dirigindo seus amigos de Madras. Seu amor fervente pela Índia desperta neles ecos apaixonados e seu entusiasmo aumenta a força de sua convicção. Fala contra a ânsia de salvação pessoal e em prol da saúde pública, da regeneração da pátria mãe, da ressurreição das forças espirituais da Índia e de sua difusão pelo universo...

“- Há chegado o momento... A fé dos Rishis deve fazer-se dinâmica... Há que sair de si mesmo...”

Nababos, banqueiros, lhe ofereciam recursos para a viagem a ultramar. Recusou-os. Pediu a seus discípulos, ocupados em realizar subscrições, que se dirigissem de preferência à classe média, porque *“-é até o povo, até os pobres, que vou!”*

Como fez ao princípio de sua peregrinação, pediu à Santa Mãe sua bênção para a longa viagem. Ela lhe enviou a de Ramakrishna, transmitida durante o sonho para o amado discípulo.

Ao parecer, não escreveu a seus irmãos de Baranagor (sem dúvida pensava que aqueles contemplativos, acostumados ao calor do ninho, se espantariam diante de seus impulsos de serviço social e de evangelização ao país de gentios; eram idéias capazes de perturbar a piedosa tranqüilidade das almas que se salvam sem preocupar-se com os demais). Mas quis a casualidade que, na proximidade da véspera de sua partida, encontra-se na estação de Monte Abu, perto de Bombay, a dois irmãos, Brahmananda e Turiyananda, aos quais comunicou com profunda emoção, que foi transmitida a Baranagor, que a imperativa excitação da Índia dolente obrigava-o a partir:

“- Viajei por toda a Índia e foi para mim um verdadeiro tormento comprovar a terrível pobreza, a miséria espantosa das massas. Não posso conter as lágrimas. Agora estou firmemente convencido de que é inútil pregar a religião aos desgraçados, sem aliviar primeiro sua pobreza e seu sofrimento. É por isso, para salvar os pobres da Índia, que vou para a América.”

Estas palavras se completam com as lembranças de Turiyananda, que o swami Jnaneswarananda anotou e publicou no Morning Star de 31/01/1926:

“-Brahmananda e Turiyananda haviam se retirado ao Monte Abu, onde praticavam um rígido tapyasa (exercícios de meditação e ascetismo). Não pensavam em Naren, mas o viram na estação de Abu Road algumas semanas antes de sua partida. Naren lhes informou de seus propósitos, suas dúvidas, de sua convicção de que o Parlamento das Religiões havia sido disposto por Deus para preparar seu triunfo. Turiyananda recordava uma por uma suas palavras e a entonação com que as disse: ‘- Hari Bhai – exclamou Naren, com o rosto arrebatado – não consigo compreender nada de vossa pretensa religião!...’ Com expressão de profunda dor e intensa emoção, levou uma mão tremula ao coração e acrescentou: ‘- Mas meu coração cresceu muito e aprendeu a sentir

o sofrimento alheio. Creiam-me, o sinto muito dolorosamente.’ A emoção sufocou sua voz. Calou. Por seu rosto correram as lágrimas.’ Ao fazer este relato Turiyananda achava-se profundamente comovido e o pranto inundou seus olhos:

“- Já podem supor – disse – o que se passou por meu ânimo ao ouvir aquelas comoventes frases e ver a majestosa tristeza do Swamiji. Não são estas, pensava eu, as mesmas palavras, os mesmos sentimentos do Buda? E recordei que fazia já muito tempo, na ocasião em que fora a Bodigaya para meditar sob a árvore Bodhi, lhe apareceu Buda e se introduziu em seu corpo. Eu podia perceber claramente que o sofrimento inteiro da humanidade atravessava seu coração palpitante.’

“- Ninguém – continuou Turiyananda com paixão – ninguém pode compreender Vivekananda se não consegue identificar-se um pouco com os sentimentos vulcânicos que o agitavam.”

Foi-se Vivekananda a Khetri, onde o marajá, seu amigo, lhe deu seu dewan (primeiro ministro) para que o escoltasse até Bombay, onde embarcou. No momento de partir, revestiu-se com o manto de seda vermelho, o turbante amarelo e com o nome Vivekananda, que ia impor-se ao mundo.

A GRANDE VIAGEM AO OCIDENTE E AO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES

Aquela viagem resultou numa aventura verdadeiramente assombrosa. Foi empreendida pelo jovem Swami ao azar, de olhos fechados. Havia ouvido falar vagamente de um Parlamento das Religiões que ia inaugurar-se em algum lugar da América, e lá se foi, sem que nem ele, nem seus discípulos, nem seus amigos, nem os estudantes, nem os pandits, ministros ou marajás se dessem ao trabalho de inteirar-se. Não conhecia nem a data nem as condições de admissão. Não levava documento algum que o creditasse. Sem dúvida, partia seguro de si mesmo, como se bastasse apresentar-se na sua hora, na hora de Deus. Ainda que o marajá de Khetri providenciasse sua passagem e lhe equipasse com aqueles formosos trajes, que colaboraram tanto quanto sua eloqüência para fascinar as pessoas da América., nem ele nem os demais pensaram nas condições do clima nem nos costumes e, ao chegar ao Canadá, congelava-se com o frio no barco. Ia em traje de cerimônia e de passeio.

Saiu de Bombaim em 31 de Maio de 1893, passou pelo Ceilão, Penhong, Singapura, Hong-Kong, de onde foi visitar Cantão, Nagasaki, trasladando-se depois a Yokohama, visitando Osaka, Kioto e Tokyo. Em todas as partes, tanto no Japão quanto na China, chamava sua atenção o quanto podia confirmar sua hipótese - seu convencimento – da difusão religiosa da Índia antiga nos impérios do Extremo Oriente e da unidade espiritual da Ásia. Ao mesmo tempo, lhe assedia a lembrança dos males que padece seu país e a visão dos progressos realizados pelo Japão aviva sua ferida.

Vai de Yokohama a Vancouver, segue de trem e, em meados de Julho se encontra, aturdido, em Chicago. Foi abandonando suas plumas ao longo do caminho. É a vítima propícia dos larápios: é visto de longe! Ao princípio, aquele menino grande passeia como um caipira, com a boca aberta, no meio da feira universal, que não resulta ser outra coisa que a Exposição de Chicago. Tudo é novo para ele, tudo o surpreende. Nunca teria podido imaginar o poderio, o talento inventivo do mundo ocidental. Com maior vitalidade e resistência que um Tagore ou um Gandhi (oprimidos pelo frenesi do movimento e ruído, pelo maquinismo europeu-americano), Vivekananda respira amplamente, experimenta a embriagues daquela confusão e se associa a ela com impulso juvenil. Não regateia sua admiração. Durante 12 dias sacia seus olhos com aquele mundo novo. Logo pensa em ir ao escritório de informações do Parlamento das Religiões... Que assombro! Ali lhe informam de que não se inaugurará o Parlamento até depois de 10 de Setembro, que caducou o prazo para inscrições para os delegados e que, ademais, não se admite inscrição alguma sem referências oficiais, carecia delas, era um desconhecido, ninguém acreditava nele, sua bolsa estava vazia, o que lhe impediria de aguardar até a abertura do Congresso... Ficou aterrorizado. Telegrafou a seus amigos de Madras a fim de que alguma sociedade religiosa lhe concedesse uma subvenção. Mas as sociedades oficiais não perdoam aos independentes, que se atreveram a prescindir delas. Um chefe daquela sociedade respondeu: “- Que morra de frio esse diabo!” (Vivekananda culpou a alguns membros da Sociedade Teosófica).

Mas o diabo não morre nem se rende... Confiando em sua sorte, em vez de conservar os poucos dólares que lhe restam, os gasta numa visita a Boston. A sorte o ajuda. Um Vivekananda não pode passar inadvertido em lugar algum. No vagão em que viaja a Boston, suas maneira e suas respostas terminaram por interessar a uma companheira de viagem, endinheirada senhora de Massachussets, que o interroga, se interessa por ele, convida-o a sua casa e lhe apresenta ao helenista J.M. Wright, professor da Universidade de Harvard. Este, impressionado pelo talento do jovem hindu, coloca-se a sua disposição e insiste para que Vivekananda represente ao hinduismo no Parlamento das Religiões; com tal fim escreve ao presidente do comitê, oferece ao peregrino sem recursos um bilhete de trem para Chicago e cartas de recomendação para a comissão do alojamento: tudo fica solucionado.

Regressa Vivekananda a Chicago. O trem chega tarde e o aturdido viajante, que perdeu as senhas do Comitê, não sabe aonde dirigir-se. Ninguém se digna a informar aquele homem de cor. Num canto da estação vê uma caixa grande, vazia; deita-se nela e ali dorme. Pela manhã vai buscando seu caminho, mendigando de porta em porta como um sannyasin. O mal é que se encontra numa cidade, São Francisco, onde, como Panurgo, se conhece mil e uma maneiras de conseguir dinheiro, menos uma: a mendicância em nome de Deus. Acrescentamos ainda que o bairro onde se achava falava-se só em alemão; portanto, ninguém lhe entende. Chamam-lhe de negro e lhe dão com as portas no nariz. Depois de andar sem rumo durante muito tempo, senta-se na rua, vencido pelo cansaço. De uma janela do outro lado da rua é visto e lhe perguntam se é delegado do Parlamento das Religiões, lhe convidam a entrar e uma vez mais o destino lhe fez conhecer a uma das que vão ser uma de suas melhores partidárias na América, Mrs Holle. Depois de descansar, acompanham-lhe ao Parlamento das Religiões e ali o albergam.

A acidentada viagem, na qual esteve a ponto de naufragar, o conduz, finalmente, ao ansiado porto. Mas não é o descanso, senão a atividade, o que começa. E já que a casualidade jogou seu papel, faz-se agora a hora da vontade. O desconhecido de ontem, o mendigo, o homem de sangue desprezado pelo Mob, onde confluem os resíduos de mais de meia dúzia de populachos do universo, vai impor, de imediato golpe, a prosápia do seu talento.

Em 11 de Setembro de 1893 começaram suas sessões no Parlamento. No centro tinha seu assento o Cardeal Gibbon e a sua direita e esquerda os delegados orientais: Protap Chunder Mazumdar, chefe do Brahmosamaj e antigo amigo de Vivekananda, que representava os teistas indianos, com Nagakar, de Bombaim; Dhamarpala, representante dos budistas do Ceilão, Gandhi, delegado dos jainistas (não se trata do Mahatma Gandhi, que nessa época chegava à África); Chakravarti, que com Annie Besant representava a Sociedade Teosófica. Entre todos eles, o desconhecido jovem, que não representava ninguém, mas que representava tudo, o homem sem seita, o homem da Índia, atraía os olhares de milhares de espectadores, conforme narra a imprensa norte-americana. Sua fascinante figura, sua nobreza – e a esplêndida vestimenta, que realçava o efeito daquela aparição de um mundo legendário, ocultavam sua emoção. Não guardou segredo.

Era a primeira vez que teria que falar ante uma assembléia semelhante, e quando os delegados, um após o outro, tiveram que anunciar a si mesmos ante o público com um breve discurso, Vivekananda foi atrasando seu discurso, duas ou três vezes (acrescentamos que ele não tinha nada preparado, enquanto que os outros liam textos escritos).

Mas então aquilo foi como uma labareda. Entre o fundo gris das inanimadas dissertações anteriores, soube incendiar as almas da multidão que o escutava. Tão logo pronunciou as primeiras palavras, simples a mais não poder “- *Irmãos e irmãs da América...*” e centenas de pessoas se puseram de pé e o aclamaram. Perguntou-se se aquilo se referia a ele. Foi, sem suspeitar, o primeiro que prescindiu do formalismo do Congresso e se dirigiu às massas na linguagem que elas esperavam. Restabelecido o silencio, saudou a mais jovem das nações em nome da Ordem monástica mais antiga do mundo: a Ordem Védica dos Sannyasins. Apresentou o hinduísmo como a religião mãe que conferiu aos homens este duplo preceito:

“- Aceitai e compreendei uns aos outros!”

Citou estas duas frases dos livros sagrados:

“- Se alguém vem a mim, em qualquer forma que seja, Eu vou a até ele.”

“- Todos os homens padecem por caminhos que, em última instância, conduzem até Mim.”

Os demais oradores haviam falado de seu deus, do deus da sua seita. Ele – só ele – falou do Deus de todos, o Ser universal. O hálito de Ramakrishna, pela boca de um dos seus discípulos, atravessava as fronteiras. Por um instante deixou de existir Pirineus! O Parlamento das Religiões ovacionou o jovem orador.

Nos dias seguintes voltou a fazer uso da palavra dez ou doze vezes e sempre repetiu, com argumentos novos e com a mesma força de convicção, sua tese a respeito da religião universal, sem limites de tempo nem de espaço, que unirá os credos do espírito humano, desde o fetichismo avassalador dos selvagens até as mais livres afirmações criadoras da ciência moderna, harmonizando-as numa síntese grandiosa que, longe de oprimir as esperanças de um indivíduo, ajudasse todos a crescerem e florescerem, ajustando-se umas as outras. Não mais dogma além da divindade do homem e sua indefinida capacidade de evolução.

“- Ofereçam religião ao mundo e todas as nações os seguirem. O concílio de Asoka foi o da crença budista; o de Akbar só uma academia de salão. Corresponde a América proclamar ante o mundo que em todas as religiões se encontra o divino. Oxalá os inspire o Brahma dos hindus, o Ahura Mazda dos zoroastrinos, o Buda dos budistas, o Jeová dos judeus, o Pai Celestial dos cristãos... Os cristãos não tem que se converterem em budistas, nem os hindus ou budistas em cristãos, mas cada qual deve assimilar o espírito dos demais, sem deixar por isso de manter sua individualidade e desenvolver-se segundo suas próprias leis... O Parlamento das Religiões demonstrou que

nem a santidade, nem a pureza, nem a castidade são patrimônio exclusivo de igreja alguma no mundo e que todas as religiões são reverenciadas por homens e mulheres da mais elevada moral. No estandarte de todas as religiões se inscreverá, num futuro próximo, a seguinte legenda: 'Cooperação e não lutas. Tolerância mútua e não destruição. Harmonia e paz em lugar de discussões estéreis.'

O efeito destas enérgicas palavras foi enorme. Iam dirigidas a todos os presentes, penetrando a cabeça dos representantes oficiais do Parlamento, comovendo a opinião. A celebridade de Vivekananda se firmou num instante, beneficiando a Índia inteira. A imprensa norte-americana o reconheceu assim:

“- É, sem dúvida, a maior figura do Parlamento das Religiões. Ao ouvi-lo compreendemos imediatamente a inutilidade de enviar missionários a uma nação tão sábia...”

O Boston Evening Transcript afirmou que ele era o favorito do parlamento. Bastava adentrar o estrado para ser objeto de aclamações. O único procedimento capaz de manter a atenção do público entre as sessões, aborrecidas para a imensa maioria, era prometendo que Vivekananda falaria.

É de supor que semelhante confissão não seria muito agradável para os missionários cristãos. Por isso, o efeito de Vivekananda originou entre eles violentos rancores, que não haveriam de retroceder diante do emprego das armas menos dignas.

Não atizou menos a inveja de certos delegados indianos, que se viam eclipsados por aquele ‘monge vagabundo’, sem títulos nem relações. A Sociedade Teosófica não o perdoou. No discurso pronunciado em Madras, após seu regresso da América, Vivekananda pôs em evidencia a todos os que o atacaram e se dirigiu duramente à Sociedade Teosófica.

Mas naquela hora em que amanhecia o sol da celebridade, as sombras se desvaneceram. Vivekananda chegou a ser o homem do dia.

Agora, que efeito lhe produziu este triunfo? Somente lágrimas. O monge errante intuía que a livre solidão de sua vida, sem outra companhia que a de Deus, terminava. Que alma religiosa deixará de compreender este sentimento? É o que ele havia desejado?... Não! Lhe havia escolhido a força desconhecida que impulsionava sua missão... Mas, e essa outra voz interior, que dizia: Renuncia! Viva só para Deus!... Nunca pode satisfazer uma sem faltar em parte com a outra. Assim nasceram as crises periódicas daquele gênio tempestuoso, cujos tormentos, contradições na superfície mas lógicos no fundo, não puderam ser compreendidos pelas mentalidades rígidas, aquelas idéias unilaterais que convertem sua pobreza em virtude obrigatória e ridicularizam o esforço poderoso e comovente das almas boas que buscam a harmonia. Vivekananda esteve e seguirá estando exposto a estas interpretações mal intencionadas, que seu orgulho altaneiro deixou sem resposta.

A complexidade não derivava tão só de sua mente, mas também de sua própria situação. Mais tarde, como antes do êxito (acaso com maior rigor), foi árduo seu empenho. Exposto a sucumbir de pobreza, correu o risco de que as riquezas lhe esmagassem. A exagerada admiração dos americanos o envolveu e no primeiro impulso ameaçava afoga-lo em seu luxo e frivolidade. Vivekananda sofria por aquele dinheiro amassado com o suor e as lágrimas dos humildes. De noite, em seu quarto, atirava-se ao chão desesperado, pensando nos povos famintos: “- *Oh Mãe!* – se lamentava – *De que me serve esta fama se meu povo jaz na miséria?*”

Tanto para servir a causa daquela Índia desventurada como para livrar-se da tutela de seus endinheirados protetores, aceitou a proposta de um agente de conferências para realizar um tour pelos EUA: Chicago, Iowa, Des Moines, San Luis, Minneapolis, Detroit, Boston, Cambridge, Baltimore, Washington, Nova York, etc. O meio resultava arriscado, mas, se acharam que, ao estilo de outros conferencistas, iria comprar aplausos e dólares adulando os ouvidos do público norte-americano, não tardariam em decepcionar-se!...

A admiração ante o formidável poderio da jovem república já se havia desvanecido. Logo tropeçou Vivekananda na brutalidade, falta de humanidade, mesquinhez de conceitos, fanatismo irreduzível, a enorme ignorância e a esmagadora incompreensão, cândida e confiada em si mesma, a respeito de todos os que pensam, crêem ou vivem de maneira diferente daquela ‘nação modelo do gênero humano’... Pouco tolerante, não desculpou nada; estigmatizou os vícios e os crimes da civilização ocidental. Uma vez, quando ia falar em Boston sobre um tema religioso muito querido para ele (Ramakrishna), sentiu tal repugnância à vista daquele auditório, de negociantes e negreiros, que se negou a permitir-lhes o acesso a seu santuário e imediata e bruscamente mudou o tema, arremetendo violentamente contra a civilização representada por aqueles lobos. O escândalo foi tremendo. Centenas de ouvintes se retiraram, alvoroçados. A imprensa se irritou. Foi implacável sobretudo com o cristianismo fingido e a mentira religiosa.

‘- Abandonem vossa jactância! O que fez no mundo vosso cristianismo sem a ajuda da espada?... Predicais esta religião em nome do luxo. Tudo o que escutei me resulta hipócrita. Principalmente todas estas riquezas que se recomendam em nome de Cristo! Cristo não acharia em vossos corações nem uma pedra onde repousar a cabeça... Não sois cristãos! Volteis a Cristo!’

Contra estas palavras se levantou a ira dos clérigos. Desde aquele dia teve constantemente em seus calcanhares um grupo de clérigos que lhe perseguiram com suas invectivas e suas acusações, e até chegou a propagar-se pela América e pela Índia infames calúnias acerca de sua vida e de seus costumes. A isto se uniram certos delegados indianos de sociedades rivais, os quais fizeram eco do falatório dos missionários rancorosos. E, por sua vez, tais missionários, aproveitando-se das armas que lhe proporcionaram aqueles indianos invejosos, denunciaram na Índia, com ridículo zelo, que o livre sannyasin não observava na América o regime imposto pelo hinduismo ortodoxo. Vivekananda viu com repugnância que, desde a Índia, lhe chegavam, nas cartas temerosas de seus discípulos, a espuma daquela onda de fel dos devotos. Com que altaneirismo os contestou!

“- Pensais que nasci para morrer na pele de um destes covardes servidores de castas, supersticiosos, sem piedade, hipócritas, ateus, que não se encontram somente entre os indianos cultos? Me aborrece a covardia. Não desejo envolvimento com esta gente ruim... Pertencço ao mundo tanto quanto à Índia. Nisto não admito brincadeiras! Que país pode exercer algum direito especial sobre minha pessoa? Sou acaso escravo de alguma nação?... Sinto detrás de mim um poder maior que o do homem, que o de deus ou do demônio!...”

Uma carta de um de seus discípulos norte-americanos, Swami Kripananda, nos descreve o quadro retrospectivo de suas tribulações nos EUA:

“-Este viveiro de monstruosidades pseudo-religiosas, atacadas pelo morbo do oculto, do excepcional, onde a credulidade insensata favorece o desenvolvimento de centenas de agrupamentos: gobelinos, almas em sofrimento, mahatmas, falsos profetas; este manicômio foi para Vivekananda um lugar abominável. Mandou passear a multidão de papalvos, palhaços aproveitadores e bobalhões que vieram escutar sua primeira conferencia. Vários interesseiros, negociantes, charlatães e religiosos lhe escreveram então com diversos motivos e intenções. É de supor o efeito que produziram naquele caráter. Não tolerou a menor influência. Rechaçou toda classe de alianças de seitas contra seitas. E mais de uma vez recusou a oportunidade de começar publicamente a luta sem quartel contra as combinações que queriam utiliza-lo”

Nos apressamos a dizer, em honor da América, que aquela intransigência moral, aquele idealismo varonil, aquela intrépida lealdade, lhe trouxe defensores e admiradores seletos de todas a partes, entre os quais haveria de constituir-se, no Ocidente, o grupo de seus primeiros discípulos, obreiros abnegados de sua obra de regeneração da Índia.

A PREGAÇÃO NA AMÉRICA

O conjunto de manifestações espirituais que precederam a vinda de Vivekananda para a América (ver apêndice), que tão só se pôde esboçar e cujo estudo deixo a um historiador da nova alma do Ocidente, explica o fato de que o pensamento norte-americano, trabalhado desde meio século atrás por aqueles fermentos, se achasse melhor preparado que nenhum outro no Ocidente para receber Vivekananda.

Tão logo falou e vieram escuta-lo muitos homens e mulheres. Procediam de distintos meios dos salões e universidades; alguns eram cristãos puros e verdadeiros, outros agnósticos e livre pensadores sinceros. Mas o que surpreendia Vivekananda – e também nos surpreende – era comprovar naquela terra enigmática, jovem e velha ao mesmo tempo, aliar-se o medo e a esperança; as forças mais sinistras; uma sede imensa de verdade e uma sede imensa de falsidade; um desinteresse absoluto e o mais indecente culto ao ouro; ingenuidades de menino e charlatanismos de fera. Apesar do arrebatado do seu caráter, era o bastante magnânimo para guardar o equilíbrio entre suas simpatias e antipatias, soube reconhecer em todos os momentos as virtudes e as energias efetivas da América anglo-saxã.

Para dizer a verdade, ainda que tenha fundado naquele país algumas obras que perduraram, na Europa, mais do que em outras partes, nunca se encontrou mais a vontade do que na Inglaterra. Não há na jovem América nada de importância ante o qual não se inclinasse com respeito, nada que não se esforçasse por compreender e que não oferecesse como exemplo a seus compatriotas: sistemas econômicos, organizações industriais, instrução pública, museus e galerias de arte, progressos científicos, instituições de higiene e assistência social. Se ruborizava ao comparar os magníficos esforços realizados neste último aspecto pelos EUA (a liberdade dos gastos públicos em prol do interesse geral), com a apatia social de seu país. Ele, tão disposto a fustigar o duro orgulho ocidental, estava, no entanto, mais para humilhar o da Índia, ante o esmagador modelo das obras sociais do Ocidente.

“- *Verdugos!* – exclamou ao sair de um cárcere modelo para mulheres, onde se tratava com humanidade as mulheres, despertando da indiferença cruel dos indianos pobres e os pequenos, que não tem medo de salvar-se. – *“Nenhuma religião do mundo encontrou acentos tão sublimes para pregar a dignidade do homem. Nenhuma sociedade pisoteia tão desapidadamente aos infelizes como a sociedade indiana. Não é por culpa da religião, mas dos hipócritas fariseus e dos saduceus.”*

É por isso que não se cansa de estimular e de fustigar a juventude de seu país.

“- *Apertai a cintura, filhos meus! O Senhor me encarregou de dizer-lhes... A esperança está em vocês, nas crianças, nos bons, nos fiéis. Amem os infelizes e, quanto a ajuda, olhem o céu! Logo virá! Viajei anos inteiros com este peso no coração e esta idéia na cabeça. Bati em todas as portas: a dos ricos e as dos grandes. Viajei meio mundo para chegar a esta terra estrangeira, buscando socorro em todas as partes. O Senhor me ajudará. É possível que*

morra de fome e de frio, mas lhes deixo, jovens, meu carinho, minhas lutas em favor dos pobres, dos ignorantes, dos oprimidos. Beijem o solo diante do Senhor e façam por eles o sacrifício de suas vidas! Pronunciem o voto de consagrar suas existências à redenção destes 300 milhões de seres humanos. Bendito seja o Senhor! Venceremos! Muitos são os que sucumbiram na luta. Amor e fé! A vida não é nada, a morte uma quimera. Glória ao Senhor! Marchemos! O Senhor é nosso general! Não voltem o rosto para os que caem! Adiante!...”

Esta magnífica carta motivada pelo espetáculo da nobre filantropia social da América, termina com um grito de desespero que demonstra como ele, que encontrava aos tartufos da fé cristã, sentia, mais do que ninguém, os impulsos de ‘amor-charitas’ que anima esta fé verdadeira:

“- Estou aqui entre os filhos de Maria e o Senhor, Jesus, me ajudará.”

Não, não era homem a quem preocupasse as religiões. No ano 1895 disse em Londres esta vigorosa frase:

“- Bom é haver nascido numa igreja, mas é espantoso morrer nela.”

Diante do escândalo dos hipócritas – cristãos ou hindus – que se acreditavam obrigados a fechar as portas de suas crenças para que não entrasse nenhum infiel, replicava:

“- Bah! Que me importa que sejam hindus, muçulmanos ou cristãos? Os que amam ao Senhor contarão sempre com meu serviço. Afundem no fogo, meus filhos!... Tudo chegará para vocês se tiverem fé... rezem dia e noite pelos milhões de seres esmagados na Índia, avassalados pela pobreza, pela clericalha e pelos tiranos!... Não sou metafísico, filósofo nem santo. Sou pobre e amo aos pobres. Quem simpatiza, na Índia, com os 200 milhões de homens e pobreza? Quem lhes ensinará o caminho da emancipação? Quem lhes proverá de luz?... Que estes pobres sejam seu deus. Chamo Mahatma aqueles cujo coração sangra pelos pobres... Enquanto viverem milhões de pobres na fome e na ignorância, considerarei como um traidor aquele que se educa às suas expensas, sem se preocupar com eles!...”

Nem um só dia abandonou sua missão inicial: a idéia que lhe dilacerava enquanto percorria a Índia, de norte a sul e de sul a norte, entre os Himalaias e o cabo Comorin: salvar a seu povo em corpo e alma (“*Primeiro o corpo, primeiro o pão!*”), mobilizar com sua ajuda ao mundo inteiro, ampliando sua causa até converte-la na causa de todos os oprimidos de todo o mundo. Toma lá dá cá. Não falemos da mão misteriosa que desce do alto da compaixão. Igualdade! O que recebe dá, e tanto quanto recebe, ou mais. Recebe a vida e dá a vida; dá a Deus; porque estes miseráveis indianos, cobertos de farrapos, tem Deus. Debaixo da pressão do sofrimento e do ultraje que oprime os povos desde séculos atrás, flui, fermenta e se reencontra o vinho do espírito eterno. Tome, beba-o! “*porque este é meu sangue...*” São o Cristo das nações.

Assim, pois, aos olhos de Vivekananda, a tarefa é dupla: levar para a Índia o dinheiro e os bens adquiridos pela civilização ocidental e trazer para o Ocidente os tesouros espirituais da Índia. Troca leal. Ajuda fraternal.

Não estimulava só os bens materiais do Ocidente, estimava também os bens sociais e morais. Acabamos de ouvi-lo aclamar que o espírito da humanidade de uma nação que se respeite deve obriga-la a não condenar nenhuma outra. Estava admirado da liberalidade democrática que lhe demonstravam, ao acotovelarem-se na mesma rua um milionário e uma mulher do povo. Concedia-lhe uma importância muito maior que aparentava e percebia dolorosamente a desigualdade de castas e dos sem castas na Índia.

“- O destino da Índia – escrevia – foi selado no dia em que se inventou a palavra mleccha (o não indiano, o de fora), que fechou as portas de comunicação com os demais.”

Proclamava a necessidade fundamental de uma organização que ensinasse a Índia a ajuda recíproca, a mútua compreensão, segundo o exemplo dos democratas ocidentais.

Admirava também o valor intelectual de muitas mulheres na América e o nobre uso que faziam de sua liberdade. Comparava sua emancipação com a vida de encerro das mulheres da Índia e a lembrança dos padecimentos de uma irmã sua, a quem perdeu, lhe impunha o dever carinhoso de trabalhar por sua libertação. Desde sua primeira viagem, dispôs que fosse enviada uma parte do dinheiro que ganhava com as conferências à uma instituição para viúvas indianas de Baranagor. Não demorou em conceber o propósito de levar à Índia educadores ocidentais, para se dedicarem à formação intelectual de uma nova geração de mulheres indianas.

Não tinha inconveniente em reconhecer a supremacia ocidental (*“os norte-americanos são muito inferiores a nós quanto a espiritualidade, mas sua organização social é muito melhor”*) e desejava que seu povo se beneficiasse com ela; mas sua altivez não aceitava nada que não fosse na condição de devolver cem por um. Estava convencido de que levava ao mundo ocidental, aprisionado nas redes de seu próprio sentido prático, a libertação pelo espírito, a chave de Deus, que se acha no homem e a possui o mais humilde dos indianos. A crença no destino do homem, tão desenvolvida na jovem América, constituía para ele o primeiro escalão, a sala de espera. Longe de rebaixá-la, como certos cristãos europeus, a reconhecia como uma irmã menor de boa casta, mas cega pelo novo sol. Obrigou-se a devolver-lhe a vista e guiá-la até o alto, até o cume da vida, desde o qual se divisa a Deus.

Empreendeu pois, na América, uma série de campanhas apostólicas para propagar por aquelas imensas extensões de alma, o Vedanta e o Evangelho de Ramakrishna, que seu certo instinto aconselhava como o mais apropriado para o público americano. Evitava nomear a seu mestres, mas não deixava por isso de propagar seus ensinamentos e, quando decidiu-se a falar dele com alguns discípulos muito íntimos, lhes proibiu que dessem publicidade a sua mensagem.

Em seguida, desentendeu-se com as organizações yanques de conferências, que lhe impunham suas normas, dos managers, que os exploravam, desonrando-o como um anúncio de circo, a golpes de tambor. Em Detroit, onde esteve por seis semanas em 1894, rompeu o jugo que o sujeitava. Não podia mais suportá-lo. Suplicou a seus amigos que o livrassem do contrato e o conseguiu, a custa de uma forte indenização. Desde então foi de cidade em cidade, convidado por diversas Sociedades, dando até 12 ou 14 conferências por semana. Ao fim de um ano havia visitado as cidades mais importantes, da costa atlântica até o Mississippi. Também em Detroit conheceu a uma de suas discípulas ocidentais que haveria de ser, como Sister Nivedita (Ms Margaret Noble), a que mais se aproximava a sua maneira de pensar. Nos referimos aquela que adotou o nome de Sister Cristina (Ms Greenstidel).

Desde Detroit, regressou a Nova York, em princípios do inverno de 1894. Monopolizou-lhe a atenção, então, um grupo de amigos endinheirados, aos quais interessava muito mais o homem do dia que a sua mensagem. Não o tolerou. Quis estar só. Achava-se farto daquela correria, durante a qual não era possível fundar nada duradouro; resolveu educar gratuitamente alguns discípulos. Os amigos ricos, que lhe ofereciam cobrir os gastos, impunham-lhe condições inadmissíveis; queriam obrigá-lo a companhia exclusiva de 'gente como é devido'. Enfureceu-se:

"- Shiva, Shiva!... Se deu alguma vez o caso de que uma obra transcendental haja sido favorecida pelos ricos? Tão só o coração e o cérebro são criadores, porém não a bolsa!..."

Alguns estudantes abnegados e de escassos recursos tomaram a seu cargo a responsabilidade econômica da obra. Alugaram, num bairro de má fama, algumas habitações sórdidas. Não havia moveis. Sentavam-se aonde podiam; ele, no chão. No princípio eram dez ou doze. Logo foi preciso abrir a porta da escada: os ouvintes se agrupavam nos degraus e no patamar da escada. Em pouco tempo tiveram que pensar num local maior. A primeira série de lições foi dada de fevereiro a junho de 1895. Explicou nelas os Upanishads (paralelamente dava, na Associação Ética do Brooklyn, outra série de conferências públicas acerca da religião hindu. O produto daquelas servia para pagar as aulas privadas). Todos os dias levava alguns discípulos escolhidos a praticar o duplo método do Raja Yoga e o Gnana Yoga; um, mais especialmente psicofisiológico, encaminhando à contemplação intensa mediante o domínio das energias vitais e a subordinação do organismo ao espírito, a fim de que se deixe escutar a voz do Ser; e o outro, intelectual, relacionando-se com a razão científica e a unificação do espírito com a lei universal, a realidade absoluta: a ciência-religião.

Antes de junho de 1895, havia resolvido a redação de seu famoso tratado de Raja Yoga, ditado a miss S. E. Waldo, que haveria de chamar a atenção dos fisiólogos norte-americanos, impressionar a William James e mais adiante entusiasmar a Tolstoi. É de temer que este último, de caráter mais fisiológico, exercesse tanto atrativo na América porque o consideravam sentido utilitário, poderes materiais. Para aquele povo gigante, com cérebro de criança, interessava unicamente as idéias quando tinham valor prático.

Metafísica e religião se convertem em suas mãos em falsas ciências aplicadas, cuja finalidade é proporcionar, ao que as possui, saúde e riqueza, ou seja, o reino da terra. Não poderia haver nada mais mortificante para Vivekananda. Os verdadeiros mestres indianos não tem outra finalidade que o espiritual; não perdoam quem subordina sua investigação a aquisição de meios materiais. Vivekananda era particularmente rígido nisto, mas acaso teria valido mais a pena não tentar o diabo, como se costuma dizer, e encaminhar a inteligência norte-americana por outros caminhos. Parece que se deu conta disso pois, em suas lições do inverno seguinte, referiu-se a outros yogas. Naquele momento se achava, porém, num período de prova. O jovem mestre estava ensaiando sua influência sobre os homens de outra raça, não tinha, no entanto, segurança quanto a maneira de exercer aquele poder.

Durante o período seguinte, junho a julho de 1895, nas semanas que passou com um grupo escolhido de amigos dedicados no Parque das Mil Ilhas, foi quando Vivekananda fixou em detalhe seu plano de ação. Numa colina, junto a um bosque, por cima do rio São Lourenço, numa propriedade generosamente posta a disposição do mestre para seus ensinamentos vedânticos, se reuniram uma dezena de discípulos. Começou suas meditações a 19 de junho com a leitura do Evangelho de São João, e durante sete semanas não só fez uma exposição dos livros sagrados da Índia, como se aplicou a despertar as energias heróicas das almas que se colocavam em suas mãos: a liberdade, o valor, a castidade, o pecado de acreditar-se débil, eram os temas de suas conversas.

“- *Meu santo e senha é a individualidade – escreveu a um de seus discípulos – trato de formar indivíduos.*”

E acrescentava:

“*Se consigo, durante minha vida, a liberdade de um só homem, meus afãs serão recompensados.*”

Conforme o método intuitivo de Ramakrishna, não se dirigia a esta entidade insossa que se chama ‘o público’, como falam os oradores e pregadores, mas parecia dirigir-se a cada um em particular. Segundo ele mesmo disse, ‘*o homem contém em si mesmo o universo inteiro.*’ O núcleo do cosmos está no indivíduo. Aquele poderoso fundador de uma Ordem seguiu sendo um sannyasin, e sannyasins, homens de deus, livres, era o que queria formar. Este foi seu objetivo na América e o adotou resolutamente: libertar almas escolhidas e fazer delas semeadores de liberdade.

No verão de 1895 iniciou alguns discípulos ocidentais. Logo se manifestaram muito desiguais. Não parece que Vivekananda tivesse o infalível golpe de vista de Ramakrishna, que a primeira vista chegava até o mais profundo das almas, desnudando seu passado e seu porvenir. Em seu caminho arrastava a palha e o grão, deixando para o dia seguinte o cuidado de apartar este e dispersar aquele ao vento. Mas, no conjunto, colheu admiráveis adesões. Daqueles, nenhum foi de tanto valor como o jovem inglês JJ Goodwin, que lhe deu sua vida inteira; se converteu, a partir de 1895, em seu secretário, em seu braço direito, como dizia Vivekananda, e a ele é a quem devemos, principalmente, que se tenha conservado a palavra semeada na América.

Aquela estada nos EUA, interrompida de Agosto a Dezembro de 1895 por uma viagem a Inglaterra, da qual falarei a seguir, foi retomada em Janeiro e se prolongou até meados de Abril de 1896. Vivekananda continuou ali seus ensinamentos com duas séries de conferências e classes particulares em Nova York; uma delas, em Dezembro de 1895, acerca do Karma Yoga (o caminho até Deus pela ação), considerada sua obra prima, e a outra, em Fevereiro de 1896, sobre Bhakti Yoga (o caminho do amor ou devoção).

Falava nos centros de Nov York, de Boston, de Detroit, diante de ouvintes populares, diante da Sociedade Metafísica de Hartford, diante da Sociedade Ética do Brooklyn ou diante dos estudantes e dos professores de Harvard. Neste ponto lhe ofereceram uma cadeira de filosofia oriental. Em Columbia, de sânscrito. Em Nova York organizou, sob a presidência de Sir Francis Legget, a Vedanta Society, que haveria de ser o centro do movimento vedantico na América.

Seu lema era: 'Tolerância e universalismo religioso'.

Os três anos de viagem pelo Novo Mundo, o contato constante com o pensamento e as crenças ocidentais, maduraram o ideal de uma religião universal. Sua mentalidade indiana sofreu uma mudança. Para que a idéia religiosa e política indiana pudesse penetrar no Ocidente e fecunda-lo, era necessário reorganiza-la totalmente. Pôr em ordem aquela selva de idéias e de formas entrelaçadas. Classificar os grandes sistemas ao redor de alguns eixos fixos do espírito universal. Reconciliar entre si as concepções, contraditórias em aparência, da metafísica hindu (unidade absoluta do advaitismo, unidade atenuada ou modificada e dualismo), evidentes nos Upanishads. Construir a ponte que os enlace com a metafísica ocidental, formulando o quadro comparativo que destaque o parentesco entre a antiga filosofia himalaica e a ciência moderna. Houvera querido escrever o Maximum Testamentum, o Evangelho Universal. Apressava a seus discípulos indianos para que lhe ajudassem na escolha do material para tal reconstrução. *“Tratava-se – dizia – de traduzir o pensamento hindu à linguagem européia, de fazer da estéril filosofia, da complicada mitologia, da obtusa psicologia, uma religião fácil, simples, popular, que satisfaça as exigências das mais elevadas inteligências.”* *“Há chegado o tempo da propaganda da fé. A fé dos Rishis tem que se fazer dinâmica. Depois de vários séculos de reclusão, deve afrontar a luz do dia.”*

Que semelhante empreendimento oferecia o risco de alterar o desenho milenar gobelino é o que disseram os ortodoxos hindus e os indianistas europeus. Mas Vivekananda não acreditava, muito pelo contrário, confiava em destacar as linhas principais, cobertas pelos bordados enganadores: a essência primitiva e fecunda. Muitas vezes falou disso.

Por outro lado, para uma mentalidade como a sua, a religião não se acha, definitivamente, contida em texto algum, mas progride indefinidamente. Ao se deter um só momento, morre. Seu ideal universalista está constantemente em movimento. Tem que ser fecundado pela constante união do Oriente e do Ocidente e não imobilizado numa doutrina ou num espaço de tempo, ma sim em mútuo e constante movimento. Este é um dos objetivos do Vedanta Society: velar por um contínuo intercâmbio de homens e idéias.

O ENCONTRO DA INDIA COM A EUROPA

Sob o sol seco e brilhante de Nova York, naquele ambiente elétrico, sobre aquela terra de atividade sem freio, o gênio de Vivekananda ardia como uma tocha. Se consumia. O gasto de energias vertidas em idéias, em escritos, em palavras, comprometem seriamente sua saúde (Concordam os testemunhos em afirmar o desprante de energias que naquelas assembléias se comunicava ao público, como uma descarga elétrica. Alguns ouvintes se sentiam esgotados ao sair e tinham que descansar uns dias, como se houvessem sofrido uma comoção nervosa. Chamavam-lhe 'orador-relâmpago.' Na sua última temporada na América, deu até 17 conferências por semana, além de aulas particulares, duas vezes ao dia. E não se tratava de manifestos abstratos e preparados. Todos os pensamentos eram paixão; a palavra, fé; os discursos, improvisação impetuosa.). Quando saía dentre aquelas multidões, nas quais alentou seu espírito iluminado, houvera querido buscar um local escondido e permanecer nele até morrer. Sua vida, roída já pela enfermidade que o levou ao sepulcro, esteve ferida por aquele excesso de imaginação. Não pode recompor-se nunca. Os primeiros sintomas da diabetes, da qual morreu antes dos 40 anos, apareceram em sua adolescência, quando tinha 17 ou 18 anos. Também padeceu na Índia muitos e violentos acessos de febre palúdica. Esteve a ponto de morrer de difteria, contraída numa de suas peregrinações. Durante sua grande viagem de dois anos ao redor da Índia, abusou de suas forças, cometeu recorrentes excessos, meio nu, insuficientemente alimentado, caiu muitas vezes vítima de inanição. Tudo isto, além do excesso de trabalho na América.

Naquela época conhecia seu fim próximo. As vezes dizia:

"- Minha vida se acaba."

Mas se deixava arrastar ,em seguida, por sua tarefa e pelo heroísmo de sua missão.

Acreditou que lhe faria bem uma viagem pela Europa, mas aonde foi continuou consumindo-se. Esteve três vezes na Inglaterra, de 10 de Setembro a fins de Novembro de 1895, de Abril a fins de Junho de 1896 e de Outubro a Dezembro do mesmo ano.

Os resultados destas viagens foram muito mais importantes e inesperados que os da América.

Desde logo, não tinha motivo de queixas até esta. Apesar das inimizades e do orgulho de muitos, achou naquela nação muita simpatia, o mais decidido apoio e um terreno virgem aonde semear.

Seus primeiros passos no velho continente lhe convenceram do meio intelectual onde atuava. Já não se tratava da bárbara aspiração de um povo que sobre estimava a vontade, o que o levava a lançar-se ao yoga da energia – o Raja Yoga – para buscar nele, alterando-os, segredos pueris e nocivos para conquistar o mundo.

Era um trabalho milenar de inteligência, que no ensinamento da Índia ia diretamente aos métodos de convencimento, ao Gnana Yoga; e que, sem passar pela primeira aula, os julgava científica e firmemente.

Ainda que nos EUA Vivekananda encontrou alguns intelectuais notáveis, como o professor Wright, o filósofo William James e o grande eletrônico Nicolas Tesla, que lhe manifestaram sua simpatia, estes eram, no terreno da especulação metafísica hindu, noviços que ainda teriam que aprender tudo, como os graduados em filosofia de Harvard.

Vivekananda iria medir-se, na Europa, com hinduistas da grandeza de Max Muller e Pablo Deussen. A grandeza da ciência filosófica e filológica do Ocidente lhe apareceu em todo seu gênio e probabilidade. Isto o comoveu profundamente; e, pelo que sabemos, ninguém ofereceu disto um testemunho mais belo de amor e de veneração na Índia, onde era igualmente ignorada.

O descobrimento da Inglaterra lhe reservava outra emoção. Ia como inimigo e acabou subjugado. No seu regresso à Índia proclamou publicamente, com sua lealdade costumeira:

“- Ninguém desembarcou jamais na terra inglesa com mais ódio na alma contra uma raça do que o que eu sentia pelos ingleses... Nenhum de vocês quer mais ao povo inglês do que eu quero, agora...”

E numa outra carta escrita da Inglaterra a uma discípula norte-americana:

“- Minhas idéias sobre o povo inglês sofreram uma revolução.” Diria também, com certa ironia: *“ me parece que começo a ver o divino nos altaneiros anglo-índios. Me aproximo do estado em que seria capaz de querer ao diabo, se existisse.”*

“- Acabava de descobrir uma nação de heróis: os verdadeiros kshatriyas!... Valentes e constantes... Sua educação os impede de manifestar seus sentimentos, mas sob esta superestrutura voluntária se oculta um profundo manancial do coração. Tão logo lhes tocamos o coração e já são nossos para sempre. E quando entra uma idéia em seus cérebros não há meios de desarraigá-la; o sentido prático da raça produz magníficos frutos... Resolveram o problema da obediência sem servilismo e da maior liberdade unida ao respeito às leis...”

Raça digna de inveja! Obriga ao respeito até a aqueles a quem oprime. Até aqueles que a vituperam – os Ram Mohan Roy, os Vivekananda, os Tagore, os Gandhi – se vêem obrigados a reconhecer a grandeza do vencedor, a legitimidade de sua vitória e, quiçá a utilidade de uma colaboração leal. Em todo caso, não mudaria seu domínio por ouro algum. Apesar de seus abusos, lhes parece que, em todo Ocidente, é a Inglaterra a nação que oferece campo mais extenso para o livre desenvolvimento futuro de seus próprios ideais.

Admirando-a mais ainda, Vivekananda não podia perder de vista sua missão em favor da Inglaterra. Se propunha apoiar-se na grandeza da Inglaterra para realizar o império espiritual de seu país. Algum tempo depois haveria de escrever:

“- O Império Britânico é, com todos os seus defeitos, o meio adequado para a propagação de idéias. Me proponho a utiliza-lo para propagar as minhas em todo o mundo... Os ideais espirituais foram sempre o patrimônio de povos humilhados (judeus, gregos, etc).”

Quando de sua primeira viagem a Londres, pode escrever a um discípulo de Madras:

“- Na Inglaterra, meu trabalho é verdadeiramente esplêndido.”

O êxito foi imediato. A imprensa manifestou-se profundamente admirada. Comparava-se a figura moral de Vivekananda com a das mais elevadas personalidades religiosas e não só com as de seus predecessores indianos Ram Mohan Roy e Keshab, senão com as de Buda e Cristo. Era recebido com toda classe de considerações nos salões aristocráticos e até os chefes de igrejas manifestavam-lhe sua simpatia.

Na segunda viagem abriu classes regulares de ensinamento vedântico e, nelas, seguro da assistência de um público intelectual, o Gnana Yoga, deu, além disso, várias conferências na Galeria de Pinturas de Piccadilly, no Princess Hall, nos clubes, em sociedades instrutivas, na loja de Annie Besant e em círculos particulares. Reconhecia a seriedade dos auditórios ingleses, que contrastava com o orgulho do público norte-americano. Menos brilhantes, mais conservadores que os da América, os ingleses demoravam muito mais em dar-se; mas quando o faziam não tinham limites. Vivekananda se tornou mais confiante. Falava daquele a quem sempre ocultou com o maior cuidado: de seu mestre bem-amado Ramakrishna. Dizia com extrema humildade que *‘devia a este o que era; que não era seu nem o pensamento mais insignificante e que dele procediam todos as suas idéias...’* Anunciava que seu mestre constituiria *‘a origem de uma nova era na vida religiosa da humanidade.’*

Ramakrishna foi quem mais se aproximou de Max Muller. O ancião hinduista, cujo olhar observava sempre com renovada curiosidade e simpatia as palpitações da alma religiosa indiana, havia divisado já até o Oriente, como um dos seus três reis magos, o nascimento da estrela de Ramakrishna.

Ansiava interrogar algum testemunho direto da nova encarnação e, a seu pedido, teve Vivekananda que escrever suas lembranças sobre o mestre; que Max Muller utilizou para um livro sobre Ramakrishna.

O mago de Oxford que, desde seu distante observatório, anunciou a passagem do ‘grande cisne’ (Paramahansa) sobre o céu de Bengala, era igualmente querido por Vivekananda. Foi convidado a sua casa em 28/05/1896 e o jovem Swami, inclinando-se ante o sábio ancião europeu, proclamou-o como o espírito de sua raça, a reencarnação de outro Rishi, que acordava de

seus primeiros nascimentos nos remotos dias da Índia dos Vedas: “*uma alma que realizava diariamente sua unidade com Brahman...*”

A Inglaterra lhe deu os melhores amigos de sua vida: J J Goldwin, Margaret Noble e os senhores de Servier.

Citei anteriormente ao primeiro. Seu encontro com ele datava de fins de 1896, em Nova York. Buscava-se um bom taquígrafo para conservar ao pé da letra as lições do Swami e não era fácil encontrar um suficientemente instruído. Contrataram o jovem Goldwin, que acabara de chegar da Inglaterra. Ainda não havia concluído a primeira semana quando, iluminado pelas idéias que transcrevia, abandonou tudo para consagrar-se ao mestre. Negou-se a receber remuneração alguma; trabalhava noite e dia e acompanhava Vivekananda a todas as partes, velando por ele. Fez o voto de Brahmacharya. Deu sua vida ao mestre (em toda acepção da palavra), pois morreu prematuramente na Índia, onde foi acompanhando ao que era já sua família, sua pátria, e a cujas crenças servia apaixonadamente.

Margaret Noble fez outro tanto. O futuro unirá para sempre seu nome de iniciada (Sister Nivedita) ao de seu amado mestre como une o nome de Santa Clara ao de São Francisco (e isto porque o Swami estava muito longe de possuir a mansidão do Poverello e a submeteu à provas muito duras antes de aceita-la). Era uma diretora de escola em Londres. Vivekananda falou de sua escola e a cativou. Ela resistiu muito tempo. Era quem, ao terminar cada conferência lhe dizia: ‘- *Sim Swami, mas...*’

Sempre discutia, sempre resistia. Mas quando cedeu, foi para sempre. Era uma dessas almas inglesas que, uma vez conquistadas, são leais para sempre. Vivekananda dizia, delas: “*Não há almas mais seguras.*”

Nivedita escreveu muitas obras para dar a conhecer no Ocidente a religião, os mitos, as lendas e a vida social da Índia. A fiel discípula de Vivekananda morreu na Índia, 9 anos depois de seu mestre, em Outubro de 1911.

Margaret Noble tinha 28 anos quando se decidiu. Pôs sua sorte nas mãos do Swami. Este a levou para a Índia, para que se dedicasse a instruir as mulheres indianas. Para que pudesse conservar a ascendência, obrigou-a a esquecer as lembranças de seu passado. Pronunciou os votos de Brahmacharya e foi a primeira mulher ocidental admitida numa ordem monástica hindu. Voltaremos a vê-la ao lado de Vivekananda, cujos diálogos conservou.

A amizade com os Servier teve os mesmos traços de carinho e confiança absoluta daqueles que dão tudo para sempre. Servier foi capitão, tinha 49 anos. Sua mulher e ele estavam preocupados com as questões religiosas. A idéia, a palavra e a pessoa de Vivekananda lhes chamou a atenção. Ms McLeod me contou:

“- Ao sair de uma das conferências, Servier me perguntou: ‘- Você conhece este jovem?’ – ‘Sim.’ ‘Neste caso, temos que segui-lo para achar a Deus em sua companhia.’ Foi dizer a sua mulher: ‘-Me permite que me torne

discípulo do Swami?’ Ela respondeu que sim e lhe perguntou: ‘-Me permite você que eu seja sua discípula?’ Respondeu ele com carinhoso humorismo: ‘- Não sei...’

Foram-se com ele depois de liquidar o pouco que tinham. Mas Vivekananda, mais preocupado com o futuro de seus bons amigos do que eles próprios, não permitiu que dedicassem tudo à sua obra e os obrigou a reservar uma parte. Consideravam o Swami como um filho. Consagraram-se, como veremos, à edificação, no Himalaia, do Advaita Ashram, para a meditação no Deus impessoal, pois o Advaitismo foi o que mais lhes chamou a atenção. Servier morreu no monastério construído por ele. Sua esposa sobreviveu após sua morte e a de Vivekananda. Durante 15 anos continuou sendo a única européia que havia naquele longínquo lugar, no mais recôndito das inacessíveis montanhas, ocupada longos meses na educação de crianças indianas.

“- E você não se aborrecia?” – perguntou-lhe miss McLeod.

“- Pensava nele (Vivekananda)” – respondeu ela, simplesmente.

Estes admiráveis amigos oferecidos pela Inglaterra à Índia não foram privilégio unicamente de Vivekananda. Os indianos encontram sempre entre os ingleses seus melhores discípulos e seus auxiliares mais dedicados. É pública a importância de um Pearson, um Andrews ou uma Mirabeau para Tagore ou para Gandhi.

Quando a Índia, liberada do jugo inglês, pode avaliar tudo o que sofreu pelo império britânico, estas sagradas amizades equilibraram o fiel da balança, carregada de iniquidades

Sem dúvida, neste país onde sua palavra teve tanta ressonância, não se ensaiou nenhum movimento, como nos EUA, onde fundou a Ramakrishna Mission. Devemos acreditar, como me disse uma discípula norte-americana, que a elevada intelectualidade européia exigia dos missionários indianos uma formação especial muito escassa entre seus irmãos de Baranagor?

Ademais,, há que se ter em conta o enorme cansaço que começava a pesar sobre ele. Estava farto do mundo e da escravidão das obras. Aspirava ao descanso supremo. A diabete, que , como as formigas, roia as paredes do seu corpo, ia desprendendo-o da existência. Negava-se então a continuar construindo. Assegurava que ele não era organizador. Em 23 de Agosto de 1896 escreveu:

“Comecei a obra, que a terminem outros! Para coloca-la em condições tive que me manchar com dinheiro. Já não me interessam nem o Vedanta , nem nenhuma outra filosofia, nem o trabalho... Essa forma do bem, essas obras...me deixam farto!... Me disponho a partir para não voltar a este inferno, ao mundo!”

Exclamação comovente cuja intensidade será sentida por todos que conhecem o espantoso esgotamento que produz a doença que o minava. Em outras ocasiões, pelo contrário, expressava-se em acessos de entusiasmo: o universo lhe parecia o jogo hilariante de um Deus criança desprovido de razão (*'Bendito o dia em que nasci... O Bem-Amado é meu companheiro de jogo. Não há sentido comum no universo. Que ameno! Nosso pranto e riso, todos os papéis da comédia. Oh, a diversão do mundo!... Escola de crianças abandonadas, alegre companheirismo de jogadores que confraternizam!... A quem temos que louvar? A quem temos que censurar? Não há razão. Tenho a chave do jogo: além da razão e da ciência está o Amor, o Bem Amado... Enchamos o copo e enlouqueceremos!...'*). Mas fosse gozo ou dor, a indiferença era a mesma. O mundo lhe abandonava. A cola do barril se rompia...

Seus amigos diletos lhe aconselharam uma viagem a Suíça. Ali permaneceu durante o rigor do verão de 1896 e se restabeleceu, aparentemente, desfrutando do ar, da neve, das correntezas e das montanhas, que lhe lembravam o Himalaia. Num povoadozinho oculto no mais intrincado dos Alpes, entre Montblanc e San Bernardo, lhe ocorreu o projeto de fundar um monastério no Himalaia, onde se reuniriam os discípulos do Oriente e do Ocidente. Os Servier, que o acompanhavam, não deixavam de ouvir o conselho, foi a tarefa de suas vidas.

Em seu retiro de montanha recebeu a carta do professor Paulo Deussen, que o convidava à sua casa de Kiel. Desejando vê-lo, abreviou sua estada na Suíça e tomou o caminho mais longo, passando por Heidelberg, Coblenza, Colonia e Berlim. Desejava ver um aspecto, pelo menos, da Alemanha, cuja potência material e extraordinária cultura o impressionaram. A acolhida foi tão cordial e a conversa tão animada como se poderia esperar de um vedantista apaixonado como Paulo Deussen, que via nos Vedas não só *'um dos edifícios mais majestosos levantados pelo gênio do homem em busca da verdade, mas também o fundamento máximo da mais elevada moralidade e o máximo consolo nos sofrimentos da vida e da morte.'*

Mas ainda que Deussen foi sensível ao encanto pessoal, às qualidades espirituais, aos conhecimentos do Swami, as notas do seu Diário não revelam que pressentisse o estrondoso destino do seu hóspede. Sobretudo, não suspeitava a trágica seriedade que se ocultava no íntimo deste homem, de aparência robusta e jovial, cuja alma se achava obsedada pela miséria de seu povo e cujo corpo apresentava os sinais da morte. Conheceu-o num momento de quietude ditosa, de agradecido abandono ante o discreto sábio alemão que tanto havia feito em prol da causa da Índia. O agradecimento acompanhou Vivekananda, que conservou uma lembrança luminosa de seus dias em Kiel, assim como os de Hamburgo, Amsterdan e Londres, nos quais lhe acompanhou Deussen. Conserva-se o relato destas viagens num artigo do Brahmavadin, no qual, mais adiante, recordou Vivekananda a seus discípulos a dívida da Índia para com os eminentes europeus que souberam compreendê-la e querê-la mais que ela mesma e, em primeiro lugar, Max Muller e Paulo Deussen.

Esteve dois meses mais na Inglaterra, visitando Max Muller, vendo Edward Carpenter, Frederick Myer e o canônico Wilberforce. Deu um novo ciclo de conferências sobre Vedanta, a teoria indiana da Maia e sobre o Advaita. Mas sua estadia na Europa chegava ao fim. A Índia o reclamava. Sofria de nostalgia. O homem esgotado de três meses antes resistia com furor a carregar-se de novas cadeias (*'renunciei à férrea escravidão, aos laços de família; não vou me prender outra vez com a áurea cadeia da fraternidade religiosa; sou livre e tenho que continuar sendo. Desejo que todo mundo seja livre, livre como o ar. Cumpri com minha missão e me retiro...'*), que queria livrar-se da infernal roda da vida e da ação, voltou a lançar-se a ela com paixão. Como disse a seus amigos ingleses ao despedir-se deles:

"- Pode ser que me pareça bom sair deste corpo, dispensa-lo como um traje velho; mas nunca deixarei de ajudar a humanidade..."

Realizar, servir nesta vida e nas futuras; renascer e seguir renascendo constantemente para servir... Não, não está permitido a um Vivekananda deixar de voltar a este inferno! Seu destino era precisamente regressar, regressar continuamente para lutar contra este inferno e arrebatá-lo suas vítimas. Porque sua lei é queimar-se nele para salvar aos demais...

Saiu da Inglaterra em 16 de Dezembro de 1896, passou por Dover, Calais, o Monte Cenis e terminou sua visita à Europa com uma excursão rápida pela Itália. Foi a Milão para contemplar a Ceia, de da Vinci. Comoveu-lhe Roma, que na sua imaginação ocupava um posto comparável ao de Delhi. Surpreendido a cada momento pelas analogias entre a liturgia católica e as cerimônias hindus, sensível a sua magnificência e defendendo sua beleza composta de símbolo e emoção, contra os ingleses que o acompanhavam, profundamente impressionado pelas lembranças dos primeiros cristãos e dos mártires das catacumbas; compartilhando da delicada veneração do povo italiano pelas figuras de Jesus menino e da Virgem Mãe. Nunca se separaram de seu pensamento, como demonstram muitas frases que citou. Tudo lhe recordava a Índia: a tonsura dos sacerdotes, o sinal da cruz, o incenso, a música. Via no Santo Sacramento uma transformação do Prasada Védico, a oferta de comida aos deuses, que era comida em seguida pelo que ofertava. Achando-se na suíça, diante de uma pequena capela de montanha, recolheu flores e rogou a senhora de Servier que as depositasse aos pés da Virgem, dizendo:

"- Também ela é a Mãe."

Um de seus discípulos teve, tempos depois, a ocorrência de lhe apresentarem a imagem da Madonna Sixtina para que a benzesse e ele se negou humildemente. Tocou os pés do Menino e disse:

"- Eu lhe haveria lavado os pés não com minhas mãos, mas com o sangue do meu coração."

Na realidade, poderia dizer-se que de toda Europa e de toda América não haveria ser algum que lhe parecesse tanto como o Cristo. O que demonstra que o Grande Mediador entre Deus e os homens deve sê-lo

também entre Oriente e Ocidente, posto que o Oriente o reconhece, com razão, como seu. Não era que Vivekananda estivesse mais seguro de sua existência histórica que a de Krishna. Um sonho muito estranho que teve no barco, na última noite do ano, interessará aos modernos iconoclastas do Cristo histórico: apareceu-lhe um ancião e lhe disse: *'Preste atenção neste local. É a terra onde surgiu o cristianismo. Eu sou um dos terapeutas essênios que falavam neste local. As verdades e os ideais que nós pregávamos tem sido apresentados como ensinamentos de Jesus. Mas Jesus não existiu nunca. Quando fizerem escavações sairão à luz muitas provas para atestar isto'* Naquele momento – era meia noite – Vivekananda acordou, perguntou a um marinheiro onde estavam e o marinheiro respondeu que a 50 milhas de Creta. Nunca, até então, havia duvidado da autenticidade histórica de Jesus Cristo. Mas para um espírito de sua intensidade religiosa, a realidade histórica de um Deus era a menor de suas realidades. O Deus nascido da alma de um povo é mais real que o nascido do ventre de uma virgem. É, seguramente, a semente de fogo brotada da divindade.

No barco que o levava da Europa para a Índia, Vivekananda refletiu longo tempo sobre aquele divino laço de união entre os dois mundos. Um era o único. Existia também o que traçavam os desinteressados sábios eminentes que voltaram a encontrar, em plena obscuridade e sem ajuda, o caminho que conduz ao conhecimento do mais antigo, do mais puro espírito da Índia. Existia igualmente a inesperada chama de espiritualidade, que o primeiro choque fez brotar a ardente palavra do swami, dentre as multidões de boa vontade do antigo mundo. Havia também todas aquelas almas cândidas, puras, que se deram a ele; os nobres amigos, os servidores desinteressados que seguiam seu caminho (dois deles, a parilha anciã dos Servier, estavam a seu lado, no mesmo buquê, abandonavam a Europa e todo seu passado para acompanhá-lo...).

Quando recapitulava sobre sua longa estadia de quatro anos e das conquistas que levava a seu povo, certamente reconhecia que não era pouca aquela riqueza espiritual da qual havia de beneficiar-se a pátria. Mas, era aquilo o que a miséria do país pedia com mais urgência? Levava-lhes, por acaso, a urgente ajuda que havia ido buscar, o punhado de espigas recolhido nos campos da monstruosa fortuna do Ocidente, que havia de salvar da aniquilação a milhões de indianos, o socorro metálico indispensável para reconstruir a saúde física e moral de seu povo? Não. Neste sentido a viagem havia sido um fracasso. Dois anos depois, em 1899, se desesperava porque nem seu êxito nem sua glória lhe proporcionavam as 300 milhões de rúpias que seu sonho de regeneração material de Índia exigia. Compreendeu então que não nascemos para presenciar o êxito:

"- Nada de descanso! A vida é uma batalha. Quero viver e morrer lutando!"

Necessitava renovar seu trabalho sobre novas bases: refazer a Índia com a Índia. A salvação haveria de surgir dela mesma. Mas para realizar aquele trabalho de Hercules, o jovem herói, marcado já pela morte, possuía o que não tinha antes de sua viagem ao Ocidente: autoridade.

O REGRESSO A INDIA

O êxito de Vivekananda no Parlamento das Religiões foi tardiamente reconhecido na Índia. Mas quando o reconheceram, produziu-se uma explosão de alegria e de orgulho nacional. Propagou-se a notícia por todo o país. Os monges de Baranagor não souberam disso até se passarem seis meses. Não podiam imaginar que fosse seu irmão o triunfador de Chicago; souberam através de uma carta de Vivekananda e seu júbilo evocou a antiga profecia de Ramakrishna: “*Naren comoverá o mundo até os alicerces...*” Rajás, pandits e o povo estavam entusiasmados. A Índia celebrava o triunfo de seu campeão. O entusiasmo chegou ao paroxismo em Madras e Bengala, que se embriagava com sua imaginação tropical. Um ano depois do Congresso de Chicago, em 5 de Setembro de 1894, houve um comício na Junta de Calcuta. Nele estiveram representadas todas as classes sociais, que se uniram para festejar a Vivekananda e dar graças ao povo norte-americano. Foi enviada aos EUA uma extensa carta, firmada por homens ilustres. Alguns partidos políticos interpretavam em benefício próprio a atuação de Vivekananda. Este, informado, protestou energicamente. Não queria figurar em nenhum movimento que levasse interesses secundários.

“- Pouco me importam o êxito ou o fracasso. Ou conservo a pureza de meu movimento ou não quero fazê-lo.”

Nunca perdeu o contato com seus discípulos de Madras. Não cessava de estimulá-los. Queria constituir com eles uma milícia de Deus, pobre e leal até a morte...

“- Somos pobres, filhos meus, não somos nada, mas precisamente aos que nada são lhes eleger para instrumento seu o Altíssimo.”

Suas cartas do Ocidente tratavam de antemão o plano de combate: “*O único dever está em livrar a Índia da miséria. Para isso é necessário reunir e centralizar as forças dispersas dos indivíduos, cultivar a virtude da obediência, habituar-se ao trabalho em comum.*” Desde longe vigiava seus progressos. Enviava-lhes dinheiro para fundar uma tribuna vedantista; em sua ausência o Brahmavadin, de Madras, agitava sua bandeira. E, a medida que se aproximava o dia de seu regresso, suas Epístolas à Índia, não obstante seu cansaço, soavam como charangas:

“- Vão acontecer coisas grandes! Não temais, meus filhos! Tende valor!... Regresso a Índia e tentarei restabelecer aquilo que deve ser. Trabalhai, almas valorosas! Detrás de vós está o Senhor!...”

Anunciou que iria construir dois quartéis-generais, em Madras e em Calcutá, e logo outros dois, em Bombaim e Allahabad. Organizaria em torno a um centro (com seus irmãos em Ramakrishna, seus discípulos e seus tenentes ocidentais) a missão de auxílio e de amor universal, que conquistaria, servindo-os, a Índia e o mundo.

Confiava também em que encontraria a sua milícia disposta a receber instruções. Mas nunca suspeitou que a nação inteira, toda a Índia, acudiria a felicitar a chegada do navio no qual regressava o herói, vencedor no Ocidente. Nas grandes cidades se formaram comitês de todas as classes da sociedade para recebe-lo. Se construíam arcos de triunfo, se adornavam as ruas e as casas. Era tanto o entusiasmo que muitos não tiveram paciência para esperar e foram até o sul da Índia, até o porto do Ceilão, para serem os primeiros a aclamá-lo.

Quando chegou, em 15 de Janeiro de 1897, um clamor formidável se levantou daquele formigueiro humano que cobria o cais de Colombo. A multidão se precipitou, desejosa de tocar-lhe os pés. Organizou-se uma procissão com bandeiras estendidas. Marchavam cantando hinos religiosos, arremessando flores à sua passagem, molhando-o com água de rosas ou com a sagrada água do Ganges. Ardia o incenso no umbral das casas. Centenas de visitantes, pobres e ricos, levavam-lhe oferendas.

Vivekananda atravessou, uma vez mais, o território da Índia de sul a norte, como na época em que mendigava pelos caminhos, mas desta vez triunfalmente escoltado pelo povo delirante. Os rajás se prosternavam ante ele ou o tiravam de seu coche. Soava o canhão e, nas exóticas comitivas nas quais desfilavam elefantes e camelos, os coros cantavam a vitória de Judas Macabeu (como de Handel).

Não era homem que evitasse o triunfo ou a batalha. Aceitava os honores não para si, mas para sua causa. Acentuava publicamente o caráter extraordinário daquela acolhida que uma nação fazia a um sannyasin, sem fortuna, sem títulos, sem lar, que não levava consigo outra coisa que a Deus. Preparou suas forças para levantar sobre as cabeças a sagrada carga. Aquele enfermo, que deveria ter economizado sua vida, fez um gasto sobre-humano dela. Ao longo do caminho semeou sua palavra ao vento com discursos brilhantes, os mais formosos, os mais heróicos que até então escutou a Índia. Me deterei a comentá-los porque assinalam o ponto culminante de sua ação. Ao fim de sua cruzada pelo mundo, levava consigo a carga de sua experiência. Seu prolongado contato com o Ocidente lhe fez sentir de um modo mais prolongado a personalidade da Índia. Esta, por sua vez, deu mais valor à energia e múltipla personalidade do Ocidente. Ambos lhe pareceram necessários; e ao complementarem-se, reclamavam a palavra que haveria de uni-los, o Evangelho comum, indicando-lhe o caminho que haveria de seguir.

Ainda que fossem muito comoventes suas conferências de Colombo (*A Índia, Terra Santa; A Filosofia Vedanta*), pronunciadas à sombra da Figueira de Anaradapura, onde, pese a multidão de budistas fanáticos que o escutava, celebrou a “Religião Universal”; a homilia ao povo de Rameswaran, na qual ressoou a frase semelhante a de Cristo: “*Adorai a Shiva nos pobres, nos enfermos e nos débeis*”, que transportou ao piedoso rajá num delírio caritativo (no dia seguinte deu de comer a milhares de pobres e erigiu um monumento triunfal), foi para Madras que reservou seus mais poderosos esforços, para Madras, que o esperava desde várias semanas louca de paixão, que lhe levantou 17 arcos de triunfo, que lhe dedicou vinte mensagens, em todos os

idiomas do país, e cuja vida pública foi interrompida durante nove dias de festas alvoroçadas...

A esta espera do povo correspondeu Vivekananda com sua 'Mensagem à Índia', que anuncia a ressurreição da terra de Rama, de Shiva, de Krishna, e a envia ao combate pelo imortal Atman. Era um general que apresentava seu 'plano de campanha' e convocava seu povo para um levante em massa:

"- Índia minha, levanta-te! Onde radica sua força? Em tua alma imortal..."

"As nações, como os indivíduos, tem em sua vida um tema único, que é o centro de sua existência, a nota fundamental em torno da qual se agrupam as demais... Se a desconhecem, se recusam a razão de sua existência, a direção imposta pelos séculos, as nações desaparecem... Em algumas, como a Inglaterra, a razão é o poderio econômico; em outras, o impulso artístico. Na Índia, a vida religiosa constitui a tônica fundamental do acorde; de modo que, ao se recusar a religião, tomando como centro a política ou a sociologia, não conseguirá outro resultado que o da extinção... As reformas políticas e sociais tem que efetuar-se, na Índia, em função de sua vitalidade religiosa... Os homens e as nações podem escolher. Faz séculos que já escolhemos... E optamos pela confiança na Alma Imortal... Os desafio a que renunciéis a ela... Não conseguireis mudar vosso modo de ser... (Da Conferência de Madras, 'Meu Plano de Campanha')."

"Não vos queixais! Tendes a melhor parte. Dêem conta da força que possuis. É tanta que se dela tendes consciência, estareis chamados a revolucionar o mundo! A Índia é um Ganges de espiritualidade."

"As conquistas materiais das raças anglo-saxônicas, longe de estar em condições de interceptar sua corrente, a estão a aumenta-la. O poderio da Inglaterra uniu as nações do universo, abriu caminhos através dos oceanos para que por eles se derrame a torrente do espírito da Índia, até que banhe os extremos do mundo." (Deste modo foi vencido o Império Romano pelo triunfo de Jesus Cristo...).

"Qual é o espírito da Índia? Quais são as novas crenças? E qual é essa frase que o mundo espera?"

"O que o mundo inteiro espera, principalmente as classes baixas, as ignorantes e os oprimidos, é a grandiosa idéia da Unidade espiritual do universo... A Realidade Única e infinita que existe em vós, em mim, em todos, no eu, na Alma... A unidade infinita da alma, a idéia de que vós e eu não somos irmãos somente, mas somos Um... A Europa o necessita hoje tanto quanto nossas agonizadas massas; e esse magno princípio forma, a estas horas, inconscientemente, a base das mais recentes aspirações políticas e sociais da Inglaterra, da Alemanha, da França, da América..."

Pois bem, este é o fundamento mesmo da antiga crença Vedanta, do grande Advaitismo, o mais profundo e o mais puro do milenar espírito hindu:

“Tem-me reprovado algumas vezes porque me inclino pelo advaitismo (monismo absoluto) e muito pouco pelo dualismo. Sim, não ignoro a grandeza, o oceano de amor, as benções e as alegrias que fluem das religiões dualistas. Eu sei. Mas não é este o momento de nos lamentarmos; bastante já temos chorado! Tampouco é o momento de nos comovermos; nos temos enternecido durante tanto tempo que estamos parecendo bolas de algodão... O que necessita nossa pátria são músculos de ferro, nervos de aço, vontades poderosas às quais nada nem ninguém resista, que para alcançar seu propósito realizem o impossível e até que saiba afrontar a morte cara a cara. Isto é o necessitamos! O qual só pode ser criado, consolidado e fortalecido quando vocês compreenderem e realizarem o ideal do Advaita: a Unidade Universal. A fé, a fé em nós mesmos... Se tiverem fé nos 330 milhões de deuses locais e nos demais deuses que os estrangeiros introduzem em suas casas e não tiverem fé em vocês mesmos, suas salvaçãoes serão impossíveis. Tenham fé em vocês mesmos! Por que nós, um povo de 330 milhões de habitantes, somos governados por um punhado de estrangeiros há mil anos? Porque eles tinham fé em si mesmos e nós não a temos em nós... Leio nos periódicos que um indiano, um pobre diabo, foi assassinado ou maltratado por um inglês e que todo o país protesta. Eu leio e choro. Mas, em seguida, me pergunto: “Quem tem a culpa?” e me respondo: “Os ingleses não. Nós. Nós somos os responsáveis de nossa degradação.” Nossos antepassados, os aristocratas,

Pisotearam as massas de nosso país de tal maneira que se tornaram impotentes; tanto que sob aqueles martírios, os pobres se esqueceram de que eram seres humanos. Se viram reduzidos à mais baixa condição e acabam acreditando que nasceram na escravidão.”

“Vocês, que pretendem ser patriotas, vocês, que pretendem ser reformadores, percebem, nos estremecimentos de seus corações, que milhões de descendentes de deuses e de sábios se converteram em animais ou pouco menos? Que hoje em dia milhões morrem de fome? Que há séculos vem morrendo-se de fome? Compreendem que a ignorância se propagou por este país como uma nuvem sombria? Isto os transtorna? Os tira o sono? Os torna loucos? Os faz esquecer de seus nomes, de suas esposas, de seus filhos, de seus bens, até de seus corpos, diante da obsessão única da miséria e da ruína?... Esse é o primeiro passo do patriotismo! Há séculos se ensina ao nosso povo doutrinas de envilecimento. Em todas as partes dizem às massas que elas não são nada. São acovardadas de tal modo que parecem rebanhos de animais. Nunca lhes falaram do Atman que não morre jamais nem nunca nasceu. Aquele a quem a espada não pode ferir nem o fogo consumir... é imortal, sem princípio nem fim, o puríssimo, o todo-poderoso, o onipotente Atman...”

“Sim, que cada homem, que cada mulher, que cada menino, sem distinção de raça nem casta, aprenda e saiba que detrás dos débeis e dos fortes, detrás dos poderosos e dos humildes, detrás de todos e de cada um se acha a Alma Infinita que garante, a todos por igual, as possibilidades e as capacidades infinitas da grandeza e da bondade! Levantem! Despertem! Não se detenham até alcançar a meta! Despertem dessa hipnose de debilidade. Ninguém é realmente débil: a alma é infinita, onipotente, onisciente... Levantem! O que necessitamos é uma religião que produza homens...”

Recusem tudo que os debilita, física, intelectual e espiritualmente! É um veneno! A vida é força. A verdade é pureza. A verdade é luz. É o manancial da energia... Abandonem seu misticismo e sejam fortes! As maiores verdades do mundo são as mais simples, simples como sua própria existência..."

"Por esta razão, meu plano é criar na Índia instituições que adestrem a nossos jovens no ensinamento das verdades imortais de dentro e de fora da Índia. Homens, homens! O restante logo virá. Mas homens jovens, vigorosos, enérgicos, cheios de fé, sinceros até a medula, isto é o que quero! Proporcionem-me cem homens e eu revolucionarei o mundo. A vontade é mais forte do que o mundo. Tudo tem que dobrar-se ante a vontade, porque ela é Deus. Uma vontade pura e enérgica tudo pode."

"E se me dizes que o bramane, por seu nascimento, tem mais aptidão para aprender do que o paria, lhes direi que não gastem mais dinheiro para educar os bramanes, mas sim os parias! Dêem aos débeis, que tanto o necessitam. Se os bramanes nascem inteligentes, já se instruíram por si sós! Assim entendo eu a justiça e a razão."

"Que os demais deuses desapareçam de nosso espírito durante os próximos cinquenta anos! O único Deus vivo é nossa própria raça. Em todas as partes, seus pés, seus membros, seu corpo, tudo cobre. Os demais deuses dormem. Que inúteis deuses vão vocês buscar se não adoram o Deus que vêem em torno de vocês, o Virat?... O primeiro culto de todos é o do Virat, dos homens que nos rodeiam. Aí estão todos os nossos deuses: os homens vivos! Os primeiros deuses a quem temos que adorar são nossos compatriotas..."

Imaginem o fragor de trovão destas palavras! Era o caso de exclamar, como as massas indianas, com o próprio Vivekananda:

"- Shiva" Shiva!"

Se aplaca a tormenta, derramam sobre a planície suas cataratas de fogo e de água; a formidável invocação à força da Alma, ao Deus que dorme nos homens e a suas ilimitadas potências. Vejo o mago de pé, com o braço estendido como o Jesus sobre o sepulcro de Lazaro, na estampa de Rembrandt, e a energia que emana de seu gesto imperativo, ressuscitando o morto e fazendo-o levantar-se de sua tumba.

Incorporou-se o cadáver? A Índia, estremecida por estas palavras, respondeu ao que o evocador espera? Traduziu-se em atos seu ruidoso entusiasmo? No momento, aquela labareda parece perder-se numa fumaceira. Dois anos depois Vivekananda declarou com amargura, que a Índia não havia produzido a colheita de homens que ele necessitava para construir seu exército. Não é fácil mudar num dia os costumes de um povo absorto no sono, escravizado pelos preconceitos e que se abandona na linha de menor resistência! Mas o chicote do amo estala em meio a sua sonolência e, pela primeira vez, tocou a trombeta heróica, a marcha de combate da Índia consciente de seu Deus. Já não o esquecerá.

A partir daquele dia começa o despertar do colosso adormecido. Se a geração seguinte viu – a anos da morte de Vivekananda – a rebelião de Bengala, prelúdio do grande movimento e Tilak e de Gandhi, se a Índia de hoje iniciou definitivamente a ação coletiva de suas massas organizadas ao choque inicial da Mensagem de Madras, o deve ao poderoso ‘Levanta-te Lazaro’!

Esta mensagem tinha extensão dupla: uma, nacional, e a outra, universal. E, ainda que para o monge do Advaita, fosse o sentido universal o mais importante, o primeiro era o que comovia as fibras da Índia, porque respondia a essa febre que ia apoderando-se do mundo naquele momento da história, fatalmente impulsionada pelo nacionalismo, cujos monstruosos efeitos comprovamos hoje. Estava pois, sem sabe-lo, prenhe de perigos. Temia-se que sua elevada espiritualidade se desviasse em favor do orgulho animal de raça ou nação, e de suas bestas ferozes. Bem o sabemos nós, que desde então temos visto tantos idealismos desta classe – e ainda dos mais puros – utilizados em proveito das mais baixas paixões nacionais!... Mas, como despertar nas desorganizadas massas da Índia o sentido da unidade humana, sem mostrar-lhes esta mesma unidade no marco de sua própria nação? Um conduz ao outro.

Sem dúvida, eu prefiro outro caminho, mais árduo, porém mais reto. Porque sei que a imensa maioria dos que passam por esta etapa da nação, nela ficam. Tem derrotado no caminho sua fé e seu amor. Não era este o pensamento de Vivekananda que, parecido nisto com Gandhi, só concebia o despertar da Índia para o serviço da humanidade, da qual haveria de ser a consciência libertadora, a luz da eternidade. Mas um Vivekananda, menos crédulo que Gandhi, desaprovou o desesperado esforço que este tentou para introduzir o espírito religioso na política, pois constantemente – já temos visto em suas cartas da América – colocava entre ele e a política uma espada desembainhada: “- *Não quero ter nada que ver com as tolices da política...!*” Mas Vivekananda devia contar não só com seu espírito, mas com seu temperamento. E o altaneiro indiano, que tantas vezes teve que topar com as exações ou as estúpidas afrontas do conquistador anglo-saxão, reagia com tal violência que, a seu pesar, deveria partilhar das perigosas paixões do nacionalismo, as quais tinha aversão. Esta luta interior teve que prolongar-se até a crise dos primeiros dias de Outubro de 1898, em que, havendo-se retirado, só, para a Cachemira, num santuário de Kali – estava então dominado por um tropel de emoções originadas pelos sofrimentos e pelas ruínas da Índia – regressou transfigurado e disse à Nivedita:

“- Desapareceu meu patrimônio. Padecei um grave erro. A Mãe (Kali) me disse:

‘- Ainda que alguns decaídos entrem em meus templos e manchem minhas imagens, que tens tu há ver com isso? Acaso és tu quem me protege? Ou sou eu que protejo a ti?’ De modo que já não há patriotismo; não sou mais que um menino...’

Mas no estrondo da catarata dos discursos de Madras, o povo não era capaz de ouvir a voz desdenhosa e serena de Kali, que continha o orgulho humano. Deixou-se ganhar pela embriagues e pela fúria da corrente.

A FUNDAÇÃO DA MISSÃO RAMAKRISHNA

Um verdadeiro condutor de homens não pode ignorá-lo. Vivekananda sabia que para levar os povos a conquista de um ideal, não basta exacerbá-los: há que rodeá-los de uma milícia de eleitos. Aquele que quiser formar um povo, deve começar pelo melhor; os tipos de homens novos, os precursores, que não só se adiantam, mas que preparam o porvir. Sua existência é tão só uma realização antecipada da ordem que há de reinar.

Por esta razão, tão logo Vivekananda livrou-se de sua recepção em Madras e Calcuta, se apressou a voltar a seus monastérios de Alumbazar.

Muito haveria que fazer para que seus gurubhais (monges) se elevassem ao nível de seus pensamentos! O poderoso emigrante havia percorrido o mundo e seu olhar mediu os amplos horizontes, enquanto eles permaneciam piedosamente no lar, cujos tímidos costumes conservavam. Amavam a seu irmão maior, mas já não o conheciam. Não conseguiam conceber o novo ideal de serviço social e nacional que lhes excitava. Custava-lhes sacrificar seus preconceitos ortodoxos, seu idealismo religioso, sua vida independente e tranqüila, de meditação solitária; e procedendo com sinceridade lhes era difícil fundamentar em santas razões seu devoto egoísmo. Até evocavam o exemplo de seu mestre Ramakrishna e seu afastamento do mundo. Mas Vivekananda queria ser o verdadeiro depositário do pensamento profundo de Ramakrishna. Em seus radiantes discursos de Madras e Calcuta, não deixou de falar em nome de Ramakrishna: *“meu mestre, meu ideal, meu herói, meu deus nesta vida...”* Atribuía a si mesmo a voz do Paramahansa e chegava até a negar-se o mérito de qualquer iniciativa, de qualquer idéia nova, para conceder-se nada mais que o ser um administrador que executa pontualmente as ordens do seu senhor:

“- Se alguma vez, em pensamento, em palavras ou em ações, realizei algo; se de meus lábios saiu uma só palavra que ajudou a quem quer que seja neste mundo, não foi coisa minha; só dele é o mérito. Minha não é mais do que a debilidade. Tudo o que tenho de forte, de são, de vivificador, é inspiração sua, é seu verbo, é ele mesmo!”

Os dois Ramakrishna – o que contemplaram e cobiçaram os discípulos que permaneceram no ninho e o que, levado pelo discípulo principal, cobriu com suas asas o mundo – haviam de chocar-se fatalmente. Mas não era duvidosa a vitória: levava de antemão a vantagem não só do enorme ascendente do jovem triunfador, da superioridade de seu gênio e do rumor das aclamações da Índia, como a do amor que até ele sentiam seus irmãos e que Ramakrishna lhes demonstrou. Era o ungido do mestre.

Por isto aceitaram, ainda que sem admiti-las no íntimo de sua alma, as diretivas que lhes impôs Vivekananda, o qual lhes obrigou a receber seus discípulos europeus em sua comunidade, lhes impôs a missão de serviço e

ajuda social; lhes proibiu terminantemente pensar neles mesmos e em sua salvação. Ia, segundo suas palavras, criar uma nova Ordem de Sannyasins que iria ao próprio inferno, se necessário fosse, para salvar aos demais (*“pensar em sua própria liberação é indigno dos discípulos de um Avatar pois sua liberação já estava por este próprio fato garantida”*). Basta já do deus estéril das orações solitárias! Há que adorar ao Deus vivo, ao próximo, ao Virat que reside em todas as almas viventes! E que, ao conjuro de sua voz, se desperte o leão de Brahma, que dorme na alma de todos!

Tão premente era o tom das ordens do jovem mestre que os excelentes irmãos, muitos dos quais eram mais velhos que ele, lhe obedeceram, talvez antes de comungar com o que dizia. O primeiro em dar o exemplo foi precisamente aquele que mais deveria sofrer, pois não havia saído do monastério nem um só dia durante 12 anos: Ramakrishnananda. Foi-se a Madras a ali fundou um centro propagador das doutrinas do Vedanta na Índia do sul. Logo seguiram Sarananda e Abhedananda. Foi a Murchidabad, onde reinava a fome, e se consagrou a atender aos desgraçados.

Desta maneira se ensaiava, sem ordem nem método, lares de serviço (Sevashram), para a comunidade indiana.

Vivekananda achava-se impaciente para que se implantasse a ordem e o método para sempre e o quanto antes. Não havia um dia a perder. O gasto de forças sobre-humano que teve que fazer durante os primeiros meses de seu regresso à Índia para mover as massas, ocasionou um retrocesso agudo de sua enfermidade. Viu-se obrigado, ao chegar a primavera daquele ano, a retirar-se duas vezes para as montanhas, a Darjiling e a Almora, para descansar; a primeira vez, uma semana, e a segunda, dois meses e meio.

No intervalo teve energia para fundar a nova Ordem, a Ramakrishna Mission, que vive e prossegue sua atuação até hoje.

Em primeiro de Maio de 1897 foram convocados todos os discípulos monásticos e laicos de Ramakrishna a uma reunião celebrada na casa de um deles, em Balaram. Vivekananda falou na sua qualidade de chefe. Disse que sem uma organização firme não poderia intentar-se nada duradouro. Num país como a Índia não era prudente, ao menos no começo, basear tal organização num sistema republicano, em que todos tivessem voto igual e se tomassem os acordos por maioria. Quando os membros aprendessem a subordinar seus interesses e seus preconceitos particulares ao bem público, seria oportuno adotar tal sistema. No momento, era necessário um ditador. Por outro lado, ele, e os demais irmãos, atuavam somente na qualidade de servidores do Mestre comum: ‘in nomine et in signo Ramakrishna’.

Induziu-lhes a votar as seguintes conclusões:

I - Funda-se uma associação com o nome de Ramakrishna Mission.

II - Seu objetivo é pregar a verdade que, para o bem da humanidade, ensinou Ramakrishna com sua própria vida, e ajudar aos demais a praticá-las para seu melhoramento temporal, intelectual e espiritual.

III –Sua obrigação é dirigir, de maneira conveniente, as atividades do movimento iniciado por Ramakrishna, para alcançar a união entre os adeptos de diferentes religiões, sabendo que todas elas são formas diferentes de uma só Religião Eterna.

IV - Seus métodos de ação são: 1) preparar os homens para que possam ensinar as ciências que resultem úteis ao bem estar material e espiritual das massas.;

2) fomentar e ajudar as artes e as indústrias; 3) introduzir e propagar entre o povo o Vedanta e as demais idéias religiosas, do modo que foram aclaradas por Ramakrishna.

V - Terá dois ramos de ação: 1) um indiano, que se ocupará em fundar Maths (monastérios) e Ashrams (conventos, locais de retiro) em diferentes pontos da Índia, para a educação de sannyasins e laicos (chefes de família) que desejem consagrar sua vida à educação do povo, indo de província em província e;

2) outra estrangeira, que enviará membros da Ordem a todas as nações para fundar nelas centros espirituais e ‘para criar um espírito de ajuda mútua e de simpatia entre a Índia e o estrangeiro.’

VI -Como os fins e os ideais da Missão são puramente espirituais e humanitários, não terá nem poderá ter nunca nenhum vínculo com a política..

Se observará sem esforço o caráter netamente social, humanitário e ‘pan-humano’ – apolítico – da Ordem fundada por Vivekananda. Em vez de opor – como na maioria das religiões – a fé e a razão, reserva seu lugar à ciência; se propõe a ajudar o progresso, tanto material como espiritual, e favorece o mesmo tanto para as artes como para as indústrias. Mas sua finalidade específica é o bem das massas. Quanto à sua crença, é a implantação da fraternidade entre as diversas religiões, cuja síntese constitui a Religião Eterna. Tudo isso sob a égide do grande homem de um coração que abarcava a humanidade inteira em seu carinho: Ramakrishna.

O cisne estende seu vôo. Seu primeiro vôo cobre o mundo.

Começou-se a eleger os diretores. Vivekananda, presidente geral, fez a Brahmanada e a Yogananda presidente e vice-presidente do Centro de Calcuta. Reuniram-se todos os domingos a tarde na casa de Balaram (este estado de coisas durou dois anos. Em Abril de 1898 começou a edificação do Math central da Ordem, o Belur Math, perto de Calcuta.). E Vivekananda, sem perder um instante, preparou a dupla atuação de serviço público e de ensinamentos vedânticos (ele mesmo dava lições a seus irmãos e estabelecia discussões sobre o Vedanta).

Aos monges, custava segui-lo e se produzia entre eles discussões bastante acaloradas, ainda que sempre fraternais. Vivekananda não era sempre dono de seus impulsos, que a enfermidade exacerbava, algumas vezes mostrava-se agressivo, mas sempre era tolerado por todos. Aqueles eram jogos de príncipe! Uns e outros estavam seguros de seu afeto.

As vezes acometia-lhe a nostalgia de sua vida contemplativa e de seu Ramakrishna, rei do êxtase. Lhes agradaria muito reduzir a Ramakrishna Mission a um culto de capela, propício à ociosidade sonhadora; mas Vivekananda os afastava rudemente:

“- Querem aprisionar Ramakrishna em vossos limites reduzidos? Mas eu vos destruirei! Ramakrishna é muito maior do que imaginam seus discípulos. É a encarnação de idéias espirituais infinitas e susceptíveis de infinito desenvolvimento. Apenas com um olhar ele poderia criar mil Vivekanandas... Eu propagarei suas idéias por todo o mundo...”

Por mais que amasse a personalidade de Ramakrishna, amava muito mais ao seu verbo. Ele não queria erigir um altar para um outro deus (“*não nasci para criar uma nova seita no mundo*”), mas sim derramar sobre os homens a benção de seu pensamento, pensamento que, antes de tudo, era ação. “*A religião deve ser prática*”. Pois bem: para ele “*a forma mais perfeita de religião era ver a Shiva em cada homem, principalmente se este era um deserdado.*” Haveria querido que “*cada qual recebesse todos os dias, em sua casa, um ou mais cegos, enfermos, famintos, para dar-lhes de comer, cuidar-lhes, oferecer-lhes o mesmo culto que a Shiva e a Vishnu no templo.*”

Ademais, tinha muito cuidado em evitar seu antigo sentimentalismo, pois semelhante disposição de animo tinha excessiva tendência a estender-se em Bengala. Acabou por sufocar o vigor varonil e Vivekananda acabou encolerizando-se contra ela, com tanta maior violência quanto necessitava para desarraigá-los de si mesmo, para poder atuar.

Um irmão reprovou-lhe uma vez, em tom de gozação, que ele introduzia conceitos ocidentais nos ensinamentos de Ramakrishna. Vivekananda respondeu com certa ironia:

“- O que você sabe? É um ignorante... Seus estudos se interromperam, como os do canto, na primeira letra do alfabeto bengali: Ka, porque lhe recordava Krishna e o pranto que corria por seu rosto lhe impedia de continuar. Vocês são uns imbecis sentimentais. O que compreendem da religião? Não valem mais do que para rezar com as mãos juntas: “Oh, Senhor! Que formoso nariz tens! Que sedutores são vossos olhos!” E outras idiotices deste tipo... Com isso acreditam que a própria salvação fica assegurada e que Ramakrishna virá na última hora, pegando-os pela mão para leva-los ao mais elevado céu... O estudo, a pregação pública, as obras humanitárias são, para vocês, Maya, porque ele lhes disse: ‘busquem a Deus primeiramente! Fazer bem ao mundo é pura vaidade!’ Como se fosse tarefa fácil falar de Deus! Como se fosse tão bobo para converter-se a si mesmo em brinquete dos idiotas.”

E acrescentou com veemência:

“- Acreditam que compreendem a Sri Ramakrishna melhor do que eu? Crêem que a Gnana é um conhecimento árido, ao que se chega anulando o coração? Sua Bhakti é uma besteira sentimental que os faz impotentes. Pretendem pregar Ramakrishna tal como o compreendem? Quem se atem ao que pregam as Sagradas Escrituras? Quem te apego à suas Bhakti ou

Mukti(moksha)? Estou disposto a descer a mil infernos se com isso consigo despertar a meus compatriotas, sumidos na inércia, e converte-los em homens aos quais inspire o espírito de Ramakrishna. Não sou servo de Ramakrishna nem de ninguém, Sou um servo do único que serve e ajuda aos demais, sem cuidar de suas próprias Bhakti ou Mukti!...”

Tinha a face arrebatada, disse uma testemunha – seus olhos desprendiam chispas, sua voz se afogava e seu corpo se via agitado por freqüentes tremores. Foi para seu quarto. Sumiu-se em profunda meditação. Esperaram em silêncio... Ao cabo de uma hora regressou Vivekananda. Em seu rosto se notavam ainda as marcas da tempestade passada. Mas se achava tranqüilo. Disse-lhes docemente:

“- Quando se alcança a Bhakti, os nervos e o coração se afinam de tal modo que não se pode suportar nem o contato de uma flor. Sabem que agora não posso nem sequer ler uma novela? Não posso recordar a Ramakrishna sem sentir-me transtornado. É por isso que me esforço em conter a efervescência do Bhakti. Me esforço constantemente para sujeitar-me nas cadeias de ferro do Gnana. A obra em favor minha pátria não está, todavia, terminada, nem comuniquei minha mensagem ao mundo. Por isto, quando percebo que surgem em mim sentimentos de Bhakti, os fustigo cruelmente, e me torno duro como uma pedra, invocando a austera Gnana... Tenho uma missão para cumprir! Sou escravo de Ramakrishna, que me encarregou de realizar sua obra e que não quer conceder-me o descanso enquanto eu não a acabei!... Seu amor para comigo!”

Estava sufocado pela emoção. Yogananda procurou distrai-lo, porque todos temiam outra explosão.

Desde aquele dia não voltou a ouvir-se uma só palavra de protesto contra os métodos de Vivekananda. O que podiam objetar que ele não havia pensado antes? Acabavam de ler no fundo de sua alma atormentada.

Cada missão é um drama. Realiza-se as custas de uma parte de sua natureza, de sua tranqüilidade, de sua saúde; com freqüência, de suas aspirações inatas. O caráter de Vivekananda era semelhante ao de homens de seu país por seu misticismo, sua necessidade de se tornar independente das travas do mundo, seja pela meditação, pelo estudo ou pelo êxtase amoroso, seja como o monge errante, por esse vôo eterno do espírito, que não se detém em parte alguma para não abandonar o contato com o Um Universal. Quem o observasse de perto ouviria sair constantemente de seu peito um suspiro de cansaço e de pesar.

“Nasci para a vida de sábio, retirada, aprazível, inclinado sobre meus livros, mas a Mãe dispõe outra coisa. No entanto, é minha aspiração...”

Tinhas horas de intensa visão religiosa, nas quais o trabalho parecia uma ilusão. Um dia, quando discutiu, irritado, com um dos monges (Virajnanda), para tira-lo de suas meditações e obriga-lo a uma atuação útil, lhe disse:

“- Que necessidade tens de meditar horas inteiras? Basta que concentre teu espírito cinco minutos, ou um, nada mais, a cada dia. O resto do tempo deve ser utilizado em serviço dos demais.”

Virajnanda não se conformou e se retirou sem replicar. Ao ficar a sós com outro monge, Vivekananda manifestou que o compreendia perfeitamente. Sua época de monge errante seguia sendo para ele a mais feliz de sua vida. Daria tudo para retoma-la e livrar-se da atividade pública.

Mas não foi ele quem elegeu sua vida. Foi sua missão que escolheu a ele...

“- Para mim não há descanso. O que Ramakrishna chamava Kali se apoderou de minha alma e de meu corpo três dias antes dele abandonar o mundo. Esta força me obriga a trabalhar e nunca me deixa pensar em minhas necessidades pessoais.”

E necessitava espalhar esta mesma fé em sua milícia de apóstolos. Mas isto só é possível exaltando a energia e a ação. Tem que se confrontar com um país de dispepticos que se embriagam com seu próprio sentimentalismo (*“uma nação de dispépticos, dedicada a saltar com acompanhamento de tambores, cantando kirtans de um modo sentimental... Eu gostaria de estimular a energia mediante uma música marcial e proibir aquelas que acariciam os sentimentos de languidez”*) Por isso se mostra áspero. Quer erigir em todos os terrenos de atividade a austera elevação de espírito que acende o heroísmo. Por meio do trabalho manual e espiritual ao mesmo tempo, pelas investigações científicas, pelo serviço aos homens. Se concede tanta importância às lições de Vedanta é porque vê nelas um tônico soberano.

Renovar seu país com as notas vibrantes do ritmo védico.

Violenta o coração dos demais e também o seu. Mas não ignora que o coração é também um manancial da Divindade. Mas o caudilho lhe mostra seu lugar na fila. Quando o coração quer dominar, o humilha; quando está humilhado, o exalta.

No Punjab, favorecia o Bhakti e, em troca, o reprovava em Bengala. Chegou ao ponto de desejar, em Lahore, aquelas procissões com danças e cânticos religiosos, aqueles sankirtans, dos quais zombava em Calcuta. *“Porque esta terra dos cinco rios (Punjab) está seca espiritualmente e é preciso rega-la.”*

Ensinando a seus monges, antes da sua segunda viagem ao Ocidente, o ideal da vida religiosa, lhes dizia:

“- Havereis de procurar fazer que em vossa vida o idealismo esteja compensado com o espírito prático. Devereis estar sempre dispostos a fundir-vos nas profundezas da meditação e em seguida cultivar a terra; em explicar as complicações do pensamento dos Shastras e vender os produtos de vossa terra no mercado. O objetivo do monastério é construir homens.

O homem verdadeiro é aquele que é forte como a força e, apesar disso, tem uma alma de mulher...”

Quer que em todas as partes reine o equilíbrio das forças interiores com vista na obra essencial, a do serviço humano, que resulta a mais urgente; a ignorância, os sofrimentos, a miséria das massas não pode esperar.

É certo que o equilíbrio nunca pode ser estável, o qual é difícil manter nestas raças que passam com extraordinária facilidade do mais exaltado entusiasmo à mais profunda apatia.

É bom que tenha conseguido conservar até o fim o pêndulo nivelado entre os dois pólos: o ardente imã do Absoluto (o Advaita) e o irresistível chamado da humanidade doente... O que nos faz tão humanos é a circunstância de que, quando não é possível o equilíbrio, predomina o último dos dois: tudo é sacrificado pela compaixão.

O belo episódio de Girish é uma prova comovente disto:

Recordará o leitor que este amigo de Ramakrishna, dramaturgo famoso, escritor e comediante bengalês, que levou vida de libertino até o momento em que o indulgente e malicioso pescador do Ganges colheu sua alma no anzol, foi depois, sem separar-se do mundo, o mais sincero, o mais ardoroso dos convertidos, e viveu, a partir de então, como um perfeito Bhaktiyoga. Mas conservava sua sinceridade e os discípulos de Ramakrishna o respeitavam em memória do Mestre.

Um dia, entrou no momento em que Vivekananda refletia com os monges acerca da filosofia mais abstrata. Interrompendo-se, o mestre lhe disse, em tom festivo:

“- Vamos, Girish, você nunca estudou estas coisas... É verdade que continua passando os dias com seus Krishnas e seus Vishnus?”

Girish respondeu:

“- Diga-me você, Naren, que leu e releu os Vedas e as Vedantas... Diga-me, encontrou neles remédios prescritos para os lamentos dos famintos, para os pecados abomináveis e para os infinitos males e misérias com que tropeçamos diariamente? Uma mãe que antes dava de comer todos os dias a 50 bocas não tem mais o indispensável para alimentar-se, a ela e seus filhos, desde três dias atrás. Uma esposa foi violentada e martirizada por uns monstros até a morte. Uma jovem viúva sucumbiu em conseqüência de haver provocado um aborto. Diga-me, Naren, que remédio você encontrou nos Vedas para estes males?”

E Girish, continuando em tom de amarga ironia, pintava o quadro sombrio da sociedade. Vivekananda, em silêncio, sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Não pode resistir mais: afogava-se em lágrimas e retirou-se bruscamente da casa. Então disse Girish aos discípulos:

“- Viram que grande coração tem vosso guru? Não o quero tanto pela sabedoria e pela poderosa inteligência, quanto por este coração que sabe chorar as desgraças da humanidade. E quando ouve falar delas – fixem bem! – se desvanecem seus Vedas e suas Vedantas; todo o saber, a erudição de que dava provas um momento antes são lançados fora e todo seu saber se enche de humana compaixão. Vosso Swami é tão Jnanin e pandit quanto amante de Deus e da humanidade...”

Voltou Vivekananda. Disse a Saradananda que seu acento penetrava-lhe a alma; que seu coração estava roído de dor ao pensar nos sofrimentos de seus compatriotas e que era preciso fundar imediatamente um lar para aqueles infelizes. Em seguida, dirigindo-se a Girish, disse:

“- Ah. Girish! Ainda que tivesse que suportar mil nascimentos para aliviar a miséria do mundo – que digo? – para apartar um só homem do sofrimento, com que gozo o aceitaria!”

A generosa paixão daquele coração imenso, dilacerado, se apoderou de seus irmãos e de seus discípulos. Todos se consagraram às múltiplas formas de serviço humano que ele lhes indicava.

Durante 4 ou 5 meses, no verão de 1897, Akhandananda, auxiliado por dois discípulos que lhe enviou Vivekananda, deu de comer e curou de malária a centenas de desditados no distrito de Murchdabad, em Bengala; recolheu meninos abandonados e fundou em Mohula dois asilos para órfãos. Com paciência franciscana, consagrou-se Akhandananda à educação daquelas criaturas, sem distinção de castas nem de crenças. Em 1899 lhes havia ensinado, além dos ofícios de tecelão, alfaiate, carpinteiro e sericultor, leitura, escritura, aritmética e inglês.

Em 1897 abriu Triganutita, em Dinaspur, um centro de socorro para os famintos. Em dois meses auxiliou à 84 povoados. Fundaram-se outros centros em Dakshineswar e em Calcuta.

Organizou-se para o ano seguinte (Abril-Maio de 1898) uma mobilização completa da Ramakrishna Mission contra a peste, que acabava de aparecer em Calcuta. Vivekananda, enfermo, regressou apressadamente do Himalaia para colocar-se a frente dos socorros. Faltava dinheiro, tudo o que possuíam acabavam de investir na compra do terreno para edificar o monastério novo. Vivekananda não titubeou:

“- Vendam tudo, se for preciso! – dispôs – Somos sannyasins e devemos estar dispostos constantemente a dormir sob as árvores e a viver de esmolas todos os dias.”

Alugaram uma grande extensão de terreno e instalaram nele acampamentos sanitários, onde se atendiam, de uma só vez, as necessidades de higiene e as prescrições religiosas. Ofereceram-se auxiliares espontâneos em grande número. Vivekananda assumiu o comando e dispôs a limpeza das ruas e das casas. Os socorros prestados pela Missão fizeram popular seu nome em Calcuta.

Em 1899 reproduziu-se a peste e o serviço da Missão atuou novamente com toda energia. Vivekananda ia às choças para animar os trabalhadores. A direção do serviço foi encomendada à Sister Nivedita, que acabava de chegar da Europa, e aos Swamis Sadananda e Shivananda, ajudados por alguns mais. Cuidavam da desinfecção e da limpeza de quatro dos principais bairros de Calcuta. Vivekananda convocou os estudantes a um comício e lhes recordou seu dever durante as calamidades públicas. Organizaram-se em grupos para inspecionar as casa pobres, distribuir folhetos de higiene e dar exemplos sobre política urbana. Aos domingos iam às reuniões da Ramakrishna Mission para apresentar seus informes a Sister Nivedita.

A Missão adotou o santo costume de celebrar no aniversário de Ramakrishna, a festa dos pobres, dando de comer à milhares deles, hoje em dia, em todos os centros da Ordem.

Assim se formou na Índia um espírito novo de solidariedade entre todas as classes sociais.

Paralelamente a esta obra de auxílio social, se organizou a educação e pregação vedântica. Vivekananda queria que a Índia tivesse um “*corpo islâmico e uma alma Vedanta*”. Em 1897, Ramakrishnananda, que prosseguia suas conferências em Madras e arredores, abriu onze salas em diferentes subúrbios e levou adiante o cuidado com a instrução e o socorro aos famintos. Em meados daquele ano, Vivekananda enviou Shivananda para a pregação vedântica. Apoderava-se dos educadores uma paixão sagrada. Vivekananda, em júbilo, ao visitar uma escola para meninas, ouviu a diretora lhe dizer:

“- Adoro a estas meninas como a Deus. Não conheço outro culto.”

Três meses depois de fundar a Ramakrishna Mission, Vivekananda que se viu obrigado a suspender suas atividades para submeter-se a um tratamento em Almora, escreveu:

“O impulso está dado. Já não se deterá o movimento (9 de Julho de 1897)”

“Uma só idéia movia meu cérebro: colocar em movimento a máquina para reanimar as massas, e isto o consegui até certo ponto. É de alegrar o coração ver como trabalham meus meninos em meio à fome, à miséria, às enfermidades, cuidando dos parias com cólera em seu leito de esteira e dando de comer aos chandalas (casta inferior) mortos de fome... está comigo o Bem Amado, o mesmo que estava quando eu vivia na América, na Inglaterra ou vagabundeava pela Índia... Vejo que minha tarefa está cumprida. Me restam três ou quatro anos de vida. Perdi o desejo de me salvar. Nunca tive ambição pelos gozos terrestres. Necessito ver a máquina completamente em marcha, depois, seguro de haver dado a Índia, para o bem da humanidade, uma alavanca que ninguém poderá vencer, dormirei sem medo. E logo, que eu renasça e padeça mil martírios para adorar ao único Deus que existe, ao único Deus em que creio: a humanidade.”

Aproveitava as menores interrupções de sua enfermidade para multiplicar sua atuação. De Agosto a Dezembro de 1897 passou como um rodamoinho pela Índia do norte, pelo Punjab e pela Cachemira, semeando ali sua palavra, estudando com o marajá a fundação de um monastério Advaitista na Cachemira, pregando aos estudantes dos quatro colégios de Lahore a força e a crença no homem como preparação da crença em Deus; agrupando-os numa associação independente para a assistência, a higiene e a educação do povo; incansável contra o individualismo e ajudando aos homens a compreender a Deus. Continuamente comparava a fé com a ação. Procurava remediar as injustiças sociais aproximando, por meio do matrimônio, as castas, e melhorando a condição dos sem casta; ocupando-se das mulheres solteiras e das viúvas, combatendo em todas as partes o sectarismo, o formularismo vão e a indiferença. Simultaneamente trabalhava na reconstrução do pensamento hindu, propagando a verdadeira sabedoria sânscrita e tratando de incluir nela a ciência ocidental, reedificando universidades que soubessem formar homens e não simples graduados ou funcionários.

Nenhuma idéia de Hind Swaraj, de independência política da Índia, dirigida contra a Inglaterra. Contava com a cooperação da Inglaterra, bem como a do mundo todo, e, de fato, a Inglaterra cooperava. Os discípulos anglo-saxões aportavam ao Swami, desde Londres ou Nova York, sua adesão pessoal ou os fundos suficientes. As compras de terreno e a construção do importante monastério de Belur, enfrente ao antigo edifício de Baranagor, na margem oposta do Ganges.

No ano de 1898 consagrou-se, na maior parte do tempo, à organização de novas seções do Ramakrishna Math, na fundação de periódicos, diários e revistas, que foram órgãos intelectuais da Ordem e seu instrumento educativo na Índia. Na primeira destas revistas, Vivekananda publicou seu famoso poema 'A Índia Desperta' que é um verdadeiro manifesto de energia dinâmica e de fé realista:

*“...Desperta, levanta-te, não sonhe mais!
Este país é o dos sonhos, onde Carma tece,
com nossos pensamentos, guirlandas frágeis
de flores perfumadas ou nocivas
nenhuma tem talo nem raiz
pois nasceu do Nada
e o menor sopro de Verdade nos funde nele
vazio primordial...
Coragem! Afronte a verdade! Seja um com ela!
Que acabem as visões e, se continuam
não sonhes mais do que com coisas reais,
como o Amor Eterno e o livre serviço!...”*

O mais importante daquele ano (1898) foi a formação de discípulos ocidentais por Vivekananda. Atenderam a seu chamado Ms Margaret Noble, em fins de Janeiro, para fundar com Ms Muller institutos modelo para a educação de mulheres indianas, Mrs Ole Bull e Ms Josephine Mc Leod, em Fevereiro; em Março, Margaret Noble pronunciou os votos de Brahmacharya e tomou o nome de Nivedita.

Vivekananda lhe apresentou efusivamente ao público de Calcutá como um regalo da Inglaterra para a Índia. E para destruir nela a lembrança de seus preconceitos e costumes, levou-a com um grupo de discípulos numa viagem de vários meses pela Índia.

Mas, o mais curioso, foi que ele mesmo acabou fundindo-se no abismo religioso de sua própria raça. Viu-se o grande advaitista, o fervoroso do Absoluto, atravessar uma crise de paixão devoradora até os deuses legendários, até o par legendário: Shiva e a Mãe. Desta maneira, seguia o exemplo de Ramakrishna, em cujo coração cabiam o Deus sem forma e as formas de todos os deuses. Também Ramakrishna conheceu o frenesi amoroso por uma bela deusa. Mas o que surpreende neste assunto é que Vivekananda chegou a isso depois, e não antes, de apoderar-se do Absoluto. Sua paixão até eles reveste a trágica veemência de seu caráter, que colore os deuses e especialmente a Kali, com uma atmosfera muito distinta daquela com que os envolvia a amorosa ternura de Ramakrishna.

Depois de uma temporada em Almora, onde se haviam estabelecido os Servier e onde iria erigir-se o Advaita Ashram (depois de uma viagem a Cachemira, subindo o rio pelo vale de Srinagar), Vivekananda empreendeu, em fins de Julho de 1898, acompanhado de Nivedita, uma longa peregrinação à caverna de Amarnath, situado numa garganta dos Himalaias Ocidentais. Uniram-se a um grupo de dois ou três mil peregrinos, que em cada etapa formavam, com suas tendas de campanha, verdadeiros povoados. Nivedita percebeu a mudança repentina que se realizava em seu mestre. Misturam-se com os demais, cumprindo escrupulosamente as práticas dos mais humildes. Era preciso subir durante dias inteiros por declives escarpados e passagens perigosas, atravessar vários quilômetros entre a neve e banhar-se, apesar do frio, nas correntezas sagradas. Em 2 de Agosto, dia da festa anual, chegaram à enorme caverna, na qual cabia folgadoamente uma catedral. Ao fundo se levanta uma estátua de gelo que representa Shiva, em forma de lingam. Era preciso entrar semi-nu, com o corpo coberto de cinza. Tremendo de emoção, Vivekananda entrou por último e lhe faltou pouco para desmaiar. Prostrado na profundidade daquelas trevas, rodeado pela música de centenas de vozes, teve uma visão... Apareceu-lhe Shiva... Nunca quis contar o que ouviu e viu então... mas o choque da aparição em seus nervos excitados foi tal que por pouco não morre. Quando saiu da gruta tinha um coágulo de sangue no olho esquerdo e uma dilatação cardíaca da qual não haveria de curar-se. Desde então, e durante várias semanas, não falava mais do que de Shiva, via Shiva em todas as partes, estava saturado dele; o nevado Himalaia era Shiva em seu trono...

Passado um mês foi a Mãe, foi Kali quem o possuiu, por sua vez. Em todas as partes estava presente a Divina Maternidade. Tributo-lhe culto até na pessoa de uma menininha de 4 anos. Mas não foi somente neste aspecto pacífico que ela se manifestou. Sua intensa meditação levava-o à paz sombria do símbolo. Teve uma visão formidável de Kali (a Potência Destruidora que permanece atrás do véu da vida). O Um terrível, que se envolve no pó dos vivos. A noite, durante a febre, escreveu, às apalpadelas, seu famoso poema 'A Mãe Kali' e voltou a cair esgotado:

*“As estrelas se desvanecem,
as nuvens voltam às nuvens
as trevas silvam e ressoam,
nos rugidos da tormenta
as almas de milhões de loucos
fugidas de suas carnes
abatem as árvores.
Varrem o mundo.
À sua passagem o mar embravecido
lança ondas como montanhas
ao assalto do céu de cor de breu
o lívido relâmpago
descobre em todas as partes
milhares e milhares de sombras
de morte, intratável e negra
que semeiam a calamidade e a dor,
e bailam loucas de alegria...
Vem! Vem, oh Mãe!
Terror é teu nome
a morte teu alento,
cada passo teu comove
e destrói para sempre.
Oh tempo, que tudo destrói!
Vem, oh Mãe, vem!...
Ao que se atreve a amar o sofrimento
e a abraçar o corpo da Morte
e a bailar a ronda da Destruição
é a quem aparece a Mãe...”*

A Nivedita, dizia:

“- Aprenda você a reconhecer a Mãe tanto no mal, no terror, na Dor, no Nada, quanto na Doçura e no Júbilo... Oh Mãe! Os néscios rodeiam teu pescoço com guirlandas de flores e logo retrocedem aterrorizados e te chamam. Misericórdia... Medite você na morte! Adore o terrível! Só meditando no culto do terrível pode o terrível ser vencido e se obter a imortalidade... A felicidade existe até no martírio... Também a Mãe é Brahman. Até sua maldição é benção. O coração deve queimar todas suas paixões. Orgulho, egoísmo, desejos... Tudo reduzido a cinzas! Só então virá a Mãe!...”

A inglesa, aterrorizada, vendo que o vendaval evocado pelo visionário desmoronava a ordem e o comodismo de sua fé, escreveu:

“Enquanto ele falava eu percebia, surpresa, o egoísmo que há na base do culto à Providência, benévolo, consolador, e que põe de lado o Deus que está no vulcão. Percebia que este culto era, no fundo (como disse o indiano), um simples ajuste com deus. E reconheci a atrevida verdade, infinitamente mais elevada, desse ensinamento que nos apresenta Deus manifestando-se tanto no mal como no bem. Vi que a atitude que melhor convinha ao espírito era, segundo a severa frase de Vivekananda, a de buscar a morte e não a vida;

precipitar-se contra a ponta da espada e chegar a ser Um com o Terrível para sempre...”

Voltamos a falar aqui exaltando o heroísmo, a alma da atuação de Vivekananda. A verdade impávida que resiste a toda violência, que quer ser contemplada em sua terrível nudez. A fé, que nada espera em troca de sua dádiva gratuita; que desperta o “toma lá da cá” daqueles que prometem o paraíso e cuja indestrutível energia está forjada a marteladas.

Até o delicado Ramakrishna reconhecia a face espantosa da Mãe. Mas preferia contemplar seu sorriso e seu formoso cabelo.

“- Um dia – disse Sivanath Sastri, fundador e chefe, dentre outros, do Sadharan Brahmoramaj – achava-me presente quando alguns começaram a discutir os atributos de Deus, perguntando-se se eles respondiam aos dados da razão. Ramakrishna os interrompeu, dizendo: ‘-Basta! Basta! Para que discutir se os atributos divinos são ou não racionais? Vêem esta inundação que acaba de levar tantas vidas? Podem demonstrar que foram enviadas por um deus benfeitor? Talvez vocês respondam que essa inundação varreu muitas imundícies e fertilizou a terra... Mas, não pode um deus bom obter este mesmo resultado sem levar milhares de homens, de mulheres e de crianças inocentes?’ Um dos interlocutores respondeu: ‘-Então, temos que acreditar que Deus é cruel?’ ‘Imbecil! – exclamou Ramakrishna – ‘Quem te disse isso? Junte as mãos e diga humildemente: Oh Deus, somos demasiado pequenos para reconhecer o nível de Tuas ações! Digne-se a iluminar-nos!... Não raciocinem! Amem!’”

A idéia de um Deus terrível é idêntica em Ramakrishna e em Vivekananda. Mas a atitude de ambos difere. Enquanto este se inclina e beija o divino pé que oprime seu coração, aquele desafia a morte e seu gozo sombrio pela ação que exalta. Lança-se precipitadamente contra a ponta da espada.

Os grandes ascetas cristãos conheceram – conhecem todavia – essa voluptuosidade varonil. O próprio Pascal a experimentou. Mas numa quantidade que o afastava da ação. Vivekananda a sentia como a queimadura de um ferro candente que movia sua vontade, para lança-lo ao centro do combate.

Passou por todos os sofrimentos do mundo:

“- Parecia – disse Nivedita – que nenhum ser vivente podia senti-los sem que ele os sentisse também. Nem choque algum, nem o da morte, podia conseguir dele mais que amor e benção.”

“ – Beijej – dizia – a face da morte.”

O possuiu durante vários meses. Não podia ouvir voz alguma além da voz da Mãe. Sua saúde se ressentiu. No seu regresso, os monges ficaram assustados com a mudança que havia sofrido. Permanecia absorto em seus pensamentos. Reconhecia que a causa daquilo era uma intensa tapyasa (o ardor da ascese).

“... desde então, Shiva se meteu em meu cérebro e não quer sair dele...”

Aos espíritos nacionalistas da Europa, convém referir a explicação que deu Vivekananda, no ano seguinte, para os seus companheiros:

“- O deus pessoal é a totalidade dos seres vivos. Nada pode resistir à vontade da totalidade. Isto é o que nós conhecemos com o nome de Lei e é o que queremos dizer quando nomeamos a Shiva, a Kali, etc.”

Sua fé no Advaita nunca vacilou. Mas, seguindo o caminho inverso de Ramakrishna, chegava a este grau de compreensão universal – a esse topo do pensamento – no qual se é o centro e a circunferência ao mesmo tempo; todas as almas e o Om que as sintetiza, se reabsorvem no Eterno Nada, ponto inicial e final do duplo movimento infinito.

Os monges, seus irmãos, tiveram, desde então, a íntima convicção de sua identidade com Ramakrishna. Premananda lhe perguntou:

“- Mas, sois diferente de Ramakrishna?”

Regressou ao monastério, ao novo Math de Belur, consagrado em 9 de Dezembro de 1898. Poucos dias antes, em 12 de Novembro, festa da Mãe, inaugurou-se em Calcuta a escola de meninas de Nivedita. Apesar da enfermidade, da crise de asma que o asfixiava (ao sair das quais tinha o rosto arroxeadado como o de um afogado), organizou a missão, ajudado por Saradananda. A colméia começou a trabalhar. Ensinava ali o sânscrito, as filosofias orientais e ocidentais, trabalhos manuais e meditação. Dando o exemplo, depois das aulas cava no jardim, abria um poço ou amassava pão. Era um hino vivo ao trabalho.

“ Só um grande monge (em sua mais ampla concepção, um homem consagrado ao serviço do Absoluto) pode ser um grande trabalhador... Não houve trabalhadores maiores que Buda e Cristo... Nenhum trabalho é secular. Todos os trabalhos são adoração e culto...”

“Nada de hierarquias entre as formas de trabalho! Todo labor útil ao homem é nobre...”

“Se meus Gurubhas (meus irmãos ou monges) me dissessem que tenho que passar o que me resta desta vida limpando o esgoto do Math, estejam seguros de que o faria. Só é um grande chefe o que sabe obedecer, no que se refere ao bem público...”

“A primeira obrigação é renunciar.”

“Sem renúncia, nenhuma religião (nenhum cimento profundo do espírito) pode ser duradoura...”

“O homem que renuncia, o sannyasin, permanece na cabeça dos Vedas – dizem os Vedas – porque está livre de seitas, de confissões e de profetas. Está com Deus; Deus está nele. Que tenha fé!”

“A história do mundo é a de um punhado de homens que tiveram fé em si mesmos. Esta fé faz surgir a divindade que está dentro. vocês são todopoderosos. Fracassarão se não se esforçarem o suficiente para manifestar uma potência infinita. Quando um homem ou uma nação perdem a fé em si mesmos, sobrevém a morte. Acreditem primeiro em vocês mesmos e depois em Deus! Um punhado de homens fortes moverá o mundo...”

“Assim pois, sejam valentes! O valor é a virtude mais excelsa. Atrevam-se a dizer a verdade, em qualquer momento, a todos, sem distinção, sem ambigüidades, sem temor, sem compromissos... E não se preocupem com os ricos nem com os poderosos! Nada tens que fazer com os ricos. Buscar sua companhia é coisa de mulheres públicas. Vosso dever está ao lado dos pobres. O amem e os sirvam alegremente!”

“Se perseguirem sua salvação vocês irão ao inferno. O que há que buscar é a salvação dos demais... E ainda que tiverem que ir ao inferno para trabalhar para os demais, seria isso melhor do que ganhar o céu buscando sua própria salvação... Ramakrishna veio para dar sua vida ao mundo. Também eu quero sacrificar a minha, e vocês também, imitem-me! Nossos sacrifícios não são mais que o começo. Do sangue que derramarmos nascerão gigantes, obreiros heróicos que revolucionarão o mundo...”

Sempre a música grandiosa, as frases de estilo Beethoveniano, os ritmos exaltadores que obrigam o povo marchar, como coros de Haendel! Ao recordar estas palavras, sepultadas sob o sudário dos livros há 30 anos, não posso reprimir uma descarga elétrica em todo o corpo. Que comoções, que enlevo devem ter provocado quando saiam, ardorosas, do peito do herói!

Sentia-se morrer, mas dizia:

“- A vida é uma batalha... Oxalá morra eu na mesma! Dois anos de sofrimentos físicos me tiraram 20 anos de vida. Mas a alma não muda. Continua de pé o mesmo louco, o louco de uma só idéia: o Atman!”

A SEGUNDA VIAGEM AO OCIDENTE

Empreendeu outra viagem ao Ocidente para inspecionar e reavivar o fogo das obras que havia fundado. Acompanhava-o, além de Nivedita, um de seus irmãos mais sábios, Turiyananda, homem de elevada casta, vida nobre e versado nos estudos sânscritos.

“- A vez passada conheceram o guerreiro – dizia Vivekananda – agora quero apresentar-lhes o bramane.”

Partiu em condições muito distintas das que haveria de regressar. Levando uma fogueira em seu corpo enfraquecido; respirando atividade e luta, tão desgostoso pela falta de virilidade de seu povo que, a vista da Córsega, elogiou o Senhor da Guerra.

Em seu desprezo pela covardia da alma humana poderia ter sido capaz de aplaudir o rigor do crime. Quando lhe falavam da escassa criminalidade da Índia, costumava dizer:

“- Oxalá ocorresse o contrário! Porque essa é a virtude da morte. Quanto mais envelheço mais me convenço de que tudo isso deve ter por base a virilidade, este é meu novo Evangelho.”

Chegou a dizer:

“- Faça o mal, mas como homem!”

Estava mais convencido do que nunca da necessidade de desposar o Oriente com o Ocidente. Via neles *‘dois organismos em plena juventude...duas grandes experiências ainda incompletas.’* Deveriam ajudar-se mutuamente, respeitando-se sua idiossincrasia. Evitava criticar suas fraquezas. Era preciso que crescessem dando-se as mãos!

Quando regressou da Índia estava já desenganado da violência, por causa da face brutal que percebeu no imperialismo ocidental e dos seus rancorosos olhares, de seus quês de ave de rapina. Teve que reconhecer que na sua primeira viagem impressionaram-lhe demais o poderio, a organização e a aparente democracia da América e da Europa. Ao regressar percebeu o espírito de lucro, a avareza, o afã por dinheiro e suas obscuras balbúrdias, suas lutas ferozes pela supremacia do poder. Era capaz de tributar homenagem à grandeza de uma associação poderosa... *“Mas, que grandeza pode haver num bando de lobos?”*

“A vida no Ocidente – disse uma testemunha – lhe parecia então um inferno...” O brilho material não o iludia. Havia percebido a tragédia, o cansaço produzido pelo violento gasto de energias, a dor oculta sobre o colorido da frivolidade. Disse a Nivedita:

“- A vida social no Ocidente é, por fora, uma gargalhada; mas por dentro é um lamento. A gargalhada termina sempre num soluço. A animação e a frivolidade estão somente na superfície. Na realidade, a alma ocidental está

concentrada numa tragédia intensa... Aqui (na Índia) o externo é triste e melancólico, mas por dentro existe a despreocupação e a alegria.”

Como aconteceu esta profética visão? Onde e quando se revelou a seu olhar, que observava a casca da árvore, o verme que corrói a medula do Ocidente, o monstro do ódio que se aproximava? O ignoro. Sister Cristina nos revelou que já em sua primeira viagem Vivekananda previu a tragédia do Ocidente:

“A Europa está sobre um vulcão. A menos que a maré de espiritualidade apague este incêndio, este estará por explodir.”

O diário de sua viagem foi feito de um modo superficial. Goodwin fazia falta. Aparte uma ou duas cartas íntimas, a mais formosa das quais dirigida a miss Mc Leod, lamentamos não estar a par de suas viagens, nem dos êxitos de sua missão. Depois de visitar Londres, foi aos EUA, onde esteve cerca de um ano. Ali encontrou a Abhedananda, com sua obra em pleno desenvolvimento; instalou então a Turiyananda em Cambridge. Ele, por sua parte, permaneceu na Califórnia, cujo clima lhe proporcionou uns meses de saúde. Deu muitas conferências.

Fundou novos centros védicos em São Francisco, em Oakland, em Alameda. Presentearam-no com uma propriedade rodeada de bosques, no distrito de Santa Clara; e ali erigiu um Ashram, onde Turiyananda educava na vida monástica um grupo escolhido de estudantes. Nivedita, que se reuniu com ele, falou em Nova York sobre os ideais das mulheres indianas e as artes antigas do país. O reduzido grupo de Ramakrishna era muito ativo. A obra prosperava. A idéia se estendia.

Mas o chefe tinha três quartas partes de seu ser em outro mundo. A obscuridade rodeava lentamente o rígido carvalho. Mas, era verdadeiramente a obscuridade ou era mais uma nova luz? Em todo caso, não era do nosso sol...

“- Reze pro mim, para que meu trabalho não se interrompa e minha alma possa estar absorvida na Mãe... Estou bem, ao menos mentalmente. Percebo o descanso da alma melhor que o do corpo. As batalhas se perdem e se ganham. Fiz um envoltório com minhas coisas e espero o grande libertador. Shiva! Shiva! Leva meu barco até a outra margem!... Já sou só o menino que bebia, maravilhado, as mágicas palavras de Ramakrishna sob o banyan de Dakshineswar. Esta é minha verdadeira natureza! As obras, a atividade, fazer o bem, tudo isto é ilusório!... Agora volto a ouvir sua voz, a mesma que me estremecia a alma. Os vínculos se rompem, o amor perece, o trabalho se torna insípido. O mágico esplendor da vida desapareceu. Agora só me chama a voz do Mestre: ‘Que os mortos enterrem seus mortos! Vem, acompanha-me!’ Vou, meu bem amado Senhor, vou! Ante mim está o Nirvana... Este oceano de paz perfeita... Sou feliz por haver nascido, feliz por haver sofrido, feliz por haver caminhado errante, feliz por regressar à tranquilidade... Não deixo ninguém unido a mim, não estive nunca unido a ninguém. O homem velho se foi para sempre. O guia, o guru, o chefe, desapareceu...”

Naquele admirável clima, sob o sol dourado da Califórnia, entre a vegetação tropical, sua atlética vontade se amortece; o cansaço lhe abate; alma e corpo caminham à deriva...

“Nem sequer me atrevo a mover minhas mãos ou meus pés para não interromper o maravilhoso silêncio de ilusão total. Por trás dos meus trabalhos estava a ambição. Por trás do meu amor, o individualismo. Por trás de minha pureza, o temor. Por trás de meu desejo de guiar, minha sede de mando. Agora tudo desapareceu e me deixo levar... Vou, Mãe, vou até a tibiez do teu seio; vou, flutuarei pelo sem voz, pela região das maravilhas. Vou como mero espectador, já não como ator. Oh, que tranqüilidade!,, Parecem que as idéias me chegam de uma distância infinita. Parecem cochichos distantes, enquanto a paz reina sobre as coisas. A paz. A paz que se desfruta antes de se cair no sono, quando o que se vê e o que se ouve parecem sombras, sem temor, sem amor, sem emoção. Vou, Senhor! O mundo não é belo nem feio. Sensações, não emoções. Oh, que felicidade!... Todas as coisas são boas e belas porque perderam sua relatividade. E meu corpo , o primeiro... Om... Que existência!” (carta a Ms Mc Leod, 18/04/1900).

A flecha voa, entretanto, arrastada pela inércia, mas chega o ponto morto onde tem que cair... A doçura deste instante *‘que se parece com o sonho’* – a queda – na qual o tirânico arranque do destino que a impulsiona se esgota e a flecha flutua no ar, livre do arco e do alvo...

A flecha de Vivekananda termina sua trajetória. Atravessa de novo o oceano em 20 de Julho de 1900. Vai para Paris, convidado ao Congresso de História das Religiões, que se celebra por causa da Exposição Universal. Já não se trata de um Parlamento das Religiões, como em Chicago. O poder católico interviu. Aquele era um congresso puramente histórico e científico. No ponto de liberação a que chegou a vida de Vivekananda, seu interesse é puramente intelectual. O comitê do Congresso o comissionou para falar sobre a religião védica. Peleja com Oppert, fala dos *‘Vedas, base comum do hinduismo e do budismo’*. Sustenta a prioridade de Krishna e do Gita sobre o budismo, e combate a tese da influência helênica no drama, nas letras e nas ciências da Índia.

O melhor do seu tempo é dedicado à cultura francesa. Está admirado da importância intelectual e social de Paris. Num artigo para a Índia disse que *‘Paris é o centro e o manancial da cultura européia’*; que ali se formaram a ética e a sociedade ocidentais, que sua Universidade é modelo de todas as demais; que *‘Paris é o farol da liberdade e que infundiu nova vida à Europa.’*

Também esteve algum tempo em A União, na casa de sua amiga senhora Ole Bull e ali encontrou Sister Nivedita. No dia de São Miguel, foi ao monte do mesmo nome. Cada vez estava mais convencido da identidade entre o hinduismo e o catolicismo (costumava dizer que *‘o cristianismo não é alheio ao espírito hindu’*). Além disso, encontrou nas raças européias mescla de sangue asiático. Longe de perceber diferenças entre a Europa e a Ásia, estava convencido que qualquer contato prolongado entre aquela e esta haveria de produzir um renascimento no continente ocidental.

É de se lamentar que um observador tão experimentado da vida moral do Ocidente não teve, como guias cotidianos, testemunhas do espírito francês mais que o padre Jacinto e a Julho Bois.

Voltou ao oriente em 24 de Outubro, fazendo a viagem por Viena e Constantinopla. Mas depois de Paris não lhe interessava nenhuma outra cidade. A respeito da Áustria, disse, ao passar, esta frase enigmática: *'Se o turco é o homem enfermo, a Áustria é a mulher enferma da Europa.'* A Europa o repele e o fadiga. Vivekananda pressente a guerra. *'A Europa – disse – é um extenso acampamento militar...'*

Apesar de se deter certo tempo nas margens do Bosforo, conversando com os monges sufis, mais tarde, na Grécia, para contemplar as ruínas de Atenas e de Eleusis e, por fim, no museu do Cairo, se afastava cada vez mais das coisas externas. Disse Nivedita que durante os últimos meses que passou no ocidente, dava muitas vezes a impressão de uma indiferença completa por tudo que o rodeava. Já havia empreendido a marcha até outros horizontes. No Egito disse que *'lhe parecia que estava virando as últimas folhas da experiência...'*

De repente ouviu o chamado da Índia distante. Sem perda de tempo, embarcou no primeiro vapor-correio e regressou sozinho. Levava seu corpo para a figueira.

A PARTIDA

Antecipou-lhe seu ancião e fiel amigo, Mr Servier, o qual morreu em 28/10 no Ashram do Himalaia, construído por ele. Vivekananda o soube imediatamente após chegar. Durante a viagem teve o pressentimento desta desgraça; sem descansar em Belur, telegrafou a Mayavati dizendo que se dirigia ao Ashram. Naquela época do ano o acesso ao Himalaia era difícil e perigoso, sobretudo para o estado de saúde de Vivekananda. Teria que caminhar durante 4 dias por entre a neve e esse inverno havia sido muito rigoroso. Sem esperar os 'codies', saiu em companhia dos monges. A escolta enviada pelo Ashram encontrou-o no caminho. Custava-lhe grande esforço avançar entre a neve e a névoa; com bastante trabalho seus companheiros levaram-no ao convento de Mayavati. Chegou em 3 de Janeiro de 1901 e, apesar da alegria que experimentou ao ver a senhora de Servier e ver a obra realizada, o formoso Ashram erigido sobre a nevada montanha, não pode permanecer mais de 15 dias; a asma o asfixiava, o mais leve esforço físico o esgotava. *'Meu corpo se acabou'*, disse.

Em 13 de Janeiro faria 38 anos! Mas seu espírito não cedia. Entre duas crises, escreveu três ensaios para o Prabuddha Bharata. Naquele Advaita Ashram, consagrado por sua vontade à contemplação exclusiva do Absoluto, achou uma sala reservada para o culto de Ramakrishna e ele, o apaixonado discípulo, que professava uma intensa adoração pelo mestre, se indignou contra esse culto sacrílego, naquele lugar. Disse que naquele santuário, dedicado ao mais elevado monismo espiritual, não podia tolerar-se nenhuma fraqueza religiosa dualista.

A mesma febre que o impulsionou até ali o obrigava a partir. Não havia meio de retê-lo. Abandonou Mayavati em 18 de Janeiro, caminhou 4 dias a cavalo, entre a neve, andando por despenhadeiros escorregadios, chegando a seu monastério de Belur em 24 de Janeiro. Realmente o Kshatriya não havia perdido nada de sua pujança combativa. No trem, um coronel manifestou grosseiramente seu desgosto por viajar no mesmo compartimento que um indiano e exigiu que ele saísse. Vivekananda se enfureceu e foi o coronel que teve que ceder-lhe o lugar e ir embora.

Aparte uma posterior peregrinação, em companhia de sua mãe, aos lugares santos da Bengala Oriental e do Assam a Dakha, a Shillong, da qual regressou esgotado, não voltou a sair de Belur mais que por uma breve excursão a Benares, no começo de 1902. A grande viagem de sua vida havia terminado.

"- Que importa! – disse animadamente – Fiz o bastante por quinhentos anos!"

Ocupava, no convento, uma habitação do segundo piso, ampla, bem ventilada, com três portas e quatro janelas, que permanece tal como se achava no dia de sua morte: uma cama de ferro, na qual quase nunca deitava, porque preferia fazê-lo no solo; a mesa de escrever, a almofada para meditação e um espelho grande.

“Diante do largo rio (o Ganges), brilha o sol. Passa um barco, interrompendo o silêncio. Os remos salpicam a água... Tudo é verde e dourado: a erva parece veludo...”

Levava vida campesina, bucólica, de frade franciscano. Trabalhava na administração e no jardim. Estava, tal como os ascetas de Sakuntala, rodeado de seus animais favoritos: o cachorro Bacha, a cabra Hansi; o cabrito com seu colar de campainhas, com quem corria e jogava como uma criança; um antílope, uma cegonha, patos, gansos, vacas e carneiros. Os animais o adoravam. Matrá, o cabrito, que ele acreditava haver sido um parente seu numa existência anterior, dormia em seu quarto. Antes de ordenhar a Hansi, lhe pedia permissão. Bacha, que se juntava às cerimônias, ia mergulhar no Ganges quando o tam-tam anunciava o fim de um eclipse. Andava como em êxtase, cantando com sua formosa voz, doce e grave, ou repetindo certas frases que acariciavam sua alma, ignorando o transcurso do tempo.

Mas também desempenhava o papel de abade principal, com pulso firme, dirigindo diariamente, apesar de seus padecimentos e até sua morte, as aulas de Vedanta, nas quais aprendiam os noviços os métodos de meditação; infundindo nos trabalhadores a confiança em si mesmos, levando na mão a disciplina e a limpeza, formulando o quadro de cada semana, vigiando de perto a regularidade das tarefas diárias... Não passava despercebido a mais leve negligência. O sino toca periodicamente. Desperta as quatro de manhã. Meia hora depois os monges devem estar reunidos na capela para meditar. Ele se adianta. Acordado desde as três, dirige-se à sala do culto e, sentado, com a face para o norte, as mãos juntas e apoiadas no peito, medita imóvel durante mais de duas horas. Ninguém se levanta do lugar até que ele dê o exemplo, dizendo: *“Shiva, Shiva”...* Passeia num estado de serena exaltação, que se comunica a quantos o rodeiam... Um dia, chegando de improviso, não encontrou na capela mais que a dois monges meditando, impôs a todo o convento, até aos monges principais, um jejum de penitência durante todo o dia e a obrigação de meditar. Vigiava até as publicações da Ordem e não deixava passar nem uma só bobagem, sentimentalismos exagerados ou sectarismos estreitos, que era o único que não estava disposto a perdoar. Mantinha a seu redor um ambiente heróico, um ‘sarçal’ ardente, no qual Deus estava sempre presente. Uma vez, ao dirigir-se ao culto, lhes disse, falando sob a árvore onde se encontrava:

“- Onde irão buscar Brahman? Brahman não desperta nunca em quem não estima a si mesmo... Se acha em tudo, imanente. Aqui está Brahman visível. Vergonha para os que, desdenhando o Brahman visível, focam sua atenção em outros objetos! Aqui está Brahma, diante de vocês, tão palpável quanto uma fruta na mão! Não podem vê-lo? Aqui, aqui, aqui está Brahma!”

E o tom de sua voz era tão potente que todos ficaram impressionados. Permaneceram 15 minutos como que cravados no chão, petrificados. Vivekananda teve que despertá-los, dizendo-lhes:

“- Agora, a seus cultos! Andem!”

Entretanto a enfermidade progredia. A diabetes se converte em hidropsia, incham-lhe os pés e certas partes do seu corpo se tornam super sensíveis. Não consegue dormir. O médico lhe proíbe qualquer esforço. Submetem-no a um regime penoso, proibindo-lhe uma só gota de água. Submete-se com estóica resignação. Durante 21 dias não bebe uma gota, nem sequer ao lavar-se a boca. Fez o voto...

“- O corpo não é mais que um disfarce do espírito. Este ordena e aquele obedece. Agora não me lembro nem da água. Compreendo que não há nada que eu não possa fazer.”

A enfermidade do chefe não deve interromper o trabalho, nem as festas do convento. Quer que sejam ritualísticas e suntuosas, porque aquele espírito independente, que não teme o escândalo quando se trata de reformas sociais contrárias a ortodoxia desumana dos beatos, conserva um respeito carinhosos pela legendária poesia das belas cerimônias, que avivam na alma dos crentes simples as correntes da fé.

Miss McLeod me disse que ‘Vivekananda era pessoalmente indiferente com respeito aos rituais; não os respeitava em sua vida social, mas autorizava o ritualismo nas refeições hindus, nas quais se oferece aos deuses sua parte e nas festas dos divinos mortos, nas quais se lhes guarda um lugar à mesa e se lhes serve um prato. Reconhecia a necessidade deste ritualismo para a fraqueza dos homens que, sem tais atitudes prescritas e reiteradas, são incapazes de conservar a lembrança e a marca viva da experiência religiosa.’

Por isto foram celebradas com grande pompa a festa de Durga Puja (adoração da Mãe, em Outubro de 1901); a festa nacional de Bengala, correspondente ao nosso Natal, alegria do Outono perfumado, durante a qual se reconciliam os inimigos, se trocam presentes e o monastério dá de comer durante três dias seguidos à centenas de pobres; a festa de Ramakrishna, que reuniu mais de 30.000 peregrinos em Fevereiro de 1902... O Swami, retido em seu quarto pelo inchaço de suas pernas, contemplava da janela as danças, os Sankirtans, e consolava ao discípulo que o atendia e chorava. Sozinho com suas lembranças, voltava a viver os dias que passou em Dakshineswar aos pés do Mestre.

Experimentou, todavia, uma grande satisfação. Recebeu uma visita ilustre, a de Okakuva. Chegou com o abade japonês de um convento budista, Ova, e convidou Vivekananda a um Congresso de Religiões próximo. A entrevista foi comovente. Um e outro reconheceram seu parentesco espiritual.

“- Somos – dizia o enfermo – dois irmãos que voltam a ver-se e que chegam dos mais opostos locais.”

Okakuva rogou a Vivekananda que o acompanhasse para ver as ruínas de Bhodgaya. E o mestre, aproveitando umas semanas de melhora, quis ver Benares pela última vez. Visitaram juntos Bhodgaya no dia do último aniversário de Vivekananda. Separaram-se em Benares. Reconhecendo ambos a grandeza de suas respectivas missões, compreendiam que eram diferentes.

Em Benares, Vivekananda conheceu uma associação de jovens constituída por inspiração sua para auxiliar e proporcionar alimento aos peregrinos enfermos. Orgulhou-se daqueles filhos e escreveu para eles um 'Chamado em Prol dos Centros de Serviço de Ramakrishna'. O conde Keyseiling, que visitou o asilo da Ramakrishna Mission de Benares, guarda dele uma impressão profunda: *"Nunca vi um hospital onde reinasse tão bom humor. A certeza da salvação adoçava todos os sofrimentos, e o amor ao próximo, que animava aos enfermos, era primoroso. Aqueles homens são, realmente, autênticos sucessores de Ramakrishna (do "Diário de Viagem de um Filósofo")*

Seus diálogos foram fielmente recolhidos por seus discípulos. Estava ocupado constantemente na regeneração da Índia. Dois dos projetos que mais lhe interessavam era a fundação de um colégio védico em Calcuta, onde deveria se ensinar a antiga cultura ária e a ciência sânscrita, com a ajuda de eminentes professores, e um monastério para mulheres parecido ao de Belur, às margens do Ganges, sob a direção da Santa Mãe, Sarada Devi.

Seu verdadeiro testamento espiritual está nas formosas confidências que fez um dia em que acabava de falar com uns obreiros Santales (tribo autóctone da Índia). Era gente pobre, que trabalhava no Utah e regressava à sua terra. Vivekananda simpatizava com eles, conversava com eles e chorava ao ouvi-los contar com simplicidade sua pobreza... Um dia lhes serviu um festim e lhes disse:

"- Vocês são Narayana. Hoje dei de comer a Narayana."

Depois, dirigindo-se a seus discípulos, disse:

"- Vocês já viram que alma tão simples tem esta gente. Seriam capazes de aliviar sua miséria? Se não, para que levar este manto de sannyasins?... As vezes me pergunto: que falta faz construir monastérios? Por que não os vendemos e repartimos o dinheiro entre os pobres, entre os indigentes Narayanas? Que necessidade teremos de lar, nós, que devemos cobiçar a sombra de uma árvore? Ai! Como é que somos capazes de levar um bocado à boca quando nossos compatriotas não tem o que comer nem vestir? Nunca serão suficientemente recompensados?... Um dos fins que perseguia quando fui pregar no Ocidente, como sabem, foi proporcionar alívio aos desventurados do nosso país. Quando vejo sua miséria me digo: precisamos desses fabulosos cultos, desses caracóis nos quais se sopra, desses sinos que se tocam, dessas luzes que se agitam diante da imagem? Renunciemos ao orgulho de ciência e estudos dos Sastras e a todos os Sadhanas para alcançar o Mukti pessoal! Vamos-nos de povoado em povoado e consagremos nossa vida ao serviço dos pobres! Convençamos aos ricos de seus deveres para com os deserdados com o exemplo de nossas obras e a austeridade de nossa vida!... Ninguém em nosso país se lembra dos pobres, dos desgraçados! Os que constituem a espinha dorsal da nação, aqueles cujo trabalho produz o alimento para todos; aqueles a quem bastaria declarar-se de folga um só dia para que se produzisse um clamor de angústia na cidade, não tem quem simpatize com eles, quem compartilhe suas penas e alegrias... Vejam como, na falta de simpatia dos hindus, milhares de párias se convertem ao cristianismo na Presidência de Madras!

Não é tão só o acicate da fome o que os impulsiona, mas sim a carência de simpatia de nossa parte. Sempre estão dizendo-lhes: “Não me toques! Não toque este ou aquele!” Não sobra um centavo de sentimento fraternal ou Dharma neste país? Já não há mais que intocáveis . “Não me toques!” Dêem um pontapé em todos estes costumes humilhantes!... Ah! Como eu gostaria de destruir essa barreira dos ‘intocáveis’ e, reunindo a todos, exclamar: ‘Venham todos vocês, os pobres e deserdados; venham vocês, que são pisoteados! Somos Um, em nome de Ramakrishna!’ Enquanto não se dignifiquem, não se despertará a Grande Mãe (a Índia)... De que servimos se não podemos ajudá-los, alimenta-los, vesti-los? Ignoram os caminhos do mundo e não conseguem ganhar para viver, ainda que se esforcem por isso noite e dia. Reúnam suas forças para descobrir o véu que lhes cobre os olhos! O que eu vejo claro como a luz é que o próprio Brahma, a própria Shakti, está neles e em mim. Não há diferença de matriz na manifestação... Já viram alguma vez na história do mundo que um país possa crescer e engrandecer-se sem que circule o sangue por igual em todo seu corpo? Recordem isto: não pode realizar nenhuma obra grande o corpo que tenha um membro paralisado...

Um de seus discípulos laicos alegou a dificuldade de lograr a harmonia e a unidade da Índia e Vivekananda, incomodado, replicou:

“- Não volte aqui se te parece difícil alguma tarefa. Com a graça de Deus, tudo é fácil de fazer. Tua obrigação é servir aos desditados e aos pobres, sem distinção de castas nem de crenças. Para que haverão de pensar no fruto de suas obras? Seu dever é seguir trabalhando, e com o tempo tudo se ajustará... Todos vocês são pessoas inteligentes; querem ser meus discípulos... Pois bem, digam-me: que fizeram até agora? Podem abandonar uma só vida por amor ao próximo? Deixem para a próxima vida a leitura dos Vedas e a prática da meditação! Que o corpo que vocês tem agora se coloque a serviço dos demais! Assim verei que não se acercaram de mim em vão!”

Pouco depois, disse:

“- Depois de tanta Tapyasa (austeridades), sei que a verdade mais alta é a seguinte: Deus está presente em todos os seres. Todos são formas múltiplas dele. Não se deve buscar outro deus. Só adora a Deus aquele que serve a todos os seres!”

Seu pensamento magno aparece desnudo. Como o sol que caminha para o ocaso, se destaca das nuvens antes de desaparecer; resplandece. Igualdade de todos os seres, todos filhos do mesmo Deus. Não existe outro. Quem queira servir a Deus tem que servir primeiramente aos homens! E em primeiro termo aos mais humildes, aos pobres, aos mais desamparados! Destruam todas as barreiras! Contestem a esse ‘intocável’ desumano, estendendo os braços, com a exclamação do Ode à Alegria:

“Irmãos!”

Os discípulos de Vivekananda obedeceram ao chamado. Desde então a Missão Ramakrishna não deixou de auxiliar aos pobres, aos ‘sem casta’, velando especialmente pelos Santaes, que o Swami lhes confiou ao morrer.

Alguém herdou a tocha das mãos do que exclamava: *“Venham todos, os pobres e os deserdados! Venham os pisoteados! Somos Um!”*

E retomou a guerra santa para devolver aos intocáveis seus direitos e sua dignidade; esse outro é o Mahatma Gandhi!

Seu orgulho enorme reconheceu a vanidade do orgulho. O moribundo adivinhava a verdadeira grandeza – a dos pequenos – ‘a humilde vida heróica’.

“- A medida que envelheço – disse a Nivedita – busco cada vez mais a grandeza das coisas pequenas... Qualquer um pode ser grande numa posição elevada. Até os covardes se tornam valentes quando estão em foco, porque o mundo os observa!... Cada dia afirmo mais a crença de que a verdadeira grandeza mora no humilde que cumpre sua obrigação calada e constantemente, de hora em hora, sem descanso.”

Viu chegar a morte com perfeita serenidade. Chamou todos os seus discípulos, até os de além-mar. Sua tranqüilidade os enganou; calculam para ele mais três ou quatro anos de vida. Não manifestou pesar porque abandonava sua obra a outras mãos.

“- Quantas vezes – dizia – tem aleijado um homem a seus discípulos por permanecer entre eles constantemente.”

Parecia-lhe necessário ausentar-se para que pudessem desenvolver-se por si mesmos. Em seguida, se negou a expressar sua opinião acerca dos assuntos do dia.

“- Já não posso ocupar-me destes detalhes. Estou a caminho.”

No dia supremo, sexta-feira, 04 de Julho de 1902, sentia-se mais forte e satisfeito que nunca. Levantou-se cedo. Foi para a capela e, contra seu costume, cerrou as janelas e trancou as portas. Meditou sozinho das oito as onze da manhã. Quando saiu ao pátio estava transfigurado, falava consigo mesmo e se pôs a cantar o hino à Kali. Almoçou com apetite, rodeado de seus discípulos. Quase imediatamente depois deu aos noviços, durante três horas, aulas de sânscrito. Viam-no transbordando de vida e de bom humor. Passeou com Premananda pelo caminho de Belur, andando cerca de duas milhas. Falando de seu projeto de um colégio védico, disse acerca do estudo dos Vedas:

“- Não matará a superstição.”

Quando se fez a noite, conversou afetuosamente com seus discípulos. Falou da elevação e da queda das nações e acrescentou:

“- A Índia será imortal se persistir na busca de Deus. Mas se se intrometer na política e em lutas sociais, morrerá...”

Sete horas... O sino do convento chama para o Arati (o culto)... Vivekananda virou-se para seu quarto, contemplou o Ganges e despediu o

noviço que o acompanhava, encarregando-o de que não o distraíssem na sua meditação. Quarenta e cinco minutos depois, chamou aos monges; mandou abrir todas as janelas, se estendeu no chão e permaneceu imóvel, apoiado sobre o lado esquerdo. Acreditaram que meditava. Depois de uma hora se voltou, exalou um profundo suspiro, em seguida – houve alguns segundos de silêncio – com os olhos em branco, suspirou profundamente outra vez... E então chegou o silêncio eterno.

“- Tinha – disse o noviço – um pouco de sangue no nariz, na boca e nos olhos.”

Ao parecer, faleceu durante uma crise voluntária de Kundalini Shakti (um dos exercícios de concentração nos plexos nervosos. Sua última palestra se referiu à Sushumna, corrente que sobe pelos lótus do corpo), o êxtase final, para o qual não o autorizou Ramakrishna enquanto não houvesse terminado sua obra. Os médicos consultados (um dos quais chegou duas horas antes daquela vida se extinguir) opinaram que a morte havia sido produzida por apoplexia; mas os monges continuam acreditando firmemente que morreu voluntariamente. Ambas explicações não se contradizem.

Ele havia anunciado: “- *Não chegarei a completar 40 anos.*” Tinha 39.

No dia seguinte, como Ramakrishna, foi levado à fogueira nos ombros de seus irmãos Sannyasins, entre exclamações de triunfo.

Escuto mentalmente, como na vitória de Rainnad, os coros de Judas Macabeu aclamando ao poderoso atleta em sua última luta.



Swamiji

A AMÉRICA NA ÉPOCA DA PRIMEIRA VIAGEM DE VIVEKANANDA

Os precursores anglo-saxões do espírito asiático: Emerson, Thoreau, Walt Whitman

Resultaria do mais alto interesse verificar se no século XIX se infiltraram, no espírito americano, as teorias hindus, pois é de todo ponto evidente que contribuíram para formar essa estranha mentalidade moral e religiosa dos EUA (tão difícil de compreender para o europeu), mescla de puritanismo anglo-saxão, de audácia Yanque, de pragmatismo, de cientificismo e de pseudo-vedantismo. Ignoro se algum historiador ocupou-se seriamente do assunto. Trata-se, pois, de um problema psicológico que interessa aos historiadores de nossa civilização. Na atualidade careço de informações necessárias para resolvê-lo, mas pelo menos, me é dado deduzir alguns elementos. Segundo parece, um dos principais divulgadores do pensamento indiano nos EUA foi Emerson, que sofreu anteriormente a influência de Thoreau.

Por outro lado, era um predestinado, já em seu Diário, de 1830, citava alguns textos religiosos hindus. Seu famoso discurso de 1838, pronunciado na Universidade de Harward, produziu um escândalo, pois afirmava nele a divindade do homem, à semelhança da crença hindu, referente ao Atman Brahman. Sem dúvida lhe concede, com certas limitações, uma significação moral que constitui o selo de sua raça. Sua finalidade é a realização extática de um verdadeiro yoga da 'justiça', concebida no duplo sentido do bem moral e do equilíbrio cósmico, ainda que mesclando-lhe carma (ação), bhakti (amor) e Gnana (sabedoria).

“- Na medida que um indivíduo experimenta o sentimento do justo, poderá unir-se à divindade. A imortalidade, a majestade divina, penetram em sua alma conjuntamente com a justiça... Os seres procedem do mesmo espírito, que tem diferentes nomes: amor, justiça e sabedoria, de acordo com suas manifestações, assim como o oceano muda de nome ao mudar a margem... O conhecimento desta lei desperta o sentimento religioso, origem de nossa felicidade suprema. Poder assombroso que seduz e arrasta! É o ar dos altos cumes, a beleza do céu, o silencioso cântico das estrelas, a felicidade do homem...” (discurso em Harward – 1838).

Emerson, tanto na maneira de falar como na de escrever, não era muito metódico; e Cabot, na biografia que lhe dedicou, disse que se conformava de bom grado com extratos e citações, melhor do que com livros originais.

Em troca, Thoreau era um grande leitor, e entre 1837 e 1862 foi vizinho de Emerson. Em Julho de 1846, este anota que Thoreau lhe deu alguns fragmentos de sua ‘Semana nos Rios Concord e Merrymack’. Pois bem, esta ‘semana’ transborda de entusiasmo pelo Gita, os magnos poemas e as elevadas filosofias da Índia. Thoreau desejava uma Joint Bible (uma Bíblia sintética) das escrituras asiáticas, hindus, chinesas, persas, hebréias, para leva-la até os confins da terra. Adotou como divisa esta legenda: ‘Ex Oriente Lux’.

É de se acreditar que estas sugestões não foram vãs para Emerson e que o ardente ‘asiatismo’ de Thoreau lhe contagiou.

Era o tempo em que estava em plena efervescência o Clube Transcendental. Fundado por ele em Boston. Desde 1840 seu periódico trimestral, cuja direção repartia com a americana Margarita Fuller, *The Dial*, publicava traduções de línguas orientais. A emoção que lhe produziu o pensamento indiano deve ter sido muito intensa, posto que escreveu, em 1856, uma poesia profundamente vedântica intitulada ‘Brahma’:

***“Se o vermelho assassino pensa que mata,
ou se o morto pensa que lhe mataram,
é porque não conhecem meus caminhos sutis.
se afastam e logo regressam.*”**

***O que se afasta e o que me esquece estão perto de mim:
sombra e sol são uma mesma coisa.
Os deuses desaparecidos me aparecem
E, a meu juízo, é o mesmo afronta ou fama.***

***Erram os que me esquecem.
Quando fogem de mim, eu lhes dou asas.
Sou o incrédulo e a dúvida.
É para mim que cantam os bramanes.***

***Os deuses poderosos se debilitam junto a minha morada
Em vão debilitam os Sete Sagrados
Porém tu, humilde amante do bem,
busca-me e volte as costas ao céu!”***

Deve-se levar em conta que a Nova Inglaterra atravessava então uma renovação espiritual muito à semelhança da explosão de idealismo da nossa Europa anterior a 1848. A anárquica Brookfarm, de Jorge Ripley (entre 1840 e 1847); a febril assembleia dos ‘Amigos do Progresso Universal’, celebrada em Boston no ano de 1840, agrupou a homens e mulheres de opiniões e profissões sumamente variadas, que ardiam em energias primitivas e aspiravam a libertar-se das mentiras do passado sem saber ao certo que ciência abraçar, pois as massas necessitavam a todo custo sua Verdade.

Ai! A que o meio século americano seguinte recolheu, não respondeu de nenhum modo a generosa espera da lua de mel! A verdade não estava madura e muito menos estavam os que aspiravam colhe-la.

Mas não foi por falta de nobres idéias ou de idéias-força, se não que se achavam excessivamente mescladas e assimiladas precipitadamente, sem deixar tempo a uma prudente digestão. As divergências produzidas pelos graves transtornos políticos e sociais a partir da Guerra de Secessão: a pressa morbosa que constituiu, mais cedo ou mais tarde, o ritmo precipitado da civilização, desequilibraram o espírito norte-americano durante muito tempo. Não é difícil achar na geração da segunda metade do século, as sementes plantadas pelos exploradores livres de Concord: Emerson e Thoreau. Mas, que pão mais estranho amassavam com aquela semente as equipes de Mind-Cure e de Mrs Mary Baker Eddy!

Uns e outros empregaram, com sabedoria ou não, elementos da Índia, depurando-os mediante o idealismo de Emerson; mas os rebaixaram até o nível de um utilitarismo trivial que buscava numa Science a sua semi-ciência orgulhosa e a seu semi-cristianismo.

O traço comum destas doutrinas é o otimismo ingênuo, que pretende resolver o problema do mal mediante a simples negação, ou seja, a omissão. 'O mal não existe, afastemos disso o olhar!'... Esta atitude intelectual, das mais ingênuas, costumava ser, com demasiada freqüência, a de Emerson. Evitava de toda forma, em seus temas, a enfermidade e a morte. Não queria sombras. 'Respeito a luz...' Mas era um respeito tímido, tinha a vista débil. Começava colocando uma cortina ao sol. Seu povo o imitou excessivamente. Dizem que este otimismo é necessário para trabalhar... Não me inspira muita confiança a energia de um povo, nem a de um homem, que se baseia nas condições previamente estabelecidas da *Natura Rerum*. Prefiro a frase de Margarita Fuller: 'Aceito o universo!' Aceitando-o ou não, o fundamental é vê-lo. Que se o veja de todo! Não tardaremos a ouvir a Vivekananda dizer para seus discípulos ingleses: "*Aprendam a reconhecer a Mãe tanto no mal, no terror, no nada, quanto no bem-estar e no gozo...*" Desde o fundo de seu sonho de amor e felicidade sabia ver o sorridente Ramakrishna e recordar os preconizadores do deus Bom, que a Bondade não basta para justificar a Força, que diariamente sacrifica milhares de inocentes. Esta é a diferença capital entre a Grécia e a Índia heróica do otimismo anglo-saxão. Aqueles olham frente a frente a realidade, tal como se conformam com ela (a Índia), a combatem (Grécia) e procuram domina-la. Mas em nenhuma suplanta a ação dos domínios da ciência como na América do Norte, onde a consciência foi domesticada para o serviço da ação e veste o uniforme e o gorro enfeitado com o nome de Pragmatismo. Pode supor-se que um Vivekananda não haveria de se conformar com semelhante indumentária, que caracterizava não sei que bastardos, degredados de seu glorioso vedantismo hindu, livre e soberano.

Mas por cima daqueles seres vivos havia um morto, cuja sombra era mil vezes mais cálida que aqueles reflexos do sol do Ser, ao lado dos frios cristais metodistas. Saia ao encontro de Vivekananda e lhe estendia sua ampla mão... Por que não a tomou?... Melhor dito (pois sabemos que, mais adiante, Vivekananda lia, na Índia, as Folhas de Ervas), a que se deve que os cronistas

de Vivekananda, em falta com o cuidado e a cultura, deixaram de lado em seus relatos o acontecimento capital, o encontro do embaixador do Alma Brahman com o cantor épico do Eu Mesmo, Walt Whitman?

Acabava de morrer no ano anterior, 26 de Março de 1892, perto de Camden, subúrbio da Filadélfia, e os ecos do seu funeral, não pagão (como se diz), mas exatamente dentro do espírito do universalismo hindu, ressoavam, contudo, na lembrança. Vivekananda conheceu vários íntimos de Withman; até fez amizade com o que deu o último adeus ao poeta, o célebre orador agnóstico e materialista Roberto Ingersoll. Discutiu com ele várias vezes, cordialmente. Como pode supor-se que não houvesse ouvido falar de Whitman?

Ainda que este grande homem é muito conhecido por múltiplos comentários, me parece necessário esboçar uma breve exposição de suas idéias religiosas, por ser o aspecto menos conhecido de sua obra.

Este pensamento nada tem de hermético. Whitman não velava sua nudez. Sua crença se exhibe constantemente em suas Folhas de Ervas. Se concentra, de maneira especial, num grande poema, que foi por demais eclipsado pelo Canto a Mim Mesmo e que é preciso voltar ao local em que o próprio Whitman o colocou, no começo da edição definitiva e imediatamente depois da Dedicatória. Trata-se da Startine from Paumanok. O que diz nele?

***“Inauguro uma religião...
...Afirmo que a Terra e os astros só existem para a religião...
Canto unicamente para lançar os germes de uma religião todavia maior.
Para que repartas comigo duas grandes idéias; e ainda mais outra coisa, que nasce, reunindo-as todas, com maior esplendor.
A grandeza do Amor e da Democracia e a grandeza da Religião.”***

Por que, pois, as duas primeiras grandezas, que ocupam o segundo plano, eclipsaram, para os comentaristas de Withman, a primeira, que as abarca e domina?

Tanto lhe interessou aquela religião que pensou em propaga-la por todo o país, mediante conferências, apesar do pouco que lhe agradava falar em público. Se resume numa só palavra, que soa como a música da alma hindu: Identidade. Enche sua obra. É encontrada em quase todos os poemas.

Identidade com todas as formas de vida, em todos os instantes; proximidade da unidade realizada e certeza da eternidade de todos os instantes, de menor átomo da existência.

Como sentiu Whitman esta fé?

Repentinamente, por iluminação, no transcurso de uma crise, pouco depois dos 30 anos e das emoções, não bem conhecidas, da viagem a Nova Orleans.

É pouco provável que ele jamais tivesse sido impressionado por um livro hindu. Quando Thoreau, em Novembro de 1856, lhe disse que suas Folhas de Ervas lhe recordavam os grandes poemas orientais, lhe perguntou se os conhecia, ao que Whitman respondeu categoricamente “Não!”. Não há, por outro lado, motivo para coloca-lo em dúvida. Lia pouco, não lhe agradava as bibliotecas nem os homens que nela se nutrem. Não parece que sentia curiosidade alguma em verificar as comparações que o reduzido círculo de Concord fazia entre seu pensamento e o da Ásia. Todas as vezes que falou da Ásia, o extremamente vago de sua expressão, nos demonstra sua ignorância.

Muito mais interessante é saber como pode, sem sair de si mesmo – um ‘si mesmo’ cem por cento americano – chegar, sem suspeitar, até a idéia védica (o parentesco não passou inadvertido para nenhum dos do grupo de Emerson, começando por ele mesmo, que disse a frase conhecida: ‘- *As Folhas de Ervas parecem uma mescla do Bhagavad Gita com o New York Herald*’).

O ponto de partida de Whitman é tão paradoxo quanto parece. Sua família paterna pertencia à esquerda do Quakerismo, agrupada ao redor de um crente livre, a quem Whitman, no final de sua vida, dedicou um opúsculo, Elias Hicks. Eram do grupo individualista, religiosos que, emancipados de toda igreja e credo, baseavam a religião na iluminação interna, no calado êxtase oculto.

Semelhante disposição moral teve que favorecer, desde a infância, um hábito de concentração mística, sem finalidade determinada, mas muito apta para infiltrar-se em todas as emoções da vida. O talento próprio do menino Whitman fez o resto. Tinha, por natureza, uma espécie de receptividade voraz que não só lhe levava, como aos espectadores vulgares, a buscar na parreira do Universo algumas uvas de prazer ou de dor, mas a identificar-se com todos os objetos que via. No admirável poema *Arroios de Outono*, descreve tão estranha disposição:

“Era um menino que saía diariamente e se identificava com o primeiro objeto que seus olhos vissem; aquele objeto se transformava numa parte de si mesmo durante o dia ou parte do dia, ou durante muitos anos ou imensos ciclos de anos...”

Puro e irreflexivo, o universo não era, para ele, objeto, mas sim sujeito, era ele mesmo. Quando se apercebeu disto, perto dos trinta anos (o que lhe pareceu seu verdadeiro nascimento), lhe deslumbrou um relâmpago, um lapso de êxtase:

“Oh, a satisfação de minha alma, o equilíbrio sobre si mesma, percebendo a identidade através das coisas materiais!... Minha alma enviada destas a mim, em vibrações!...”

Parecia-lhe despertar pela primeira vez e que tudo, antes, só havia sido um sonho efêmero.

Por último, em certas conferências de Emerson se descobre que o raciocínio completou a intuição, pois, naquele homem, para quem sempre foram indiferentes a lógica do raciocínio e as construções metafísicas, toda seqüência de idéias ia desembocar, necessariamente, no tema central, o qual abarca, recolhe e converte ao mesmo tempo em cada um dos diferentes objetos, condensando-se no átomo da vida. Que outra coisa pode ser o êxtase, o Samadhi mais embriagante de um bhakti-yogue, que chega repentinamente ao cuspide da realização e logo desce para realiza-la em todos os atos e pensamentos de sua vida cotidiana. As lembranças de Helen Price descrevem o estado de êxtase no qual ele sumia ao compor determinadas poesias.

Este exemplo nos demonstra a predisposição ao vedantismo que existia as América antes da chegada de Vivekananda. Na realidade, trata-se de uma disposição universal da alma humana em todos os países e que nada tem a ver, como supõe os vedantistas, com nenhum corpo de doutrina isolado, mas que segue as oscilações da evolução dos credos e costumes dos diferentes povos. Poderia dizer-se que este estado de ânimo está latente em todos quanto levam em si a chispa do fogo criador e, em particular, nos melhores artistas, em quem não só se reflete (como no frio olhar do médium) como também encarna o Universo. Tive ocasião de comprovar em Beethoven essa crise de união dionísica com a Mãe, qualquer que seja o nome com que se designe o Ser Oculto que a alma percebe em cada palpitação do mundo. A formosa poesia européia do século XIX, sobretudo a dos ingleses da época de Wordsworth e de Shelley, está cheia destes repentinos fulgores. Mas nenhum poeta ocidental havia conseguido erigir sua instituição em fé para seu povo, para o mundo e para a humanidade inteira.

Que estranho não tiverem sido confrontadas as crenças de Whitman e de Vivekananda! Quanto haveriam de surpreender tantas semelhanças imprevistas: o sentimento tão agudo em Whitman, tão opressor da viagem do *'eu através dos trilhões de anos e de suas incessantes encarnações'*, resume as perdas e ganhos das existências precedentes; o Atman Brahman, o eu duplo, o véu de Maya, que ele tira e, através de cujas malhas, brilha o olhar de Deus, o orbe composto de múltiplos orbes. *"Oh Tu, princípio dinâmico, Tu, germe latente, preciosamente conservado, Tu centro!"*, o glorioso Canto do Universal, no qual se realiza a fusão das antinomias por meio da harmonia, este abraço de todas as religiões, de todas as crenças e descrenças, e até das dúvidas de todos os temperamentos do pensamento, essa 'catolicidade' de todas as almas do universo, que era na Índia a verdadeira missão encomendada por Ramakrishna à seus discípulos, o **'Tudo é verdade!'** Não estavam aparentados também alguns traços de caráter individual? Esse orgulho desmedido que se equipara a Deus, esse espírito guerreiro de Kshatrya, inimigo do descanso, irmão da guerra, que não teme o perigo nem a morte, mas que os chama, esse culto tributado no terrível, que recorda as sombras e magníficas confidências de Vivekananda a Sister Nivedita na alucinante peregrinação ao Himalaia.

Desde logo não deixo de ter em conta o que em Whitman poderia desagradar a Vivekananda: a mescla absurda do New York Herald com o Gita, que provocou o fino sorriso de Emerson, aquele periodismo metafísico, aquela erudição mal acabada, tomada dos dicionários, aquela exibição, como um

Narciso com barbas, aquela enorme satisfação por si mesmo e por seu povo, aquele americanismo democrático cuja vanidade pueril deveria eriçar o aristocrático desdém do eminente hindu, sobretudo as comprometedoras concomitâncias daquele idealismo com as manobras suspeitas da ‘metafísica’, com as quais nunca foi indulgente Vivekananda.

Mas estas diferenças não podiam impedir as simpatias de Vivekananda por aquele formidável imã. Com efeito, Vivekananda lia, na Índia, Folhas de Ervas e chamava Whitman o ‘Sannyasin da América’, declarando deste modo seu parentesco. Devemos crer que não se realizou a descoberta até o final de sua permanência nos EUA? Na minuciosa relação publicada por seus discípulos, não se diz uma palavra a este respeito.

Seja como for, ali estava o espírito de Whitman, atestando que a América se encontrava disposta a recolher o pensamento hindu. Saía a seu encontro e o ancião profeta de Camden anunciou solenemente a chegada da Índia:

***“Até nós, oh cidade minha!
A geradora vem
o ninho de idiomas, a que nos legou os poemas
a raça de outro tempo
a raça de Brahman, vem”***

Lhe abriu os braços. Confiou a nave da democracia da América ao viajante religioso, o peregrino da Índia.

***“Também o passado está depositado em Ti...
Leva magníficos companheiros
A venerável Ásia sacerdotal viaja hoje contigo...”***

Os biógrafos indianos de Vivekananda tem incorrido numa distração lamentável ao não mencionar Whitman em primeiro termo entre os que fizeram ao hóspede os honores do novo continente.

Mas depois de voltar a coloca-lo no local que lhe corresponde – junto a Vivekananda, de costas e com a mesma largura de ombros – nos guardaremos muito de exagerar sua influência na América. Aquele Homero de ‘En Masa’ não conseguiu dignifica-las. Aquele pregoeiro dos grandes destinos da democracia americana morreu incompreendido, quase inadvertido pelas democracias do Novo Mundo. O cantor da Divina Mediana, só era querido e venerado por um grupo reduzido de artistas, por acaso mais pelos da Inglaterra que pelos dos EUA.

É o que ocorre com quase todos os verdadeiros representantes de seu povo, até quando este os desconhece; neles se geram antes do tempo as profundas energias que encerra a massa humana e que esta rechaça; eles a anunciam. Cedo ou tarde haverão de explodir. Um Whitman foi o índice genial da alma que dormia (ainda não se despertou completamente) nas oceânicas profundidades do seu povo.

O Autor:



Romain Rolland

(Clamecy, 29.01.1866 — Vézelay, 30.12.1944)

Romain Rolland foi um romancista, biógrafo e músico francês. Ganhou o Nobel de Literatura em 1915.

Doutorou-se em Arte em 1895, foi professor de História da Arte na École Normale de Paris e professor de História da Música na Sorbonne.

Para além da sua atividade docente, foi um reconhecido crítico de música. Estreou-se na escrita em 1897 com a peça *Saint-Louis*, que, juntamente com *Aërt* (1898) e *Le Triomphe de la Raison* (1899), fez parte da trilogia *Les Tragedies de la Foi* (1909). Em 1910 retirou-se do ensino para se dedicar inteiramente à escrita.

Na sua obra concilia o idealismo patriótico com um internacionalismo humanista. Escreveu peças de teatro, biografias (*Vie de Beethoven*, 1903; *Mahatma Gandhi*, 1924), um manifesto pacifista (*Au-dessus de la mêlée*, 1915) e dois ciclos romanescos: *Jean-Christophe* (10 vols., 1904-1912), "roman-fleuve" (segundo as palavras do autor) consagrado a um músico genial, e *L'Âme enchantée* (7 vols., 1922-1934). Em 1923, fundou a revista *Europe*.